

07



LUI LUI  
WINTER  
07

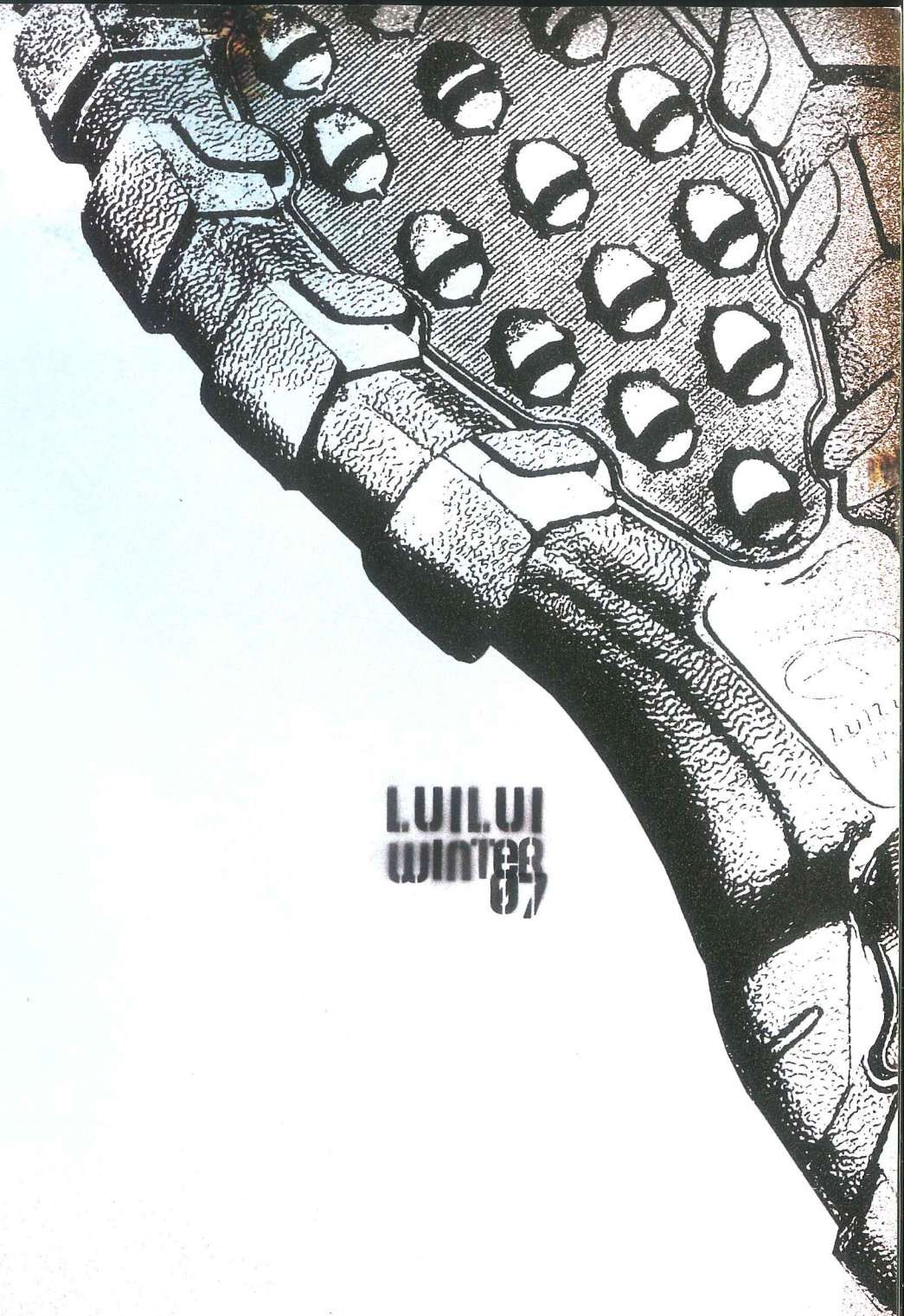




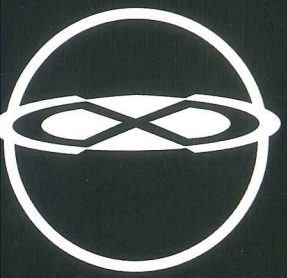
07

**SYLVIO  
MANCUSI**

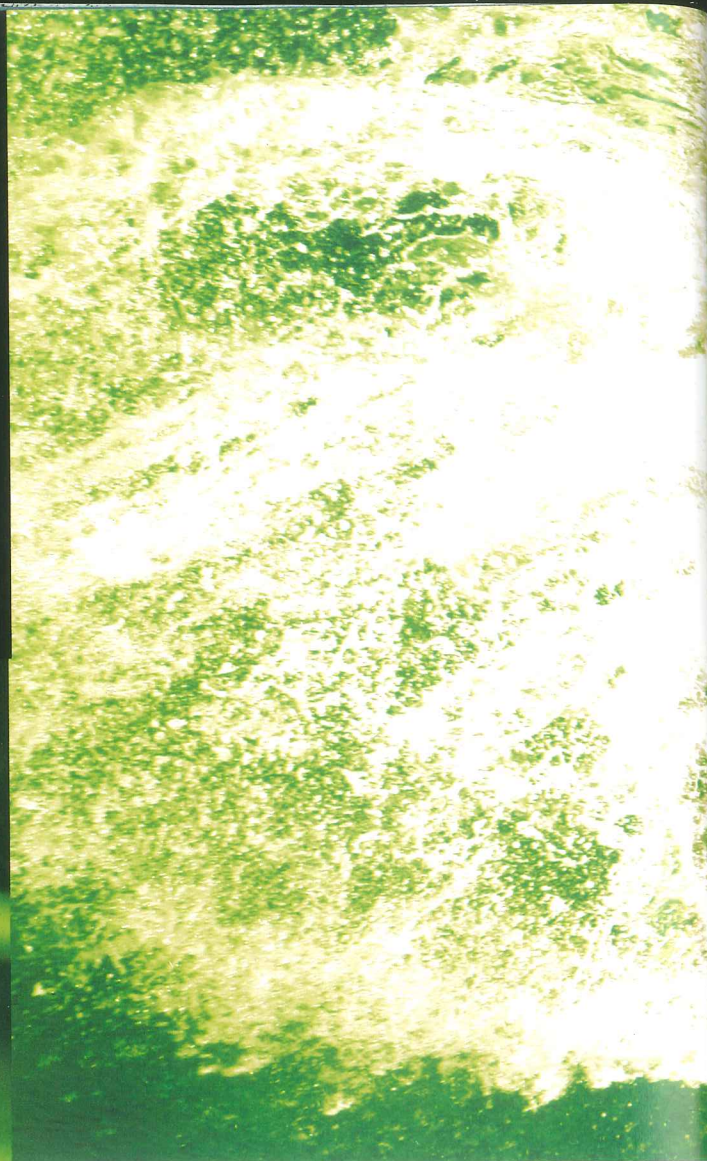
**LUI LUI  
WINTER  
07**







7h00

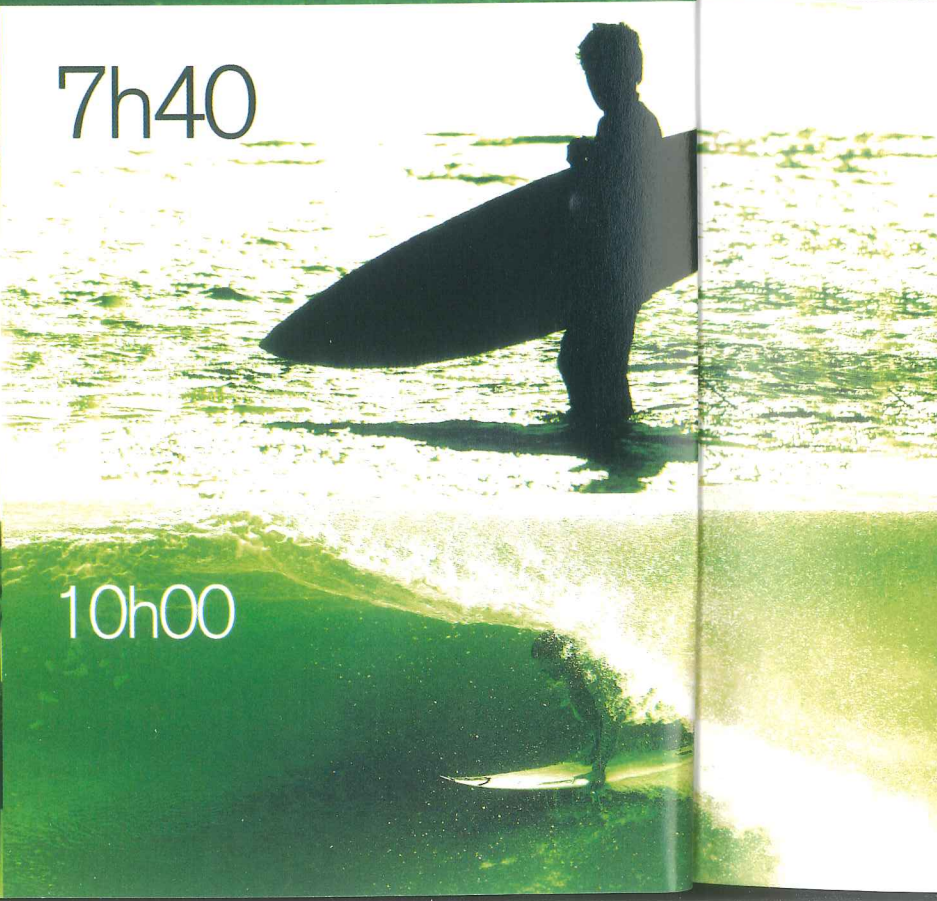


15h00

>>allensdesign



7h40



10h00

16h30





18h00

Areia grudada na pele, cabeça doendo do sol, prancha quebrada no meio e braço doendo de tanto remar.

Obrigado senhor!!!!



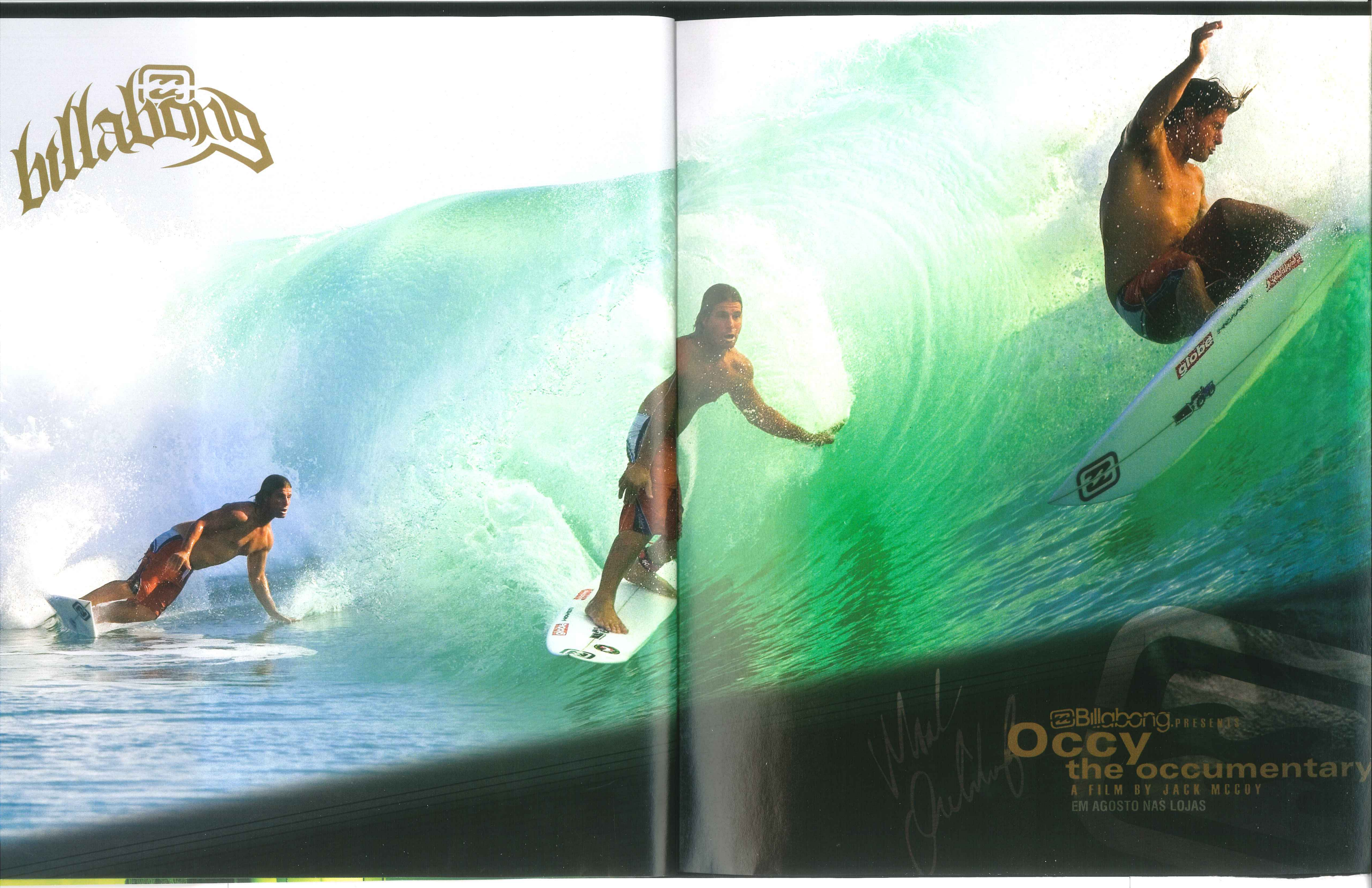
BS 3208 | SNAKE  
aguenta a porrada do dia a dia.

SURF É NOSSA VIDA





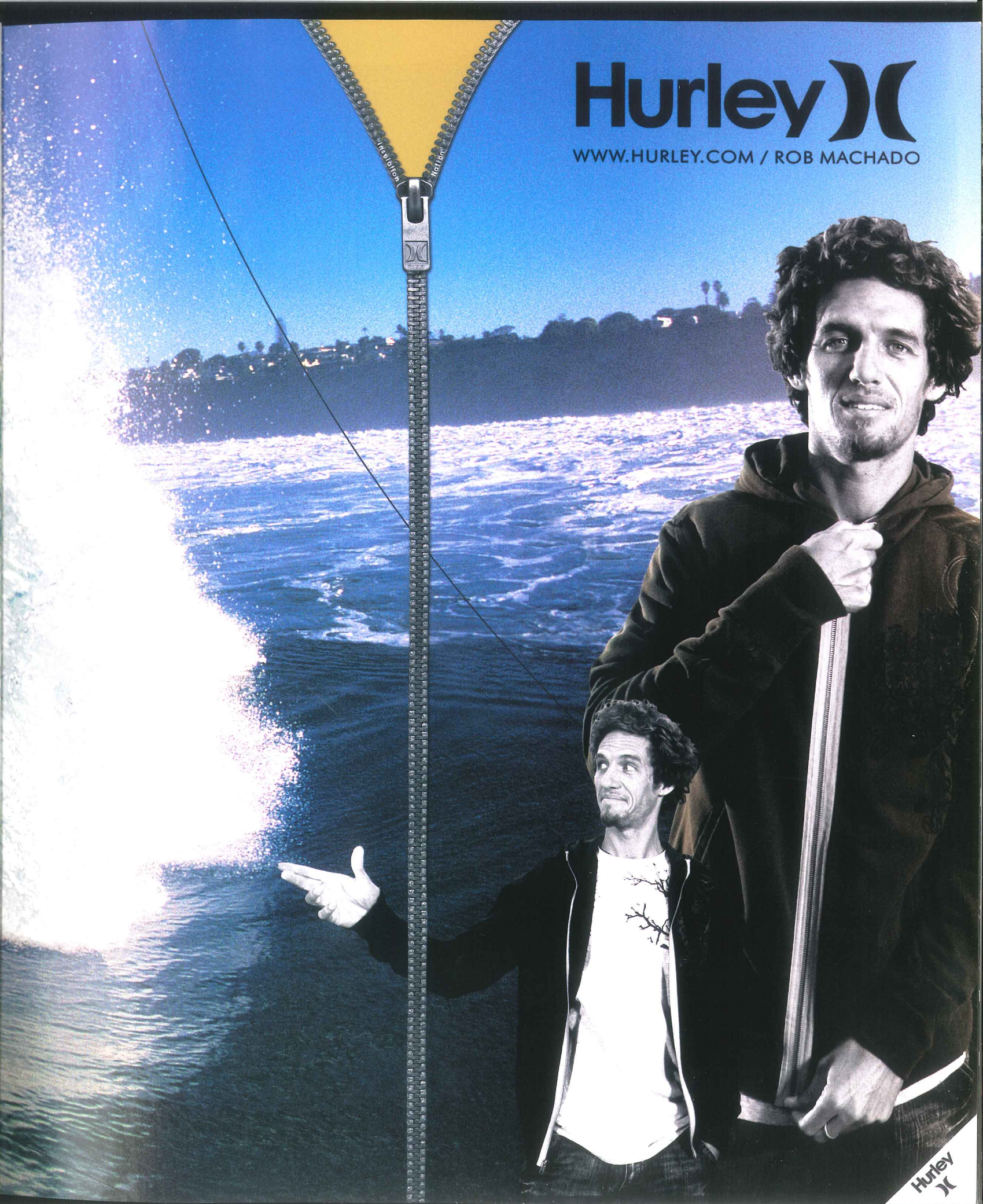
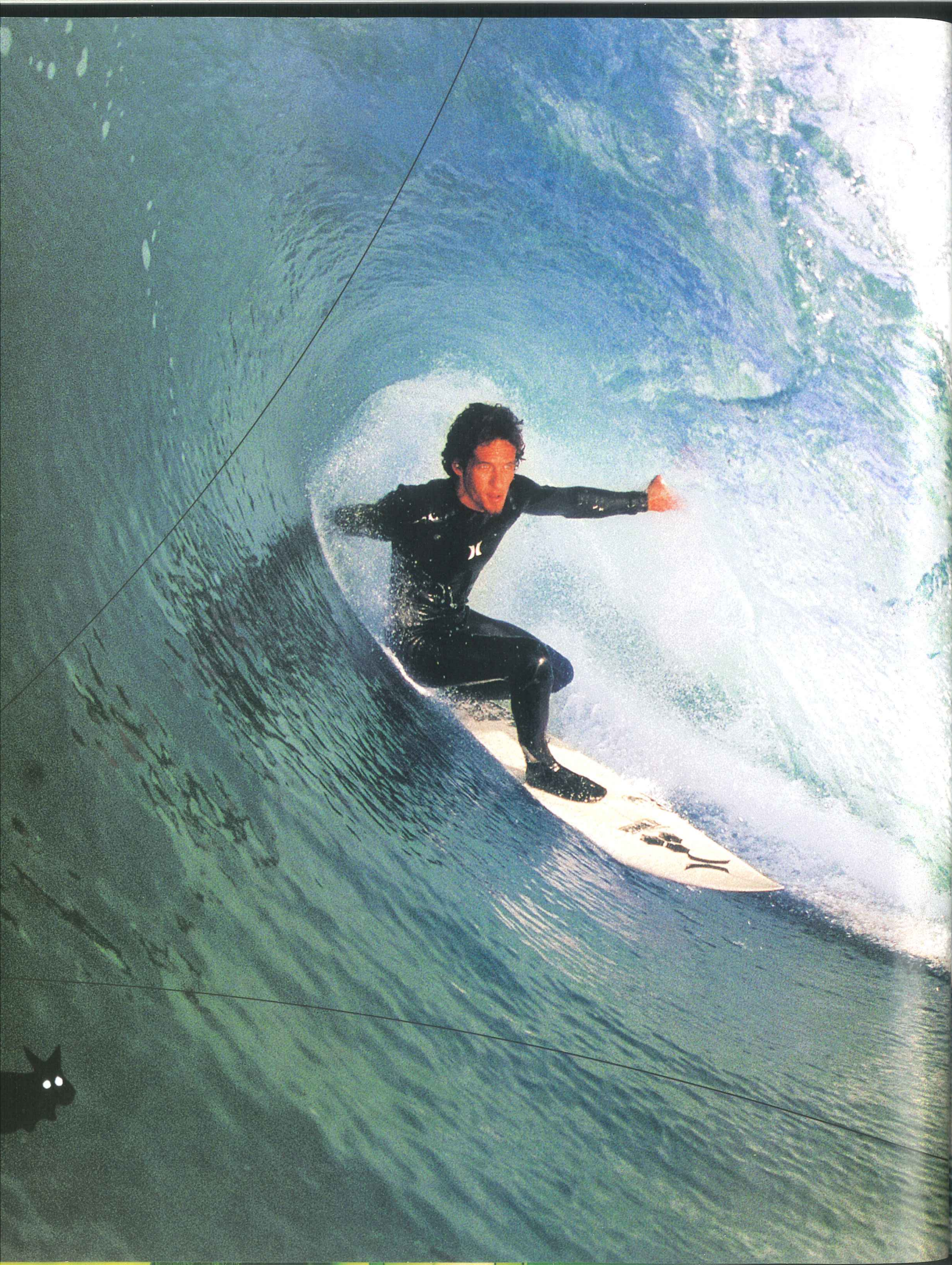
Billabong



*What's Out There*

Billabong PRESENTS  
**Occy**  
the occumentary  
A FILM BY JACK MCCOY  
EM AGOSTO NAS LOJAS





**Hurley**   
WWW.HURLEY.COM / ROB MACHADO

**Hurley** 





BRUCE IRONS



A EVOLUÇÃO CONTINUA  
VISITE O SITE: [MYSPACE.COM/SQUAREO](http://MYSPACE.COM/SQUAREO)



WORLD QUALIFYING SERIES

6 STAR EVENT

16 a 21  
OUTUBRO



# MAREZIA SURF WQS INTERNATIONAL



PRAIA BRAVA - ITAJAÍ - SC

Realização



Apoio



O Governo Popular faz para todos





# edi- torial

 > Romeu Andreatta

## Terra, mar e ar

Coincidência ou não, terra mar e ar era o nome da minha primeira empresa, a que pariu e hospedou, entre outras grandes conquistas, a revista *Fluir*. Acho que eu e meus sócios da época queríamos o que queremos hoje, uma sociedade consciente da vida como ela é, onde enxergamos toda a nossa filosofia sobre esse nome.

Hoje, mais do que nunca, estar consciente destes elementos é estar vivo, e editar a ALMA SURF nunca deixou de ser um exercício filosófico de dividir com outros a nossa maneira de ver, sentir e expressar. Nesta edição, como em outros tempos, vejo um bom momento para balizar e centrar nossos pensamentos, já que, no final, tudo é terra mar e ar.

O surf nos conecta com o mar, que nos acorda para a terra e nos coloca no ar. Somos conectados e assim voltamos para uma energia que está sempre se renovando a cada celebração. Seja com a terra, que nesta edição se apresenta vestida de branco em montanhas plácidas com o snowkite, a mais nova modalidade de snowboard, em que, além de descer ladeira abaixo, os surfistas encaram subidas voando de kite, em uma matéria maravilhosa clicada pelo Marcelo Naddeo, fotógrafo e artista de talento. No ar, Guilly Brandão e Sylvio Mancusi traçam e voam o projeto kitesurf nas ondas do mar, aonde a ALMA SURF vai junto mostrar ondas surfadas de kite no Peru, ilhas Maurício e Hawaii – é... Hawaii na Spring season é ar e vento.

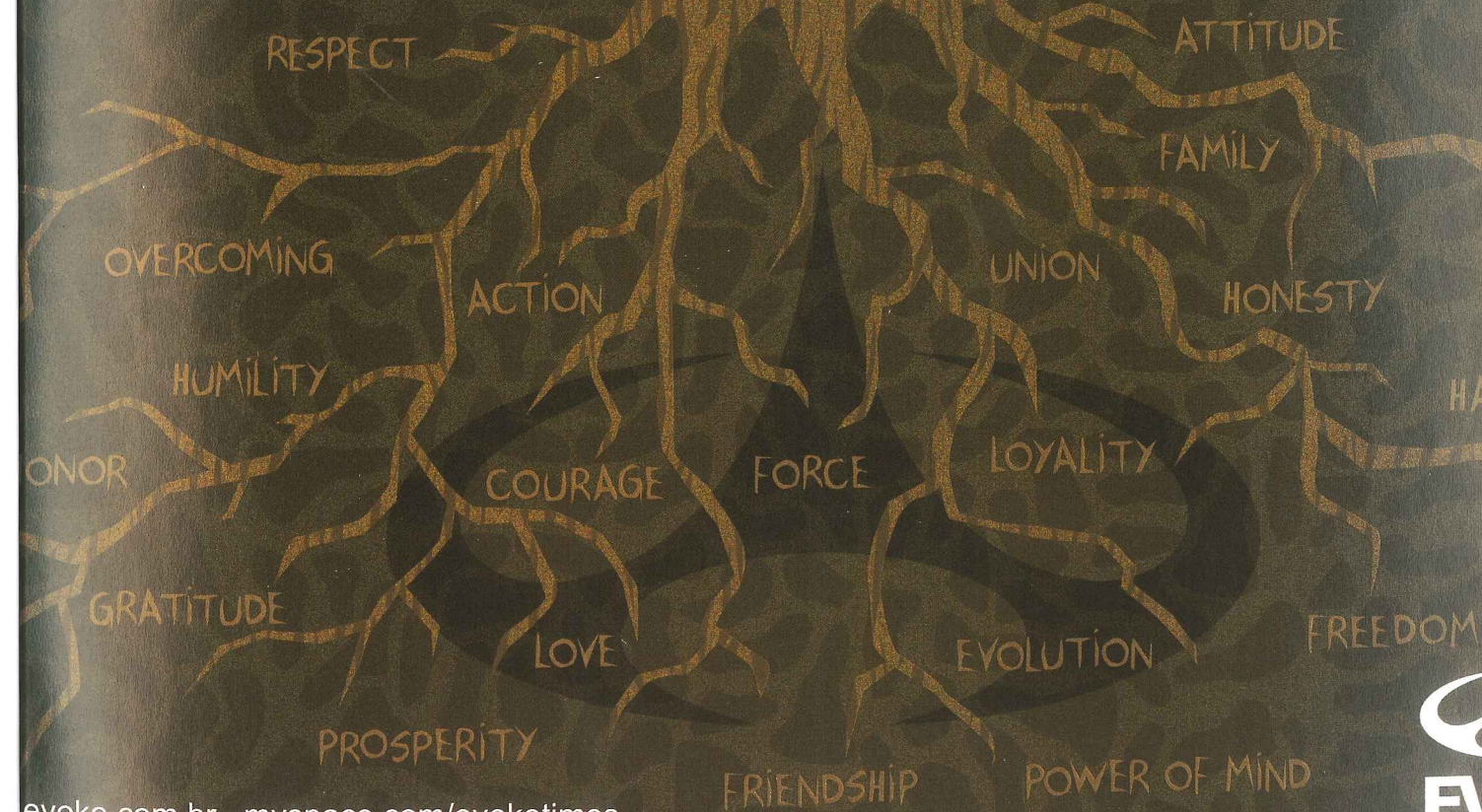
No mar... no mar, estamos em todos os oceanos e em todos os lugares em que acontece o melhor da praia e do mar: França, África, Chile, Taiti, Maresias, Califórnia, Espanha, Peru; as melhores ondas, os melhores surfistas, as melhores festas, as melhores emoções. Muito bem posicionados no pico.

A ALMA SURF está acontecendo. Acabamos de lançar um livro que nos orgulha muito. É particularmente uma honra editar o *Alma Santista* ao lado do Jair Bortoleto e da minha equipe, que agora finaliza mais um livro, o qual acompanha gratuitamente esta edição, a *A história da prancha*, escrito pelo Ben Marcus, encartado na nossa maior revista em todos os sentidos – 150 páginas, maior tiragem e circulação aferida de uma edição mundial: do planeta terra, mar e ar.

Gostaria de parabenizar algumas pessoas. Uma delas é Sylvio Mancusi, por tudo mais deep que já vi em alguém. Ao Fábio Gliosci, da Central Surf, a alma boa do momento, pela maravilhosa ação de aproveitamento total de seu estoque, beneficiando e alegrando praianos que tanto necessitam. E ao Phil Razjman e à equipe brasileira de longboard, pelo feito inédito da brilhante conquista do título mundial na França. Parabéns!

O mundo é aqui na Alma do Surf, com alma surf, consciente, alerta e meditando. Desligue sua mente, vamos surfar. Estou indo para Maresias...  
Romeu Andreatta

# EVOKE IT



[evoke.com.br](http://evoke.com.br) · [myspace.com/evoketimes](http://myspace.com/evoketimes)

© 2007 Evoke eyewear. All rights reserved.

  
EVOKE  
E Y E





# SANTA ★ MÁRIA

www.smsantamaria.com.br

## ÍNDICE

- 26 **Cultura de praia** → Sensações
- 30 **Sport Surf** → Brasil campeão do mundo
  
- 40 Emmett Malloy → Califórnia
- 48 Rogue Waves → Ondas Oceânicas
  
- 54 **França** → Immersion en mer française
- 62 **África** → Jeffrey's Bay
- 70 **Tahiti** → por Aleko Stergiou
- 84 **Tow-in Tahiti** → Família
  
- 90 Kite Surf → por Sylvio Mancusi
- 98 SnowKite → A onda de neve!
  
- 108 **Brasil** → Tow-in Maresias
- 122 **Chile** → El Gringo, Arica
  
- 134 **DNA** → Temporada de inverno
- 136 **Surf Tecnologia** → Surfboard ID
- 138 **Meio ambiente** → Prancha oca
- 140 **Alma Lançamentos** → RJ e Santos
- 142 **Surf Cósmico** → Evolução

## EXPEDIENTE

ALMA SURF  
COSMMOS DO BRASIL PRODUÇÃO EDITORIAL  
Mária Dias Carvalho

Publisher  
Romeu Andreatta Filho

Editor: Adriano Vasconcellos vasconcellos@almasurf.com.br  
Direção de Arte Sergio Cury Arte Finalista Paulo Espinoza  
Revisão Francisco José M. Couto

Estagiária de Redação Marília Besser marilia@almasurf.com.br  
Colaboraram nesta Edição: Textos Aleko Stergiou, Anselmo Venansi, Ben Marcus (Califórnia - USA),  
Guilherme Maia Rosa, Juliana Sana Moraes, Manoela D'Almeida, Pedro Tojal, Reinaldo Andraus, Rico de Souza  
Roberta Borges, Sylvio Mancusi e Taiu Bueno Fotografia Akiwas, Aleko Stergiou, Allison Louback, Anselmo  
Venansi Cachorrão, Bidu, Daniel Ferrentini, Fedoca, Jason Wolcott, Ju Moraes, Lika Maia, Manoela D'Almeida,  
Marcelo Naddeo, Pedro Tojal, Philip Muler, Roberta Borges, Sean Rowland, e Tim McKenna.

Publicidade Mauro Onosaki mauro@almasurf.com.br  
Assistente Comercial Adriana Moraes

Departamento Financeiro Fabio Augusto Pilch fabio@almasurf.com.br

Distribuição Dinap S.A. - Distribuidora Nacional de Publicações  
Impressão Araguaia  
Jornalista Responsável Adriano Vasconcellos MTB 45720

A revista Alma Surf é uma publicação bimestral da  
Cosmmos do Brasil Produção Editorial Ltda. As matérias publicadas não refletem necessariamente a  
opinião da revista e sim a de seus autores.

Alma Cultural Fabio Augusto Pilch fabio@almasurf.com.br  
Correspondência Rua Dr. Fonseca Brasil, 295 Morumbi - São Paulo - SP - 05716-060  
Telefone: 55 11 3744-3711 e-mail: almasurf@almasurf.com.br  
www.almasurf.com.br  
Para assinar: (11) 3744-3711  
assinatura@almasurf.com.br

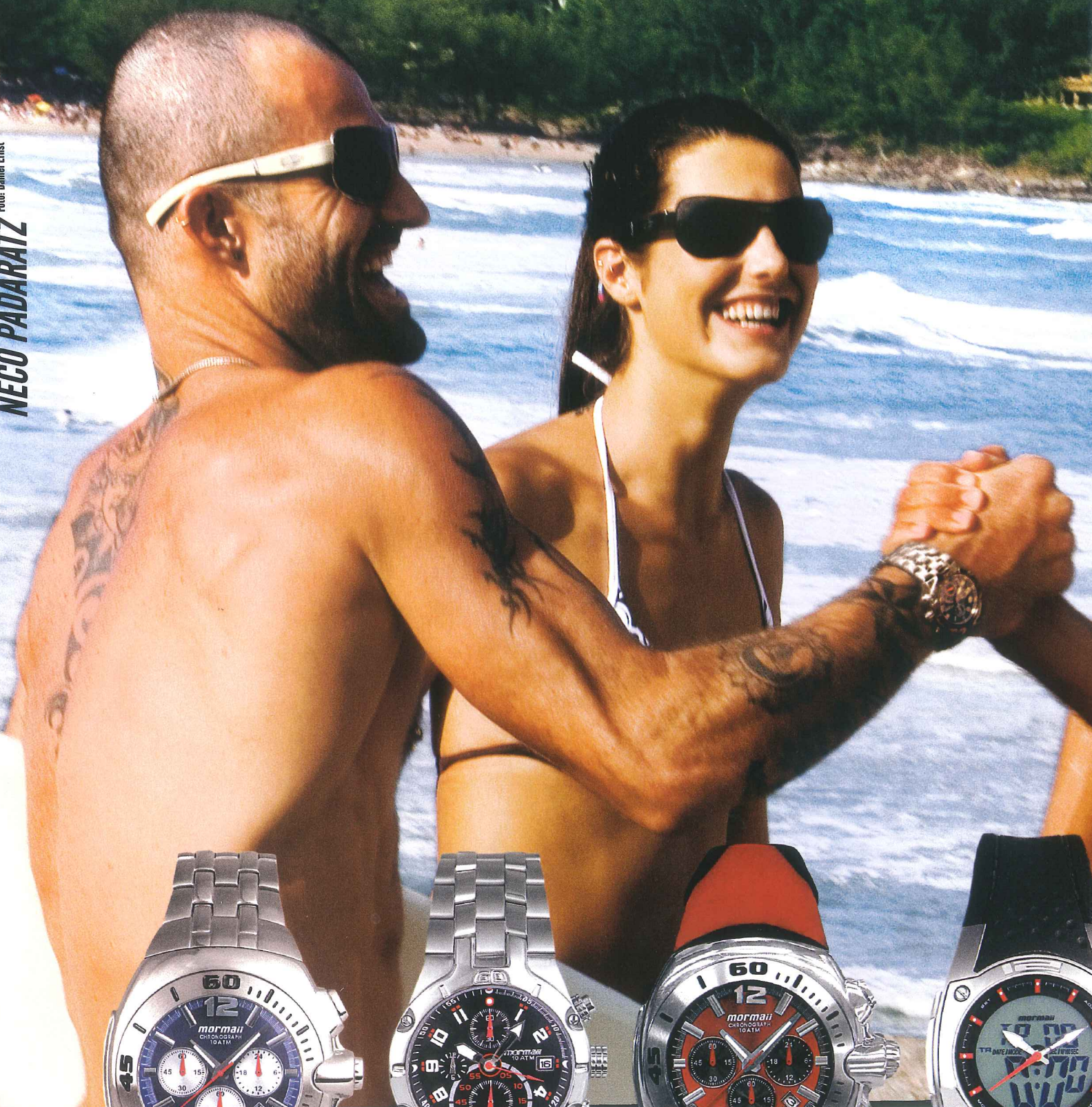
Foto de capa Roberta Borges, San Sebastian, Espanha

Tiragem desta edição: 25.000 exemplares





Foto: Daniel Ernst  
**NECO PADARATZ**



**KAULI SEADI**



OS20CFIA



OS10BFIP



OS20B08R



CA

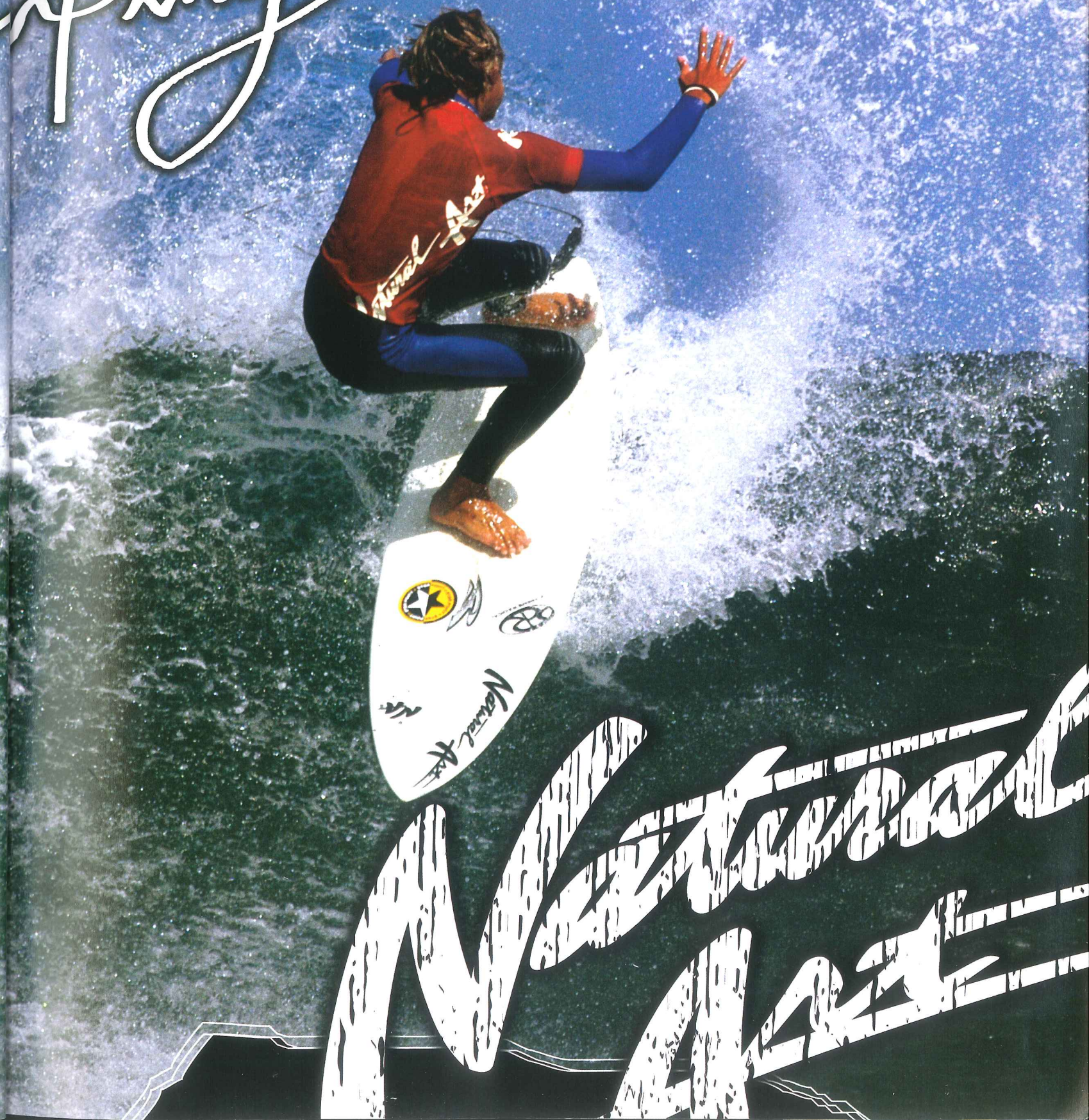
100% AÇO  
CRONÓGRAFO  
A PROVA D'ÁGUA 100m

**mormati**  
WATCHES





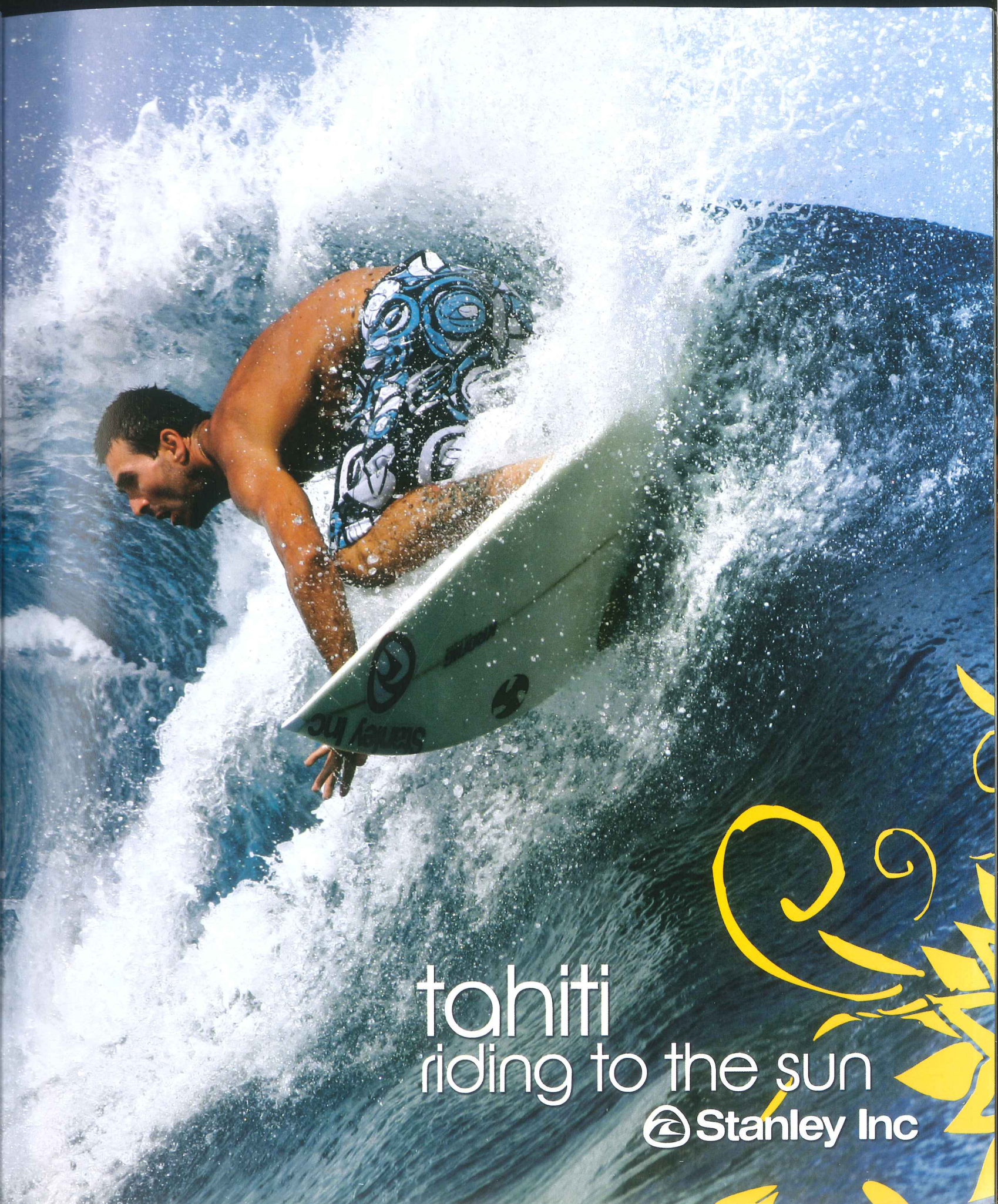
Surfing is a ... *Natural Art*



*Natural Art*



mium  
ardshorts



tahiti  
riding to the sun  
Stanley Inc





à esq., **Matt Costa** no *The Happening*.  
Acima, *Thread*, filme de **Patrick Trefz**

**E** COLUNA > Cultura : por **Adriano Vasconcellos**

## Sensações

### Thread

Vibrante e talentoso, Patrick Trefz está lançando seu novo filme, *Thread*, um longa-metragem de 70 minutos filmado em 16 e 8 mm, que mostra a busca criativa de surfistas que percorrem vários cantos do mundo atrás de situações que provoquem de alguma forma o prazer de surfar, sempre preservando os gostos e as características de cada um, de diferentes formação e épocas.

Conceituado filmmaker da nova geração, fotógrafo e reconhecido artista plástico do norte da Califórnia, Patrick Trefz leva a característica do movimento cultural da cidade em que vive, inclusive tendo publicado um livro sobre ela, *Santa Cruz - Visions of Surf City*, que exhibe a tendência de seu trabalho. Influenciado por artistas como Rick Griffin, Jim Phillips e Art Brewer, já participou de produções como *Sprout* de Thomas Campbell, além de ser figura carimbada no Moonshine Festival e nas principais exposições de arte surf dos Estados Unidos.

Trefz é o mesmo do curta-metragem *Bicycle Trip*, uma das exhibições mais aplaudidas da II Mostra Internacional da Arte e Cultura Surf, realizada no ano de 2005 em São Paulo, filme que revela cenas da vida surf tanto dentro como fora d'água, mescladas ao cotidiano vivido nas praias da Califórnia. Em conversa com a *Alma Surf*, o artista contou que em sua nova produção buscou editar movimentos constantes da performance de surfistas clássicos como Joel Tudor, Joe Curren, Rusty Long, Taylor Knox, Tom Carrol, Jim Denevan, entre outros, intencionado a interagir mais com diferentes culturas, mas que tem no surf seu momento de tranquilidade, por isso foi gravado em países de costumes opostos: Grécia, França, oeste da África, México, Havaí e Nova York.

Usando o próprio nome do filme, *Thread* (algo como linha de costura), Trefz amarrando diferentes planos distintos. "Quero passar a mensagem de que as culturas podem variar entre os surfistas e os lugares, mas que a busca do bem-estar é muito parecida. O surf provoca a integração das pessoas, e uma delas é por meio de suas representações, que muitas vezes falam mais do que palavras". Aliás, essa é uma outra característica de Trefz, sua obra é sempre

construída sobre takes e fusões de artes e comportamento. "Criar produções que envolvam arte, fotografia, cinema e música (o filme apresenta algumas jam sessions de músicos surfistas) é o caminho para alcançar um maior número de pessoas por meio de contrastes." Patrick Trefz abusa da mescla do preto-e-branco com o colorido, marcas vitais de sua obra. "É paixão, sonho, vejo e penso em ambos os jeitos."

[www.patricktrefz.com](http://www.patricktrefz.com) / [www.threadthefilm.com](http://www.threadthefilm.com)

### The Happening

Arte, música, cinema, surf e skateboard, assim foi *The Happening*, evento realizado em Nova York que uniu um seleto grupo de artistas e fotógrafos contemporâneos do surf e do skate. O evento ocorreu em duas badaladas casas de Nova York, já que a exposição de arte aconteceu na Milk Gallery, e depois se transportou para o pomposo Hiro Ballroom do Maritime Hotel, há apenas um quarteirão da galeria, que teve um fecho de noite embalado pelas canções de Matt Costa, Mason Jennings, Emily Haines e Money Mark (Beastie Boys).

Artistas da Califórnia e de Nova York promoveram uma exposição marcante para a cena nova-iorquina de artes com obras de Michael Halsband, Thomas Campbell, Dylan Griffin, David Carson, Andy Davis, Wolfgang Bloch, Jeff Canham, David Lloyd, Greg LaMarche, Geoff McFetridge, Julie Goldstein, Alex Kopps, Herbie Fletcher, Jamie Brisick e Joe Curren, entre outros. O evento também apresentou a première do filme *1st & Hope*, exibindo uma nova ótica do skate através das lentes dos irmãos Malloy e Brian Lotti.

*The Happening* foi organizado pelo galerista Will Pennartz, arrecadou fundos para instituições sem fins lucrativos, tais como Tuberous Sclerosis Alliance, National Transplant Assistance Fund e SurfAid Internacional.

[www.thehappeninglive.com](http://www.thehappeninglive.com)

[www.smsantamaria.com.br](http://www.smsantamaria.com.br)

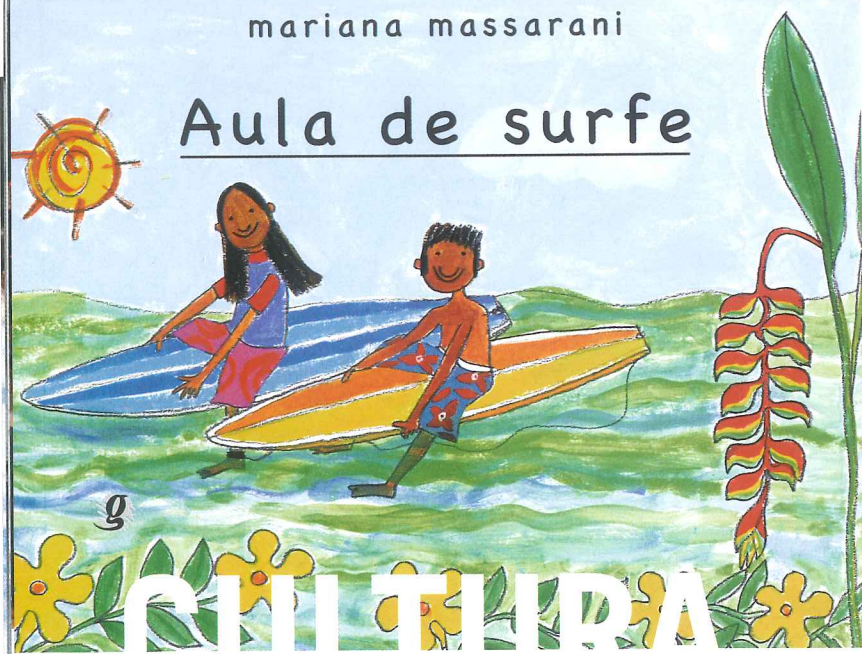
SANTA  
MARIA





mariana massarani

## Aula de surfe



g  
CULTURA

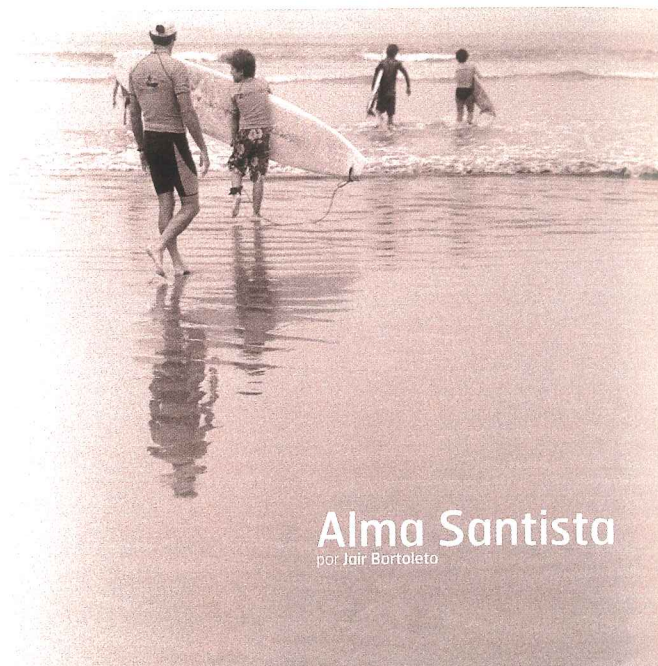
### Aula de surfe

Mariana Massarani, autora do livro *Aula de surfe*, sempre teve a vida ligada à praia. Carioca da gema, começou a fazer aulas de surf há apenas 2 anos, quando ela tinha... 42. Ilustradora convicta, apaixonou-se pelo esporte praticado no mar e manteve um diário gráfico das aulas. “Eu gostava tanto dessas aulas, me sentia tão feliz, que comecei a desenhar por puro prazer”, conta a autora de outros seis livros de ilustração infantis, e que diz ter começado a pensar em criar um livro de surf direcionado às crianças ao perceber que o mesmo poderia exercer uma função fundamental na formação dos pequenos. “Praticar o surf mexe com todos os sentidos do ser humano. Envolve coordenação motora e envolve vários tipos de outros esportes. Trabalha também o condicionamento físico, equilíbrio, percepção, prepara as emoções. Além de que o praticante tem de possuir conhecimentos básicos sobre condições climáticas para saber lidar com o mar.” A educadora viu num livro infantil a chance de transmitir uma mensagem positiva para o futuro. “O fundamental hoje em dia para a educação das crianças é transmitir a consciência de que o meio ambiente é o nosso bem mais precioso, e que temos de preservar e cuidar da nossa casa.”

O livro apresenta a ‘estória’ do primeiro dia em uma aula de surf de Victória e Felipe, duas crianças que têm nos pais surfistas o orgulho pelo ingresso na vida no mar. O conto mostra que, nas aulas da escolinha de surf, alunos de todas as idades vivem a mesma emoção, percebendo o quão importante é o companheirismo dentro e fora d’água.

*Aula de surfe* também comporta um pequeno vocabulário para que o leitor se familiarize com os termos e gírias utilizadas pelos surfistas, quebrando uma possível timidez de algum novato. “O surf mudou sua vida. Quero que as pessoas vão ao encontro das ondas. Ao começar a interagir diretamente com a natureza, o surfista percebe que o esporte é muito mais do que só uma atividade, sendo difícil até explicar o que proporciona”, diz a autora, incentivando os leitores, crianças ou adultos de 8 a 80 anos a irem surfar. “Espero que o livro provoque alegria nas pessoas. Tentei passar o clima gostoso que sinto quando vou à praia pegar as marolas safadas de que eu tanto gosto.”

[www.globoeditora.com.br](http://www.globoeditora.com.br)



Alma Santista

por Jair Bortoleto

### Alma Santista

“É uma grata surpresa perceber que a preocupação com a arte permeou o meio do surf. A realização e concretização de um livro como *Alma Santista*, com todo o feeling que passa e como documento que é, emociona quem conhece a história e a representatividade de Santos e seus personagens dentro do cenário do surf nacional”, assim comentou Reinaldo Andraus, um dos jornalistas mais respeitados do surf brasileiro, em um dos seus pensamentos sobre o livro do fotógrafo e poeta Jair Bortoleto.

Não é para menos, os retratos em preto-e-branco de Jair Bortoleto transformam em leveza o ato de folhear o livro, em que a alegre mistura com fotos coloridas de pontos característicos de Santos – como a Ponte Pênsil de São Vicente, primeira do Brasil, a Garganta do Diabo, onde quebram as maiores ondas da baixada, a Estátua de Osmar Gonçalves, conhecido como o primeiro surfista do Brasil, manhãs de março no José Menino e o maior jardim de praia do mundo –, entre outras imagens, mexe com as emoções dos amantes do surf.

*Alma santista* transporta os leitores por todas as gerações de surf da Baixada, desde o início de tudo, com os americanos Thomaz e Margo Rittscher, até os mais novos, como o menino Noa, futuro do surf santista. Importantes nomes e ídolos dão o ar de graça através das lentes de Jair, como Cisco Aranã, Naldinho Homero, Picuruta Salazar, os irmãos Twins, Tyola, Marcos Bukão, Jairzinho de Oliveira, os irmãos Wolthers, mesclados a outros ícones da cidade integrados às artes de Mai-Britt e Santana. Isso tudo, somado à arte dos fotógrafos convidados Berenice Kauffmann Abud e Jair E. Filho, mais às poesias do próprio Jair e aos textos dos pensadores Ucho Carvalho, Herbert Passos Neto e Romeu Andreatta, todos santistas de alma, faz do livro uma obra-prima sobre Santos. *Alma Santista* é uma belíssima declaração de amor de Jair Bortoleto à cidade que possui a cultura de praia mais original do Brasil, um artista de essência límpida, que busca nas expressões e movimentos a arte dos sentimentos do surf e do amor, ‘a pureza da imperfeição’ de situações que passam por seus olhos.

[www.jairbortoleto.com](http://www.jairbortoleto.com) / [www.almasurf.com.br](http://www.almasurf.com.br)

BODY  
& MIND  
& SPIRIT

Op

OceanPac

[www.op.com](http://www.op.com)





**Victor Ribas**, melhor brasileiro na história do WCT. El Gringo, Arica, Chile 2007

**E** COLUNA > Sport Surf : por Reinaldo Andraus

# Brasil campeão mundial

O que deu certo! O que está dando errado?

A performance brasileira no cenário da ASP sempre foi uma questão de tensão tanto para a mídia como para a comunidade surfística brasileira. Os apaixonados torcedores querem ver a glória; os atletas querem mostrar sua categoria; o mercado, os patrocinadores, dependem das estrelas, a mídia "se alimenta" dos ídolos... mas o caminho não é fácil.

Fazer uma análise de erros e acertos nos leva ao meio de um intrincado novelo, os ingredientes são tantos que a perda do verdadeiro foco pode ser (está sendo) fatal. Vamos tentar esmiuçar este cenário, o ambiente em que são forjados os melhores surfistas competidores do planeta e procurar entender o que poderá nos levar ao topo do WCT.

Em primeiro lugar, é bom deixar claro que o ápice dessa história é a conquista de um caneco do primeiro escalão masculino da ASP. O recente título de Phil Rajzman, no longboard, vai nos dar uma luz sobre esta análise. Somos também os maiores vencedores do WQS, mas hoje, estamos num ponto, num grau de exigência, em que o que almejamos é o título do WCT. Queremos um Kelly, um Senna, um Guga, um atleta para podermos estufar o peito e falar: "Temos O Melhor do Mundo". A vitória de Phil é pouco... Phil é demais!!!

## O EXEMPLO DO LONGBOARD

Nossa busca de um título mundial do pranchão começou praticamente junto com a consciência de que tínhamos chance de brigar para sermos os melhores no surf. O estalo veio com o título de Fábio Gouveia, em 88, no Mundial Amador de Porto Rico. Rico de Souza também foi vice lá e ao final daquele mesmo ano foi vice da ASP, no profissional. A vitória de Fabinho nos fez enxergar a luz. A partir daí todo

um "movimento" teve um start... e no próximo mês de fevereiro estaremos completando 20 anos do vislumbre de um desejo. Da pulga colocada atrás da orelha: "podemos ser os melhores do mundo".

O mais curioso nesta história é constatar que, ao mesmo tempo em que ganhamos terreno, chegando a apavorar os pilares do establishment gringo (em alguns momentos), hoje parece que estamos mais distantes do que nunca do objetivo primordial - Foster's ASP World Tour Men's Title. Isso porque a linha de ponta, os pontas-de-lança do esporte, ditaram um ritmo que fomos incapazes de acompanhar, pelo menos nas pranchinhas. Nosso melhor atleta na temporada passada, Adriano de Souza, vigésimo e único a se classificar direto pelo WCT, está ainda muito longe dos Top 6 do ranking. Na história da ASP, deixamos nos anais de registro um terceiro de Vítinho (99), um quinto de Gouveia (92) e o vice de Jaque (02) e ainda sete títulos do WQS.

A vitória de Phil Rajzman em 2007, enaltecida pela segunda colocação de Danilo Mullinha e o terceiro posto (empatado com Bonga Perkins) de Carlos Bahia, tiveram um respaldo, de envergadura contundente, da parte de surfistas legendários e experientes como Picuruta Salazar e Amaro Matos, que vieram pavimentando a estrada para estes três (e outros) jovens talentos. O espírito de equipe dos longboarders brasileiros foi fundamental na realização desta façanha na França. Mas este não é o único fator que devemos colocar na balança, vamos analisar uma série de episódios que pesam na evolução do Sport Surf, que poderão desembocar na concretização do sonho de uma nação.

BODY  
& MIND  
& SPIRIT

Associação MAPA.com.br

Op  
OceanPa

www.op.co



## FATORES

### Mudança para o Dream Tour

Desde a década passada a ASP vem procurando elevar o nível de qualidade das ondas nas quais são realizadas as etapas do WCT. Embora não creio que tenha havido uma idéia premeditada de prejudicar os brasileiros com essa alteração (afinal de contas o objetivo era melhorar o espetáculo e isso foi alcançado), indiretamente, os brazucas foram os surfistas mais abalados pela introdução destes novos sítios de campeonatos. Isso nos leva direto ao segundo fator desta equação.

### Falta investimento em viagens

Por mais que já seja público e notório, a única forma de nossos atletas atingirem um padrão de competitividade nas ondas do Dream Tour é através de extensivas viagens, pegando cancha em ondas similares às do Hawaii, Tahiti e point breaks como J-Bay... Depois de nossos atletas serem aprovados na maratona, principalmente de beach breaks, do WQS, ainda falta muito chão para que possam duelar de igual para igual com os cabeções do tour. Até que um trabalho de raiz está sendo feito atualmente, levando jovens talentos para viajar sob a tutela de Fábio Gouveia, Guga Arruda, Zé Paulo... Roberto Valério já fazia isso com seus pupilos ainda nos anos 80. O caminho nós sabemos, mas o que está sendo feito de fato é muito pouco.

### Pouca vontade de ficar no Hawaii

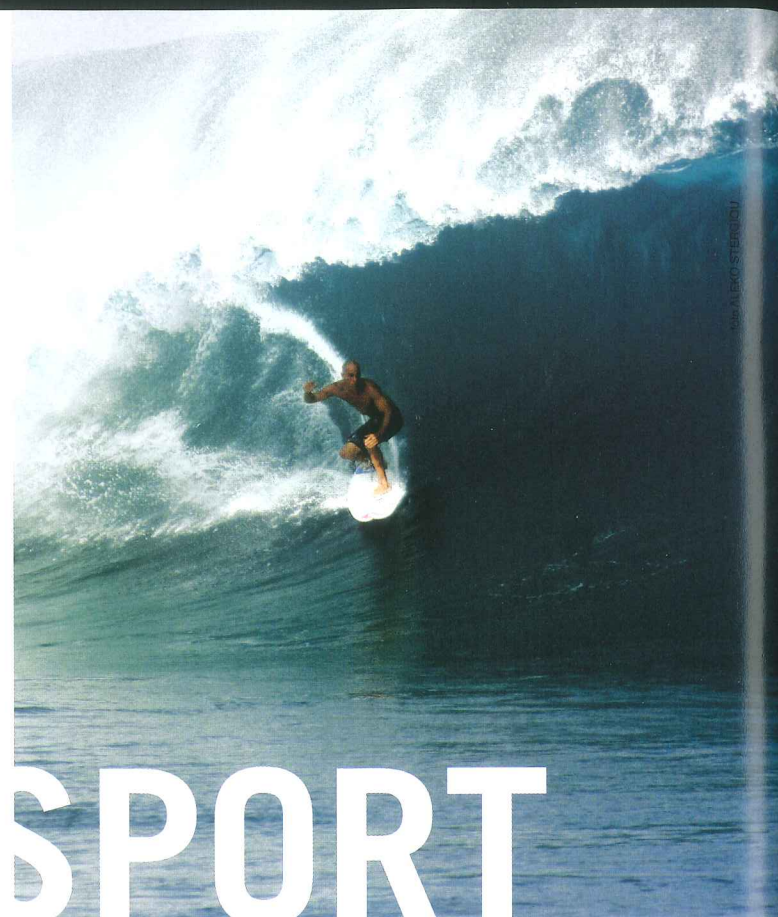
Bons tempos, na década de 70, quando atletas, praticamente sem patrocínio, se jogavam nas Ilhas por toda temporada, por meses a fio. Aí sim o surf deles evoluía. Hoje a maioria dos atletas apenas cumpre tabela, fica o mínimo necessário para correr um campeonato, ou três, fazer alguns fatos para os patrocinadores e tchau. Aqueles caras que fizeram a revolução "Bustin Down The Door" chegavam em outubro, tomavam porrada dos havaianos, dormiam com raquete de tênis embaixo do travesseiro, mas não arredavam pé e botavam pra baixo em tudo que aparecia, até a temporada acabar. Por isso, entre outras coisas, venceram todos os primeiros títulos da IPS.

### Falta de união

Nesse quesito, apesar de uma ovelha negra, nossos longboarders deram um banho em nossa tropa do WCT. Já houve um tempo em que nosso esquadrão de elite era mais unido, brothers mesmo. Não é que hoje esteja naquela base do cada um por si, mas uma corrente pra frente, gerando maior coesão, independente de disparidades regionais, de lastro de patrocínio, cultura e apoio incondicional, ajudaria muito. Todos terão a ganhar, principalmente em ambientes em que não nos sintamos "em casa". Se cada um for debandando à medida que perde, aquele escudeiro solitário, que chegou até as quartas de final (isso ainda não ocorreu em 2007 até a terceira etapa, momento desta análise), ou até além, não sentirá o calor de nossa equipe, que unida terá mais presença. Cada vez pode ser um dos nossos, mas precisamos ficar juntos. O custo de ficar até o último dia do período de espera, mesmo nos eventos mais exóticos e caros, já está no orçamento. Ou... vamos ao próximo item.

### Patrocinadores sanguessugas

O Brasil carece de uma visão do verdadeiro papel de um patrocínio, vislumbrado há longo prazo. Exceto as raras exceções, que conhecemos e sabemos que empresas são, muito poucas de nossas companhias de surfwear trabalham com os atletas dando todo o suporte que precisam, investindo em sua formação completa na fase embrionária, pagando um salário + ajuda de custo digna, no momento em que o atleta tem que mergulhar de cabeça no caro e extensivo WQS, investindo também em viagens suplementares (as citadas acima), oferecendo o suporte necessário ao surfista.



Kelly Slater, o melhor de todos os tempos. Teahupoo, Tahiti 2007

### Técnico perfeito

Na verdade as empresas poderiam/deveriam arcar com o suporte de um técnico e/ou manager que acompanhe trâmites burocráticos e até nas viagens (talvez para um grupo de atletas) para que a preocupação do surfista possa se concentrar na performance. Hoje o Brasil já tem uma primeira geração de profissionais "aposentados" que sabem o caminho das pedras e poderiam fazer um belo papel, contratados por empresas de visão. Esta é uma área em que temos um potencial incrível para fazer um trabalho revolucionário, em termos mundiais, existe gente com know-how, mas o suporte que é dado, de fato, para os atletas... sem comentários, chega a ser ridículo. Não é apenas meia dúzia de surfistas que deve ter este suporte.

### Terceiro mundo

Uma batalha ainda maior, com uma pressão que vem de fora para cima de nós, é o preconceito para com um país emergente, que todos (os outros) preferiam que não estivéssemos incomodando. A barreira lingüística, afinal – havaianos, aussies e americanos falam inglês –, não pode ser um obstáculo, é ponto pacífico que qualquer garoto que almeje um dia estar (e ser um "star") entre os maiores surfistas do planeta, tem de ter o inglês tão na ponta da língua, ou mais ainda, do que é capaz de disparar um aéreo reverse. Nossos atletas devem procurar se mesclar, o máximo possível, aos seus "peers" (adversários do tour), à imprensa internacional, aos dirigentes e procurar interação com o público.

### Abrasp X ASP South America

Aqui no Brasil, dentro do sistema organizacional de eventos também pode haver um maior adiantamento para os atletas, isso em todos os níveis. Deixando um pouco de lado interesses pessoais ou corporativos e pensando na evolução propriamente dita de nossos maiores talentos, no final da história, todos acabam ganhando – os cartolas, as empresas ligadas (ou não) ao surf, os atletas, a comunidade.

BODY  
& MIND  
& SPIRIT



Op  
OceanPac

www.op.co



## Mensagem aos Pros

No frígir dos ovos, na hora do vamos ver, realmente chegar a campeão mundial, levando em conta o nível atual a que Kelly Slater elevou o topo da performance em nosso esporte, é para poucos mesmo. Mas se não continuarmos no trilho que temos traçado, na trajetória que sabemos que temos de percorrer, vamos continuar longe. Adriano de Souza completou 20 anos em fevereiro, a cobrança da nação sobre um atleta como ele é imensa, mas Mineirinho parece estar tirando de letra. Ele conhece o próprio potencial e está se esforçando para "chegar lá". Sabe lidar com a mídia, seu inglês está cada vez mais desenrolado, tem carisma, talento natural, precisa lapidar alguns (poucos) detalhes de estilo e, principalmente, não pode deixar a moral de eventuais bons resultados subir à cabeça. Manter a humildade. O exemplo de Kelly é genial, é o máximo. Mas outro Slater nunca existirá, ele será Adriano de Souza.

Vamos divagar: o tricampeão Andy Irons entrou para o WCT com 20 anos, foi rebaixado para o QS ao final da primeira temporada, depois voltou, aos 22 e aos 24 (com a cabeça no lugar), ciente e consciente de seu potencial, e começou a colecionar títulos. Depois que acabou a etapa do Taiti do WCT, finalmente entrou um swell e lá estava de Souza, botando pra baixo, o único de nossos 7 Tops do WCT a permanecer. Alguns free surfers brasileiros presentes até ficaram preocupados por sua integridade, pois o garoto estava atirado. Na etapa de Fiji (em 2006), Adriano fez uma bateria memorável contra C.J. Hobgood, num dos maiores dias de onda, andando de backside por dentro dos tubos de Cloudbreak. Atitude ele tem, é uma questão de tempo e experiência mesmo. Se ele poderá chegar mais junto do que Vitinho e Fabinho conseguiram no passado, brigar de fato por um título mundial, só o tempo dirá.

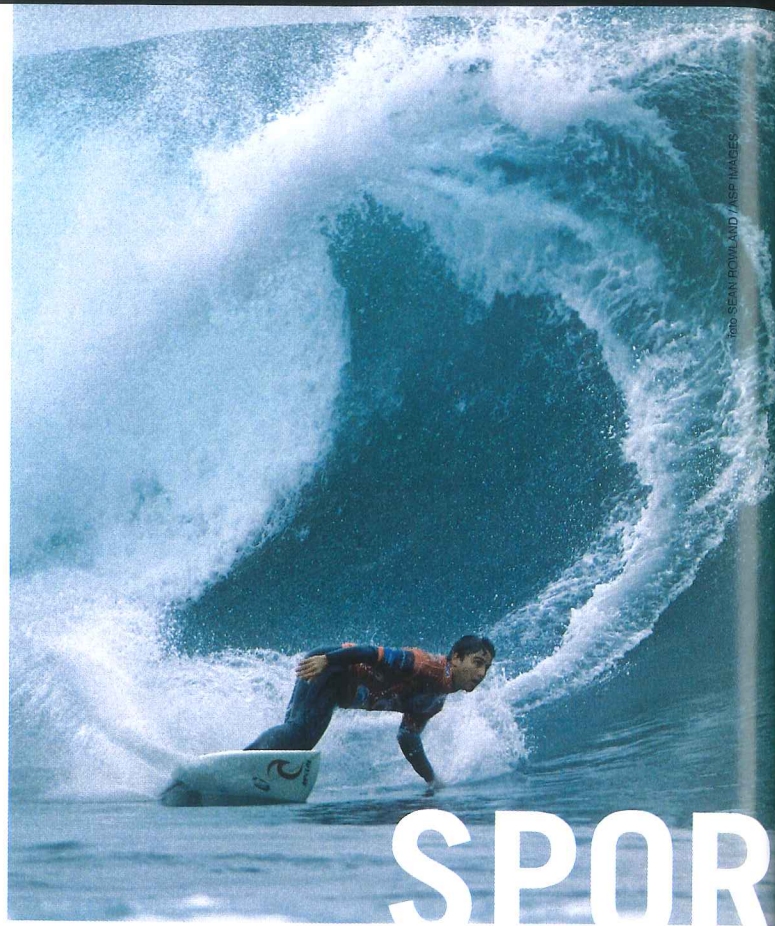
O que está em questão aqui são os parâmetros. Kelly e Andy ditaram um ritmo nos anos 2000, Mick Fanning está tentando levantar esta barra. O problema é que a situação não é estática – Jordy Smith e Dane Reynolds estão vindo aí. Será que nosso Mineirinho agüenta este tranco. Sozinho? Cadê o resto da turma brazuca? Está certo que Gugus, Sennas, Slaters... são fenômenos individuais. Os australianos não têm um título mundial desde que Occy venceu o dele (no milênio passado). Na verdade a nação está pouco se lixando se será Mick, Parko, Taj ou Bede Durbidge o próximo aussie a ser o Número 1 do mundo. Eles (qualquer um deles) vão ser carregados da beira d'água até o pódio em cada evento vencido pelos cangurus. Essa união, num estilo nosso, próprio, deve ser cultivada.

Ao escolher a carreira de surfista profissional, competidor, um atleta está ciente de todos os fatores que terá de lidar, enfrentar, suportar. Nesse cenário abrangente exposto nesta matéria ficou claro que o talento, por si só, não é o suficiente. A garra do brasileiro terá um peso muito forte. A união, a esfera de amizade, de quem cada um dos nossos talentos se cercar, será também muito importante. Saber lidar com todas as outras variáveis, situações corriqueiras da profissão, também é imprescindível. No final das contas, um campeão de um circuito como o da ASP, um atleta deste nível, só chegará lá com muita, mas muita determinação. É preciso QUERER muito. Não desistir nunca.

## E VEIO O CHILE

E foi no Rip Curl Pro Search do Chile que ficou ainda mais clara a dificuldade dos brazucas de lidarem com ondas pesadas, em cima das pedras. Vivemos num mundo de beach breaks "dóceis" e surfar picos como El Gringo é complexo. Independentemente disso, conseguimos a nossa melhor colocação no ano, um quinto lugar, por conta de Bruno Santos. Mas Bruninho não conta, ele nem é do WCT (ainda), espero que chegue lá, mas o que é pior, se chegar, não vai brigar por título, vai dar show em Pipe, Teahupoo... Mas trazer o primeiro caneco do WCT pra Terra Brasilis... Não é o perfil dele.

Mineiro atestou seu arrojo (comentado antes da etapa, no texto acima), mas pagou pesado. Vai dar a volta por cima. Leo Neves foi nossa sensação (fora o



Bruno Santos, melhor brasileiro na etapa do Chile. El Gringo

Bruno, é claro), um tubaço nota 10; deram 9,93!!! Leo entrou com personalidade no WCT, esse sim tem consistência, sabe manejar um circuito, tem sangue-frio para agüentar o tranco numa guerra de nervos. Sua vitória sobre Peterson Rosa, numa Prainha (RJ) clássica, valendo título do Super Surf, é só uma amostra. Leo "deve" se manter no WCT por lá mesmo, vamos ver as performances dele e Raoni, nossos únicos entre os Top 27, em J-Bay. Agora, falando da verdadeira corrida pelo título. Tá ruim de alguém segurar o Fanning. Arrancada arrasadora. Andy Irons é perigoso. Se Kelly não vencer J-Bay???

## BOA NOTÍCIA

Apesar do cenário desenhado na matéria principal não ser dos mais animadores, é importante constatar que existem pessoas batalhando para que a evolução do surf nacional não cesse, proporcionando uma catapulta para que nossos atletas alcancem a elite.

Em 2007 a perna brasileira de final de ano da ASP ganhou um fôlego que há anos não ocorria. Com a inclusão de um campeonato de 6 estrelas patrocinado pela Maresia, no município de Itajaí, mais o tradicional OnBongo Pro Surfing, também 6 estrelas, marcado para as consistentes ondas de Itamambuca, culminando com o retorno do Mundial Master da ASP, logo após a etapa do WCT, em Imbituba, teremos um mês inteiro de competições ininterruptas (de 15 de outubro a 14 de novembro) rolando em águas brasileiras.

Uma das curiosidades deste novo evento, o Maresia Surf International, é que apesar de sua sede principal ficar na praia Brava, que quebra excelente com ondulação de leste, foi acenada a possibilidade das finais rolarem no famigerado pico do Atalaia. Se o dia decisivo for contemplado com ondas de 2 metros e aqueles triângulos olímpicos crescendo ao lado do molhe de pedra que direciona a saída do rio Itajaí, fica seriamente arriscado aos dirigentes da ASP, atônitos com a qualidade das ondas, transformarem o evento em Prime na próxima temporada. Será? Diz a lenda e a lei de Murphy que... vai rolar!!!

# BODY & MIND SPIRIT

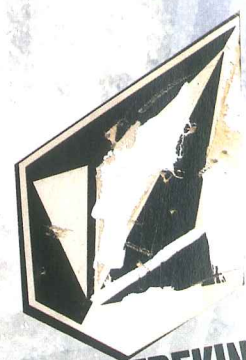
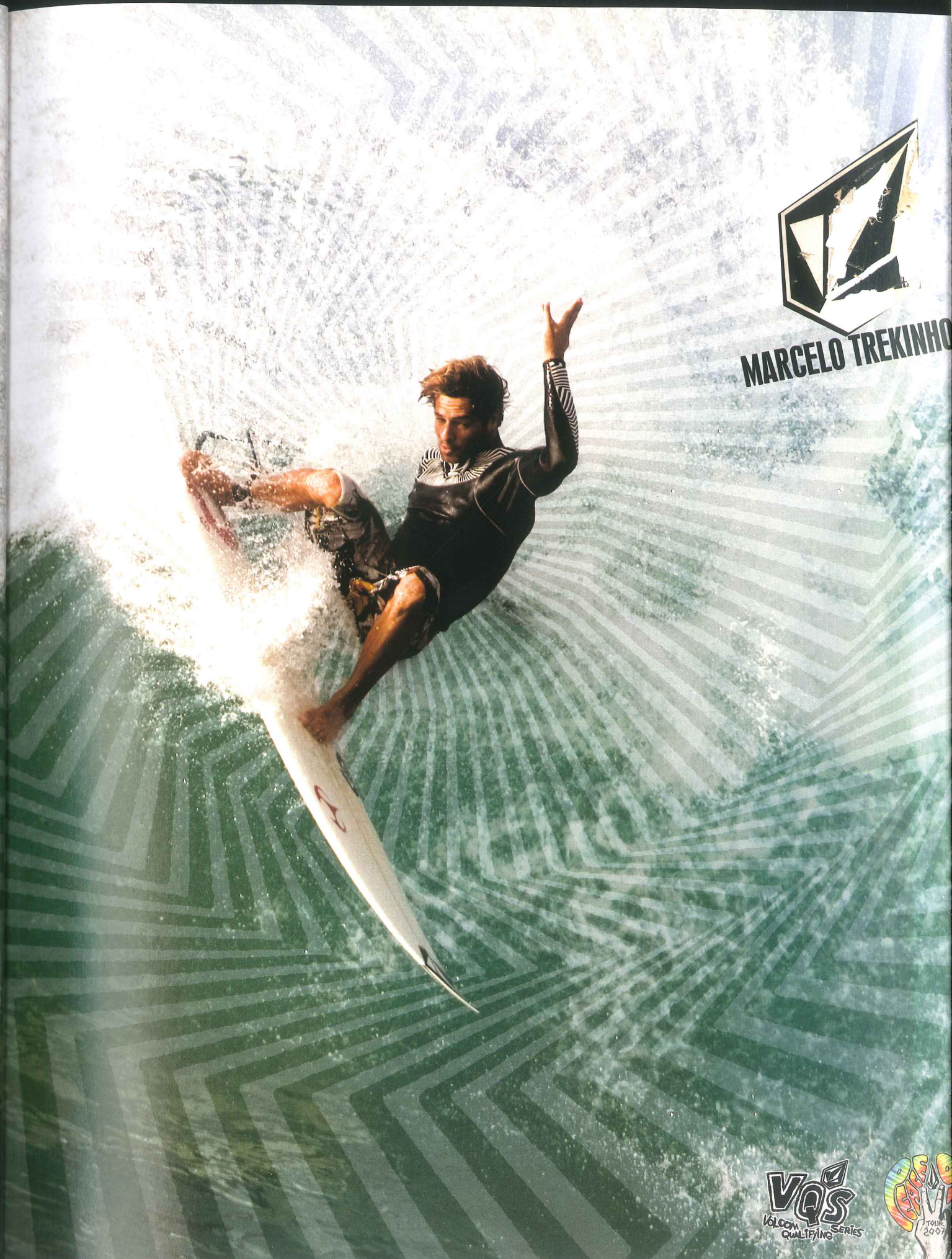
Op  
OceanPacific

www.op.com.br



VOLCOM

VOLCOM.COM



MARCELO TREKINHO

VQS  
VOLCOM QUALIFYING SERIES

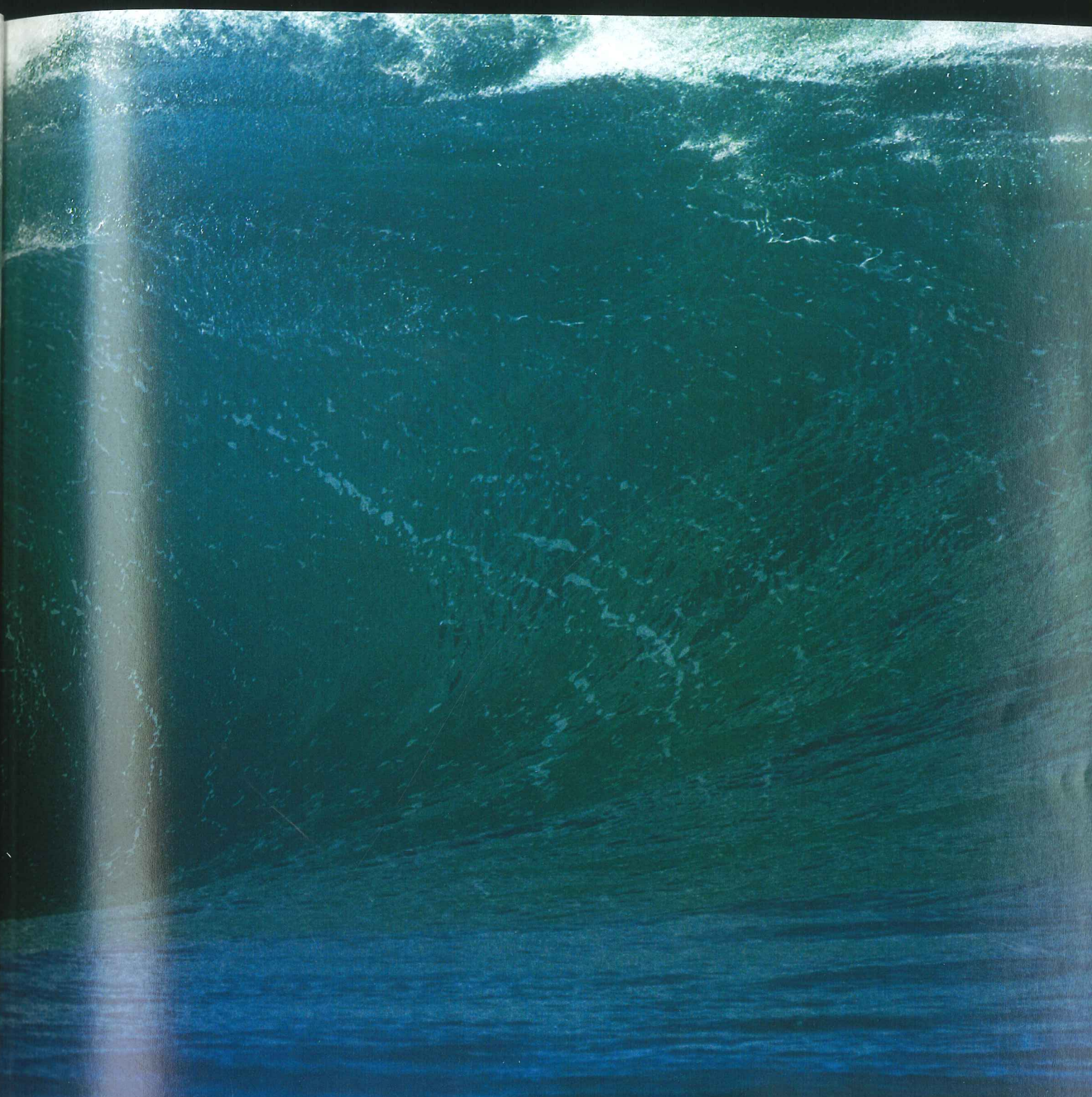






**in THE  
moment**

O inigualável Hyperstretch da Cell é ultra-elástico e durável, aumentando sua flexibilidade. É tão leve que você nem sente. Tudo isso pra você focar no que realmente importa - Surfar.  
Hyperstretch, só da Quiksilver



**CELL**  
patent pending  
INNOVATION BY  
**SUBTRACTION**

**Quiksilver**  ry craike  
quiksilver.com



# emmett malloy

**O cara que descobriu a fórmula entre  
surf, cinema e música**

texto e fotos **Juliana Sana Morais**  
de **Malibu**, Los Angeles, Califórnia

Um dos mais tímidos de uma grande família, esse surfista californiano é também um dos cabeças de um grupo que transformou um sobrenome em um estilo de vida. Nascido no coração de Los Angeles, esse Malloy de 34 anos não cresceu na beira da praia nem apareceu em filmes de surf mundo afora. No entanto, ele é o cara que está colocando Hollywood nas ondas. O poderoso chefe de uma pequena "máfia" de ascendência irlandesa que está levando o nosso esporte ao mundo do entretenimento com classe, bom gosto e inteligência. Aceitou o apelido de "Os Malloys" logo no início e aproveitou o conhecimento dos primos no mundo do surf para mostrar seu gosto pelo cinema. Através de seu talento para fazer filmes, de dirigir pessoas e de descobrir novos artistas, Emmett hoje leva um crédito peso-pesado: manager de Jack Johnson, co-fundador da gravadora Brushfire Records e diretor de vídeos, é aquele cara que a gente não vê, mas que está por trás de todos aqueles projetos que a gente adora.

Totalmente low profile, Emmett não faz questão de levar créditos. Ao contrário, aprendeu com seu amigo Jack que uma vida sem egos e excessiva notoriedade pode ser muito mais feliz.

Ao lado de seu irmão e parceiro Brendan Malloy, Emmett acaba de lançar o filme de skate "1st and Hope" e está feliz da vida com o sucesso do último videoclipe da banda The White Stripes, que acaba de dirigir. Extremamente ocupado, Emmett não pára de produzir. Na mesma semana desta entrevista estava gravando o novo disco do Jack Johnson, dirigindo dois vídeos para o Ben Harper e pensando no próximo músico que irá lançar.

Reservado, mas extremamente simpático, nos recebeu para um dia de surf e "barbecue" em seu pequeno paraíso de final de semana em uma praia privada de Malibu. Depois de algumas ondas e horas de bate-papo com esse surfista, empresário e artista, percebemos por que tudo que é assinado por esse sobrenome é sinônimo de sucesso.





## ENTREVISTA

**Juliana Moraes:** Todo mundo acha que os Malloys cresceram na praia, surfando o dia todo. Como foi a sua infância?

**Emmett Malloy:** Na verdade, eu cresci em Los Angeles, perto de Hollywood, em uma família enorme. Minha mãe vem de uma família de 7 filhos e meu pai de 9 filhos, então são muitos Malloys, muitos primos, tios. Na verdade, no mundo do surf existem muitos Malloys, e desde que a gente começou a fazer filmes meus primos ficaram mais conhecidos por serem surfistas profissionais. "Os Malloys", que são Keith, Dan e Chris, ficaram conhecidos mundialmente, mas na verdade o público nunca soube quem fazia o quê nesse meio. Quem fazia filme, quem surfava profissionalmente... A partir desse reconhecimento a gente passou a tirar proveito do sobrenome, como se fosse uma máfia.

**Mas você foi o primeiro dos Malloys que começou a fazer filmes, trabalhar com vídeo e música. Como foi o início da sua carreira?**

Eu acabei o college direcionado em Comunicação, em Santa Clara, uma cidadezinha pequena perto de Santa Cruz. Escrevia para o jornalzinho, mas nunca gostei muito de ler e escrever, nunca foi um grande prazer.

**Fazer o que se ama e ainda ganhar estabilidade com isso é o sonho. Mas, o mais importante é manter os mesmos valores, objetivos e lifestyle.**

**Emmett Malloy**

Na verdade a minha carreira começou quando eu saí da escola e comecei a trabalhar numa empresa que fazia trailers de filmes, eu era apenas o adolescente que transportava os filmes e trailers de um lugar para outro.

**Então, eu posso dizer que Emmett Malloy começou como motorista?**

Ahahah. Na verdade era o que eu fazia mesmo. Dirigia pela cidade com os filmes, fazendo o que meu chefe pedia. O trabalho em si era fácil, mas foi ali que eu comecei a me interessar pelo mercado e pela profissão. Eu tinha 20 anos nessa época, mas até então era uma vida de moleque de ir à escola, ir à praia de vez em quando, encontrar com os amigos pelo bairro. Não tinha idéia de que ali do meu lado existia Hollywood e um mercado cada vez maior. E foi esse trabalho que de certa forma abriu os meus olhos para todo esse business, para o entretenimento. Comecei a trabalhar como editor nessa produtora e fiz trailers para filmes grandes como *Star Wars* e outros. Em pouco tempo peguei muita experiência e segui trabalhando muito como editor.

**E quando você viu que poderia usar sua experiência fazendo filmes de surf?**

Nessa época eu já dizia para meu primo Chris Malloy que eu estava preparado para fazer um filme e que deveríamos pensar em fazer algo relacionado ao surf. Nessa época meus primos estavam se dando super bem em suas carreiras como surfistas profissionais e apareciam direto nos filmes de Taylor Steele. Vendo tudo aquilo, me dei conta que não deveria ser muito difícil fazer um bom filme de surf. Eu tinha a experiência, a estrutura da produtora e meus primos, o reconhecimento no meio do surf. Eu tinha as ferramentas na mão. Até que um dia Chris me ligou e tivemos um encontro com Taylor Steele. Ele estava fazendo uma série de filmes, já havia feito um com Rob Machado e queria fazer outro com meus primos. Então conversamos e começamos a trabalhar juntos.

**E como Jack Johnson entrou para o grupo de vocês?**

Chris chamou Jack, que já era seu amigo, para fazer as imagens da festa de lançamento do filme com Chris, Keith e Dan Malloy. Nessa época Jack estava estudando Cinema em Santa Barbara e trabalhava fazendo vídeos para um fotógrafo que trabalhava com imagens subaquáticas. Jack aceitou o convite de Chris e foi a partir daí que a gente foi ficando amigo. Tínhamos muitas coisas em comum e talento para fazermos coisas diferentes. Nosso grupo sempre foi superfácil de lidar, nunca teve nenhum tipo de competição, ego excessivo, já que cada um sabia fazer algo que complementava o trabalho do outro. Então posso dizer que foi nesse filme de Taylor que começamos uma grande amizade, envolvendo carreira e projetos bem-sucedidos.

**E como vocês perceberam que a música dele seria perfeita para os projetos de vocês?**

Jack sempre esteve ligado à música, mas foi nessa época que começou a vingar de verdade. Acho que ele se sentiu inspirado e começou a mostrar o quão bom ele era no que fazia. Decidimos que estava na hora de fazermos um projeto nosso. Até então, só tínhamos trabalhado em projetos de outras pessoas. *Thicker than Water* foi o primeiro trabalho onde pudemos mostrar de verdade que o nosso grupo era completo e que o talento de cada um era imprescindível.

**Então Chris Malloy era o cara do surf, você o cara do vídeo e Jack o cara da música?**

Exatamente. Chris sempre foi o cara que tomou as decisões no início, já que ele tinha uma carreira sólida no mundo do surf, conhecia o mercado, era respeitado assim como seus irmãos. Isso sempre nos ajudou muito, porque confiávamos nele. Eu acho que quando existe um grupo harmonioso, uma idéia pode virar um projeto interessante num piscar de olhos. E com a gente sempre foi assim, uma idéia logo era estruturada por outro e assim por diante, como um círculo.

**A partir daí você já se sentia mais seguro para fazer outros filmes de surf e seguir a sua carreira como diretor?**

Eu acho que sempre vou querer fazer filmes de surf, e desde *Thicker than Water* a minha carreira vem crescendo por causa desse meu background. Muitos vídeos que eu fiz e faço tem alguma relação com surf e com essa linha que deu certo na minha carreira. As portas foram se abrindo. Como, por exemplo, uma banda de San Diego *Unwritten Law*, amigos de Taylor Steele. Eles nos deram a oportunidade de fazer alguns vídeos e a partir daí eu comecei a me realizar profissionalmente, pois sempre fui um grande fã de música e vídeo, combinação perfeita para a minha carreira.

**Você sempre fez muitos vídeos. Com quais bandas você já trabalhou?**

Posso dizer que hoje já trabalhei com todas as bandas que eu tive vontade. Não só fazendo vídeos como também administrando os selos dos artistas. Fiz todos os do Jack Johnson, de todos os artistas da Brushfire Records. Faço muitos cliques para o Ben Harper e fiz também para o G. Love, Metallica, Black Eye Peas, The Shins, Blink 182, White Stripes. Aliás, acabo de finalizar o último clip do The White Stripes, que tem influências latinas.

**A maioria dessas bandas procura você ou você tem que ir atrás, escrever a idéia e oferecer?**

Antigamente eu tinha que ir atrás, pedir que os caras escutassem as minhas idéias. Mas hoje em dia, o caminho é mais curto. No início, a gente dava um jeito de descobrir se estas bandas estavam com algum plano de produzir um vídeo. Depois, ia atrás do manager da banda para mostrar interesse, mostrar

**"Os Malloys", que são Keith, Dan e Chris ficaram conhecidos mundialmente.**

**A partir desse reconhecimento a gente passou a tirar proveito do sobrenome, como se fosse uma máfia.**

**Emmett Malloy**

o nosso trabalho. Somente depois de alguns bons vídeos de bandas conhecidas é que passaram a recorrer ao trabalho dos Malloys, e a partir daí as coisas foram fluindo. Quando chegam CDs para a gente ouvir, quer dizer que tem gente apreciando nosso trabalho. Na maioria das vezes as bandas confiam na nossa idéia e pronto, assim como esse último clipe do White Stripes. Para mim é mais divertido quando a banda se envolve no clipe. Blink 182 é um desses grupos. Toda a vez que a gente vai fazer um trabalho, é superdivertido.

**Com tantos compromissos com Jack, projetos de filmes, decisões da gravadora, você deve ter deadlines. Isso não te causa ansiedade?**

Nunca fui uma pessoa muito ansiosa e acho que trabalho com as pessoas certas, que eu confio. Fico ansioso quando estou pré-produzindo algo, como por exemplo esse clipe do White Stripes que eu fiz. Porque eu sou superfã dos caras e cada vídeo deles que sai eu fico esperando para ver como ficou e tal.

**Não tem vezes que você descredita do seu trabalho e nas coisas que estão rolando na sua carreira?**

Esse clipe do White Stripes por exemplo eu não acreditei. "Icky Tong" é uma música nova incrível que estourou aqui nos EUA. Eu me senti estranho e um pouco nervoso, pois às vezes são projetos que você sonhava em fazer e que agora estão ali, quero fazer tudo muito bem-feito. Mas eu estou acostumado a fazer muitas coisas ao mesmo tempo. Agora mesmo eu estava editando esse vídeo, vou gravar o novo disco de Jack esta semana, estou finalizando outros dois discos.

Eu simplesmente faço tudo ao mesmo tempo.

**Você não se culpa às vezes por aceitar fazer tantos projetos?**

Quando vou dizendo sim para muitos projetos, eu paro e penso: "Nossa, o que eu fiz, não deveria ter aceitado esse ou aquele". Hoje em dia você tem que estar sempre atento aos negócios, tomar decisões. Se estiver gravando um disco, já tenho que pensar em quem será a próxima banda, não posso simples-

mente me acomodar e continuar vendendo sempre os mesmos discos. É importante, para a gente como gravadora e nos filmes também, estar sempre lançando algo novo, diferente. É uma dinâmica difícil de seguir no caminho certo. Temos sempre que pensar em um projeto que vai deixar todo mundo excitado para fazer. E é isso que eu faço todos os dias, me reinventar e criar coisas novas e interessantes.

**Vocês lucram com a Brushfire Records?**

Com certeza. Eu comecei a Brushfire Records com Jack. Depois começamos com os filmes de surf que também cresceram muito e hoje já temos 7 bandas e mais o novo filme de Thomas Campbell. Mas tudo isso não gera muito dinheiro. Por mais que as pessoas pensem que ficamos ricos com filmes de surf, não é bem assim. Jack, por sua música, integridade e popularidade, conseguiu um incrível sucesso. E fazer parte desse sucesso é maravilhoso para mim. Fazer o que se ama e ainda ganhar estabilidade com isso é o sonho de qualquer um. Mas, o mais importante é manter os mesmos valores, objetivos e lifestyle. Jack se tornou um grande sucesso, mas continua exatamente o mesmo cara, um grande amigo normal. Então, eu tenho Jack que é o meu maior trunfo, mas todas as minhas outras bandas são mais uma questão pessoal de amor à música, pois eles não vendem tantos discos e não são tantos consistentes. Tanto as bandas como os filmes de surf continuam sendo uma aventura financeira para mim.

**Mesmo os filmes de surf?**

Nossos filmes são os mais populares de todos e vendem bastante, mas gastamos muito dinheiro para fazer e o faturamento não é muito grande. Fazemos por uma paixão.

**Como você ganha dinheiro então?**

Na verdade, eu tenho que fazer muitos comerciais para pagar a conta dos meus projetos pessoais. Esse tipo de comercial ao qual me refiro, tenho 90 pessoas trabalhando em um set. É divertido, mas é uma grande estrutura e na verdade não é um trabalho seu, é do cliente. E a recompensa financeira é





um comercial maravilhoso. É a maneira que eu jogo, fazendo as coisas que eu gosto ganhando dinheiro. Eu me sentiria muito vazio fazendo somente comerciais e projetos pagos por Hollywood. Tenho a possibilidade de experimentar coisas novas, pessoas, equipamentos e idéias. Consegui achar um meio-termo que me deixa completo.

**Como você lida em ter trabalhar com amigos, família?**

Todo mundo sempre diz: "Não trabalhe com família, com amigos". Para muita gente esse tipo de relacionamento não daria certo, mas para a gente sempre foi muito saudável. Eu trabalho com meu irmão mais novo, Brendan, com quem dividi a direção do filme *1st and Hope*. Trabalhei com minha irmã Hillary por muito tempo, faço muitos filmes com meu primo Chris e seus irmãos. Minha mãe sempre nos ajudou, deu muita força. Com isso nossa família acabou virando essa pequena "máfia", onde acabamos trabalhando todos juntos de alguma forma.

**No seu caso, ter sua família unida no trabalho ajudou?**

Com certeza no nosso caso isso foi um ponto a favor; pelo fato de trabalharmos em família criou uma aura sobre nós e muita gente passou a nos admirar por causa de um sobrenome. Manter essa união "familiar" entre amigos e parentes é muito importante. Jack Johnson sempre foi superligado à família e aos amigos e quis ser famoso e fazer sucesso. Inclusive hoje, faz de tudo para não aparecer. Ele só quer se sentir confortável.

**Quais os novos projetos que você tem com seu irmão, com Jack e cia?**

Esse filme foi um longa-metragem que eu e Brendan dirigimos juntos, escrito por Zach Braff e que acabou num filme bacana. Temos um outro filme com Ben Stiller, cujo roteiro está quase pronto. O produtor vai estar junto com Own Wilson, que atua como um big-rider no filme. Uma comédia que promete ser muito divertida e é como uma sátira do mundo das ondas grandes. Tem outro filme com Ridley Scott, mas quem é que sabe se isso tudo vai acontecer. Meu irmão mais novo acabou de escrever um roteiro incrível e agora vamos tentar produzi-lo também. Acredito que essa é a maneira mais fácil e mais gostosa de fazer, sem a pressão de estúdios.

**Suas melhores idéias surgem quando você está superocupado ou surfando?**

Acho que elas vêm nas horas mais loucas. Eu não ousa a programar meu dia, não tenho mais esse luxo, simplesmente vou fazendo as coisas que tenho que fazer nesse ritmo, sem schedule.

**Você parece ser uma pessoa simples e cheia de valores, você acha que honestidade e desejo são suficientes para ser um bom profissional?**

Bem que eu gostaria, mas com certeza honestidade

e desejo são cruciais, mas o mais importante é ter talento. Saber como ter sucesso, tem que saber como proceder no meio da arte, dos negócios, tem que ter uma visão geral das coisas. Porque hoje em dia não basta realizar algo bom para um pequeno grupo de pessoas. Para a gente é ainda difícil, pois a maioria das coisas que fazemos são bancadas por nós mesmos, o que nos traz mais responsabilidade e riscos.

**Você não é nada egocêntrico. Sempre fala em "nós"?**

Eu nunca trabalhei sozinho. Falo a gente, eu, Jack, meus primos, o pessoal que trabalha comigo na gravadora. Não gosto de levar crédito por tudo que eu faço e gosto de deixar assim. Quando se fala em "Malloy", até mesmo nos filmes que a gente fez, as pessoas relacionam diretamente ao meu primo Chris Malloy ou a Keith ou ao Dan, quando na verdade, ultimamente, quem dirige os filmes sou eu e meu irmão Brandam. Mas vejo isso como algo natural, se é o Chris quem leva o crédito e eu sou quem está pelos bastidores, está ótimo. Eu fico mais feliz quando vejo os projetos do que quando vejo meu nome.

**Você parece ser o lado low profile da "máfia", assim como Jack?**

Ele ainda mais do que eu. Eu aprendo muito nesse sentido, de que a vida funciona melhor sem a questão do ego excessivo ou da notoriedade. Quanto mais simplesmente vivermos, melhor!

**Tem tempo de surfar? Qual sua relação com a indústria do surf?**

Eu cresci jogando beisebol e basquete, só comecei a surfar depois do college. Mas surf é uma parte crucial da minha vida e é a minha única atividade. Não tenho tempo para surfar todos os dias, mas vou sempre que posso. Sobre a indústria do surf, não tenho ligação.

**Tem noção no número de pessoas que quer fazer o que vocês fazem? E de quantos se inspiram com o trabalho de vocês?**

Ultimamente eu venho pensando no fato de que realmente criamos algo, um lifestyle que as pessoas seguem. Através de nossos filmes e discos, as pessoas se inspiraram a criar algo no mesmo segmento e isso é muito gratificante. Eu acho que as pessoas pensam que eu e o Jack passamos o dia na praia bebendo muai thai, brindando por nosso milhões de dólares, tipo "Yes, estamos ricos!", mas não é nada disso.

**Algum filme de surf em vista, outros projetos?**

Tenho outras coisas e agora meus planos são fazer longa-metragem. Tem muitas bandas novas também que quero prestar atenção.

**Você se dá conta de que Jack Johnson virou uma referência musical?**

Quando começamos éramos um bando de surfistas com guitarras nas mãos. É impressionante ver como

Jack cresceu. E também apareceram outros como o Donavon e o Matt Costa. Esses músicos nós contratamos no início simplesmente porque éramos amigos, só isso.

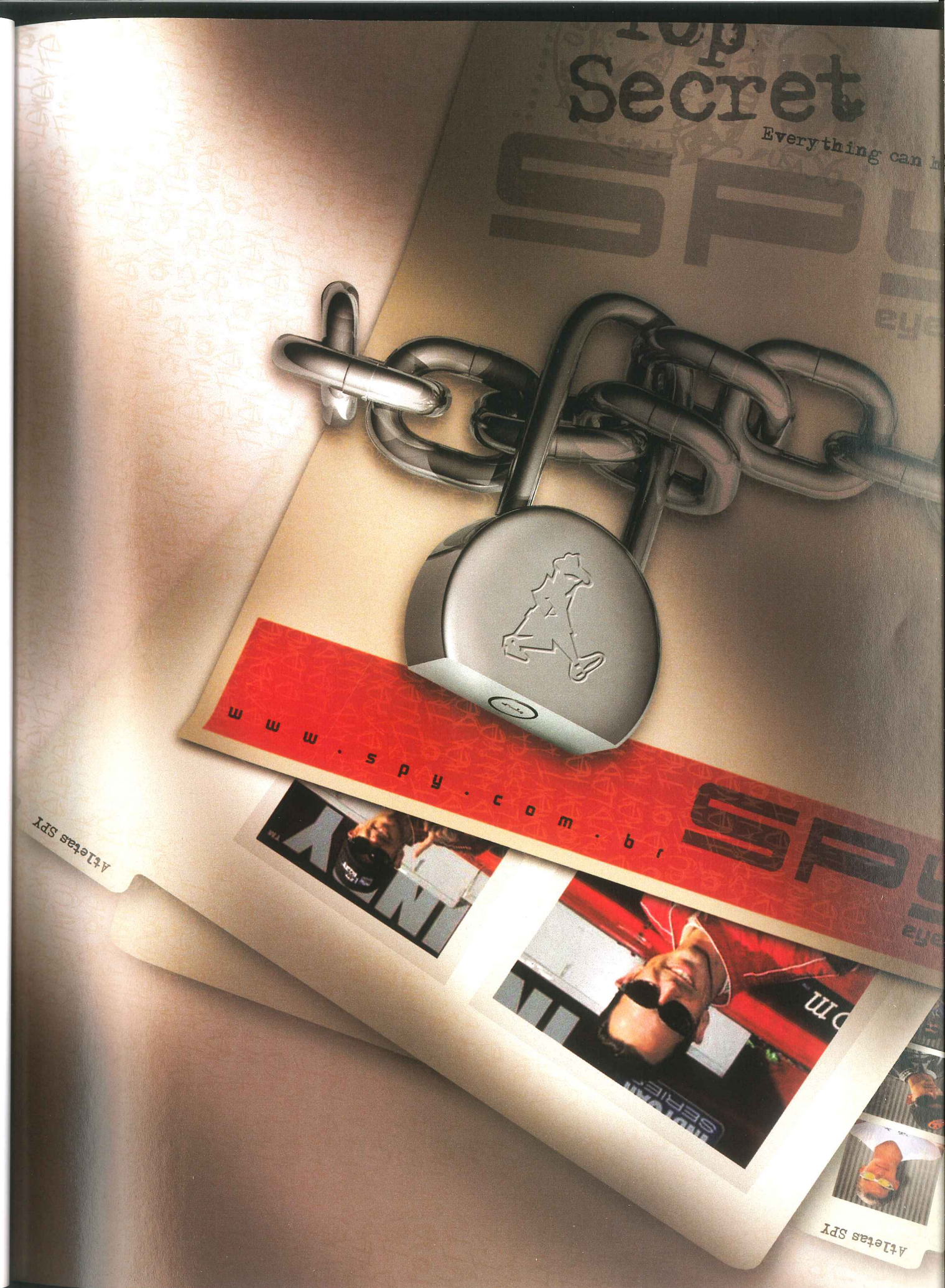
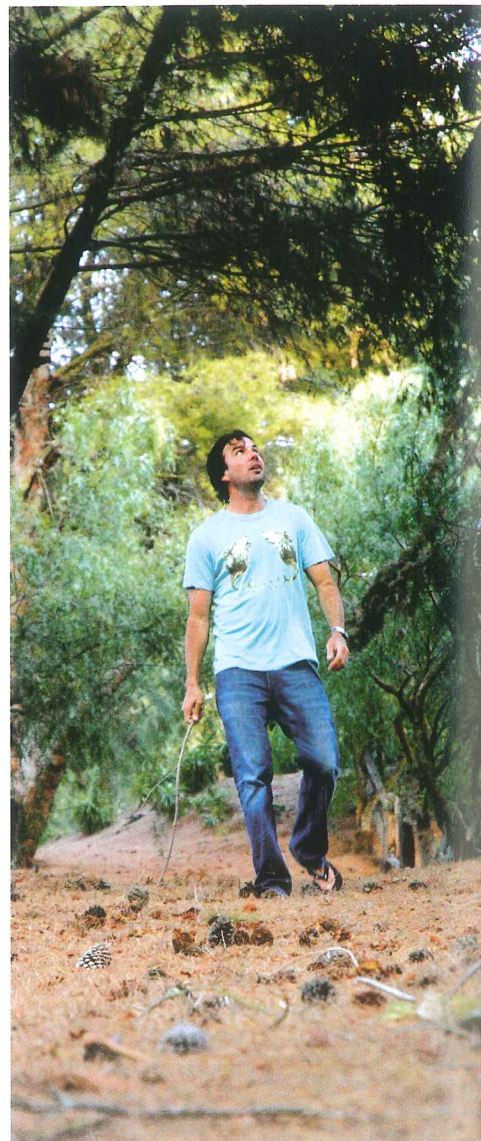
**Qual a sua impressão do Brasil?**

Eu estive em Noronha há alguns anos para gravar um comercial e foi incrível. Também estive em São Paulo, conheci pessoas ótimas e muito profissionais, mas o idioma e o jeito dos brasileiros, é realmente algo diferente e divertido e que fluiu muito bem em qualquer lugar. Quando Jack foi ao Brasil, também contou que foi incrível e disse que nunca havia estado em um lugar como aquele, com tantos fãs que amam seu trabalho.

**Como quer acabar esta entrevista?**

Vamos embora que ainda temos tempo de pegar um último set antes que o sol caia de vez.

Emmett Malloy





Atletas SPY



SKYDIVER  
Sabiá



MULTSPORT  
Jordão



RACER  
Luiz



KITSURFER  
Raquel



KITSURFER  
Miller



SURF PRO  
Cristiano



SURF PRO  
Saulo



SURF PRO  
Magno



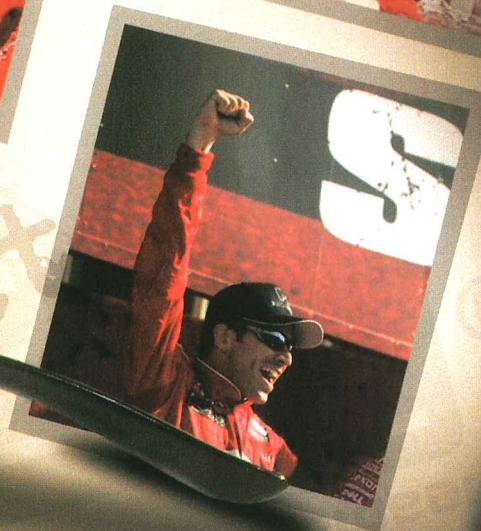
SURF PRO  
Ademir



FREE SURFER  
Sergio

Novo Atleta SPY

Helio Castroneves



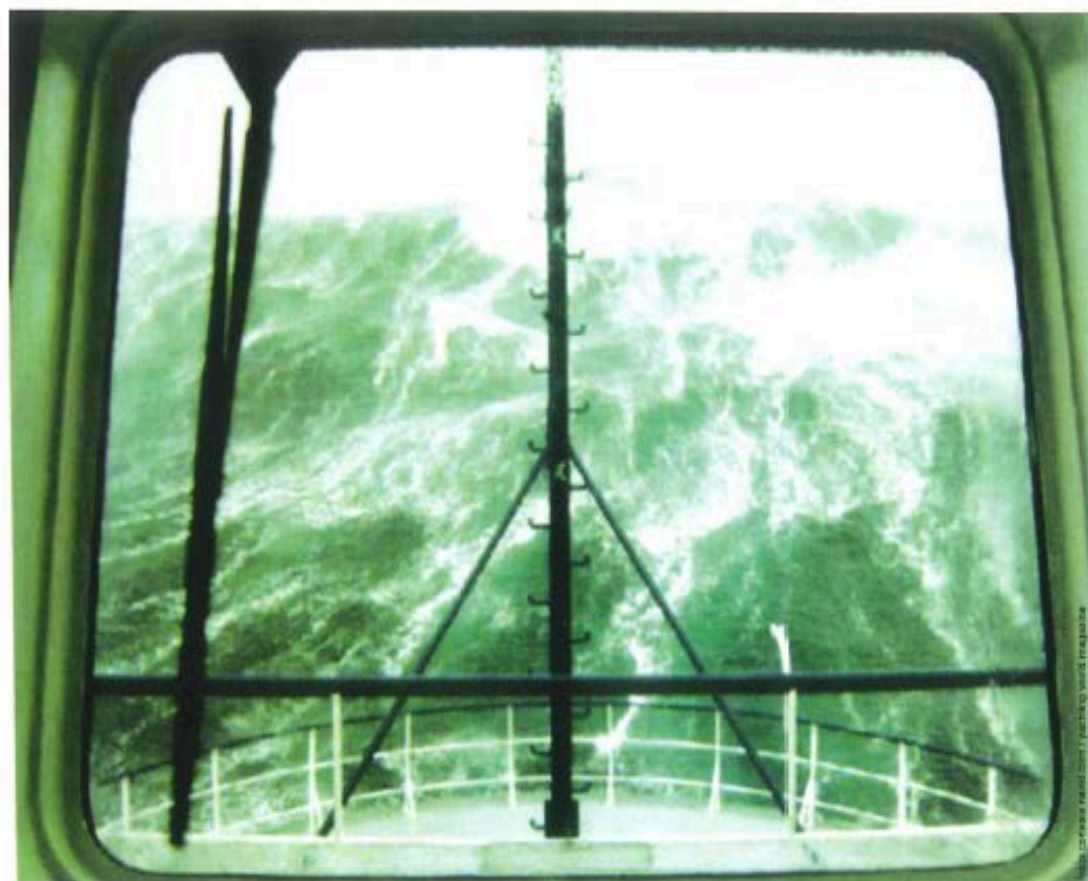
Top Secret  
Everything can happen

SPY  
eyew



www.spy.com.br  
SPY modelo 50 HCN-1  
Langamentos  
Modelos  
eyew





**COLUNA** > Além do Line Up : adaptação Marília Besser

# Rogue waves Ondas oceânicas

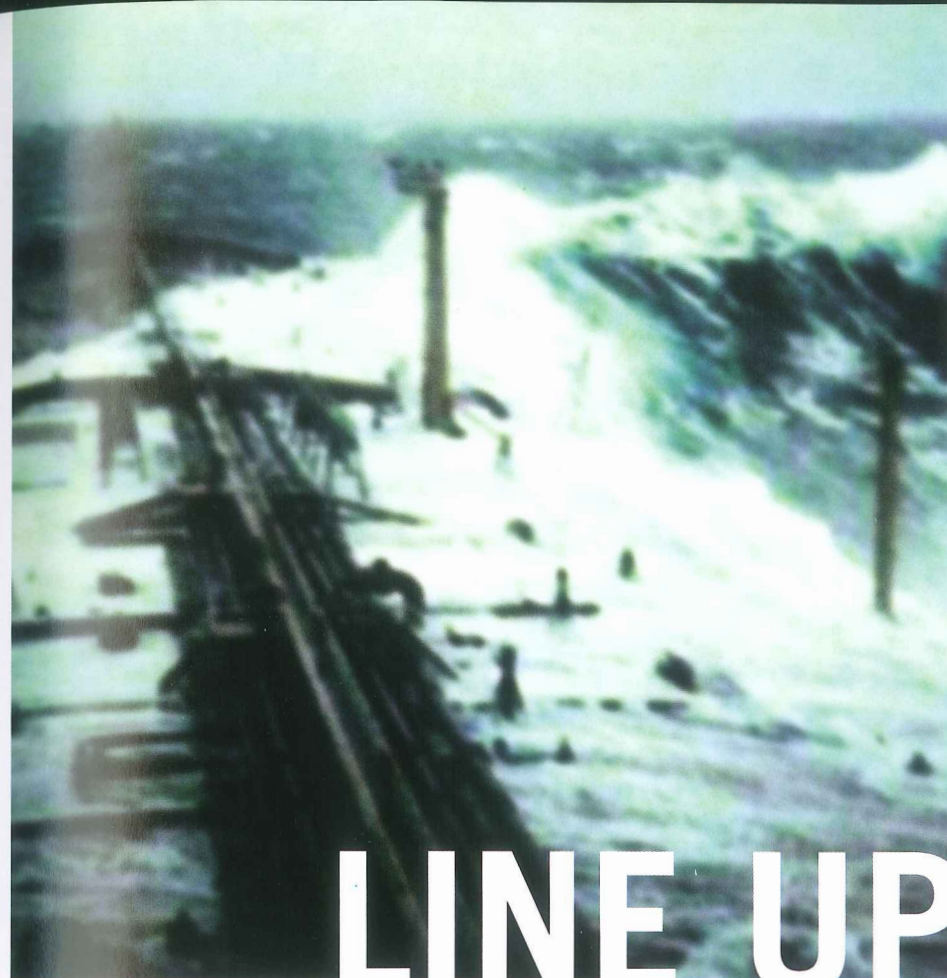
## Fatos ou Fantasias?

"Por muitos anos, histórias sobre ondas acima de 100 pés em alto-mar foram consideradas exageradas e mentirosas, sendo que muitos marinheiros e navegantes não sobreviveram para contar suas dramáticas experiências de navios que desapareceram sem deixar vestígios. Atualmente, técnicas de medição sofisticadas estão provando que as ondas existem e em um número muito maior do que se imaginava", relatou o repórter Chris Tibbs, da BBC TV, na produção da matéria publicada na revista inglesa *Yachting World*.

E prossegue... "Sem curvas perfeitas, com a crista da onda quebrando poeticamente diante dos nossos olhos, eram apenas linhas estreitas e brancas de andares oceânicos. Uma montanha de água salgada com face totalmente vertical, vindo em nossa direção como uma grande cascata." É assim que Beryl Smeeton descreve a onda tenebrosa, *Tzu Hong*, no oceano Antártico, em 1957. O incidente ficou famoso após o lançamento do seu livro *Once is Enough*.

Meu encontro com a onda tenebrosa foi em 1997, quando era capitão do *Concert*, um barco de 67 pés, durante o BT Global Challenge. Nós estávamos navegando do oeste das ilhas Kerguelen rumo à Cidade do Cabo, sob uma tempestade violenta que soprava entre 40 e 50 nós de ventos fortes.

Eu estava no leme e havia apenas duas pessoas na cabine. O mar estava muito agitado, mas nada de excepcional. No horizonte avistei uma onda, não tão grande quanto as outras, porém era assustadora. Gritei para a tripulação se segurar e fomos de encontro à enorme parede d'água que se formara à nossa frente. Foi um sufocante, após muito controle e força no mastro, estabilizamos na superfície, a essa altura já em um nível abaixo dessa primeira onda, quando avistei uma segunda, enorme e maior que a outra, um verdadeiro despenhadeiro de água que se aproximava. Não havia nenhuma possibilidade de escapar e passar por cima da massa d'água, a onda desabou cobrindo o barco por inteiro, me arremessando



# LINE UP



"As estimativas variam quanto ao número de navios e vidas perdidas. O que se sabe é que, nos últimos 20 anos, mais de 200 transatlânticos sumiram. Outra estatística levantada aponta que cerca de 100 navios e mais de 700 vidas são perdidas todo ano por causa das tempestades violentas em alto-mar.", disse o repórter Chris Tibbs

### 700 vidas perdidas

As estimativas variam quanto ao número de navios e vidas perdidas. O que se sabe é que, nos últimos 20 anos, mais de 200 transatlânticos sumiram a mais de 200 metros abaixo da superfície por causa das severas condições encontradas em alto-mar, onde muitos destes naufrágios podem ter sido ocasionados por ondas oceânicas. Outra estatística levantada aponta que cerca de 100 navios e mais de 700 vidas são perdidas todo ano por causa das tempestades violentas em alto-mar.

Medir as ondas é um trabalho difícil de ser feito do convés de um barco, sendo quase impossível alcançar a exatidão. Mas existem radares e sistemas instalados em grandes navios, além das bóias de medição, que podem fornecer dados mais próximos da realidade. As plataformas de petróleo e gás têm se mantido muito bem, pois são montadas de uma forma praticamente fixa, e com isso estão absolutamente bem protegidas de qualquer movimentação diferente do oceano. No Réveillon de 1995, um monstro de 26 m ou 85 pés (medido por radares) atingiu uma plataforma de petróleo no meio do oceano no hemisfério norte. Esse tipo de registro foi possível graças às captações feitas por satélites, que conseguem cobrir imensas áreas do oceano. Essas mesmas medições feitas por radares de satélites da ESA – Agência Espacial Européia – revelam um número alto de movimentações em alto-mar e na escala de tamanho das ondas. Por causa da crescente perda de plataformas e navios, as pesquisas sobre as ondas oceânicas começam a fazer parte das agendas dos cientistas de todo o mundo, constatando que as ondas oceânicas não são tão raras como pensávamos no início.

para fora do leme e me esfregando contra o poste de radar. Dos tripulantes na cabine, o que sobrou foi uma mão quebrada, um ombro deslocado, um braço quebrado e muita comoção. O pior de tudo não foi o tamanho, mas sim a força brutal da onda.

Ondas oceânicas e seus efeitos devastadores chamaram a atenção do mundo quando um tsunami (ou tsunâmi, do japonês 津波, que literalmente significa 'onda de porto'; onda de massa d'água maior do que o comum ou uma série delas, que ocorrem após perturbações abruptas que deslocam verticalmente uma coluna de água, provocadas por um sismo ou atividade vulcânica, que é um abrupto deslocamento de terras dentro ou perto do mar. Neste caso também chamado de maremoto, ocasionado pelo deslocamento das placas tectônicas – blocos em que a crosta terrestre está dividida, que produzem ondas gigantescas que se deslocam por quilômetros alcançando alta velocidade até chegar à costa, e podem chegar a mais de 30 metros de altura) de proporções devastadoras atingiu o Sudoeste da Ásia, no natal de 2004. Embora os efeitos sejam devastadores para a costa, em alto-mar navios e barcos notariam muito pouco o movimento.

Ondas tenebrosas, no entanto, são monstros encontrados em alto-mar em todos os oceanos do mundo. Grandes o suficiente para engolir navios, sem deixar rastros. Mas, muitos navios têm sobrevivido à experiência de enfrentar essas ondas, que deixam de serem apenas mitos e comprovam sua existência.



Em dezembro de 2000, um projeto desenvolvido na Europa chamado MaxWave traçou três objetivos. O primeiro foi o de confirmar a existência das ondas oceânicas e o risco de encontrá-las em alto-mar, para posterior avaliação do seu poder de destruição. O segundo, estudar mais sobre as ondas com o intuito de modernizar os navios e as estruturas das plataformas. E o terceiro, foi o de finalmente desenvolver um critério sério para a previsão das ondas oceânicas.

Um outro projeto, chamado WavesAtlas, um atlas global climatológico, foi montado, informando as regiões onde podem surgir grandes concentrações de ondas oceânicas.

### Como evitar ondas oceânicas

Depois do tsunami de 2004, as ondas oceânicas estão sendo levadas mais a sério, mas ainda estamos muito longe de descobrir como evitá-las. E apesar dos avanços tecnológicos, nenhuma previsão será suficientemente exata.

Fica difícil para os navegantes confrontar as correntes marítimas que se opõem à direção do vento. Como exemplo, podemos citar a corrente das *Agulhas*, que age por fora da costa da África do Sul, entre Durban e a Cidade do Cabo, sendo a corrente ocidental mais forte do planeta.

Atravessar com velocidade a Gulf Stream (corrente do Golfo) pode ser uma tarefa simples para os competidores da Volvo Racing, que são os recordistas de velocidade em alto-mar. Mas para qualquer navegante comum pode ser uma experiência assustadora. As ondas reduzem de tamanho para conservar energia, e por isso podem aumentar bastante em força e amplitude.

Surfistas do mundo todo reconhecem esses focos de energia gerados pelas correntes marítimas através de mapas disponíveis na internet, sendo que alguns estão muito longe da costa.

Uma onda oceânica pode chegar a centenas de metros de comprimento e viajar a mais de 30 nós de velocidade. Há uma relação entre o período de tempo entre uma onda e outra com a velocidade que elas viajam. Uma ondulação chegando a cada 10 segundos pode viajar a 31 nós com o comprimento da onda de até 156 metros.

O cenário descrito acima é compreensível para os navegantes, mas há uma pergunta sem resposta, sobre a formação das ondas encontradas fora das regiões previsíveis. Pode parecer uma simples teoria linear, onde ondas

viajantes se encontram, correntes, ventos e ondulação, podendo se propagar por centenas de milhas afora. Porém, essa junção pode ser considerada como um precursor de tempestades cabulosas. As ondas viajam em grupos e em períodos diferentes. Se combinarmos ondas e swell (ondulação) de diferentes direções, fica claro que o retrato será bem diferente do formato esperado.

### Ação extrema

Algumas indicações feitas graças aos avanços tecnológicos de previsões climáticas ajudarão a desviar navegantes do possível encontro com turbulências. Mas uma mudança na direção do vento durante ventanias é um fator possível de acontecer, especialmente quando uma frente fria está de passagem. Isso também pode acontecer quando há mudança na profundidade do mar devido a terremotos, como por exemplo no norte de Biscaia, onde ondas tenebrosas podem se formar na costa, confirmando que os locais de formação das ondas oceânicas não são totalmente previsíveis.

A pergunta que fica é: o que fazer se encontrarmos uma onda oceânica gigante? A única certeza de tudo que falamos é que as ondas oceânicas existem e estão sempre presentes nas histórias contadas pelos marinheiros. E muitas vezes não foram levados a sério, já que muitas testemunhas oculares não sobreviveram para contar as suas dramáticas experiências.

Agora só nos resta esperar que os estudos sobre a formação e o deslocamento das ondas oceânicas evoluam mais a cada ano, ajudando a evitar acidentes fatais em alto-mar.



Estátnovaquadrando representações

19  
LONG ISLAND  
ANOS

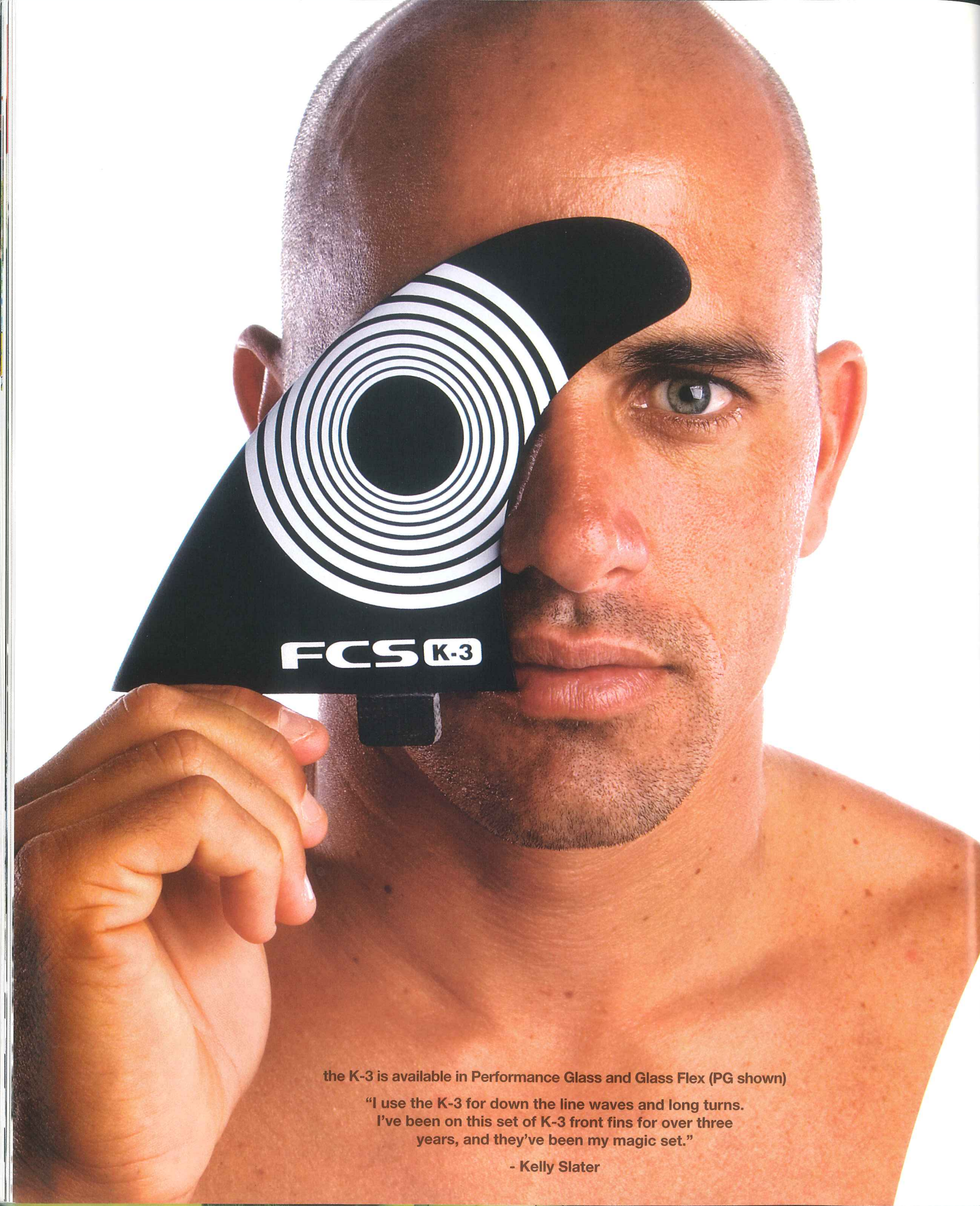
NEW CULTURES  
NEW GENERATIONS

Cleyton Nunes Pro Surfer

**LONG ISLAND**  
L O N G I S L A N D . C O M . B R

long island





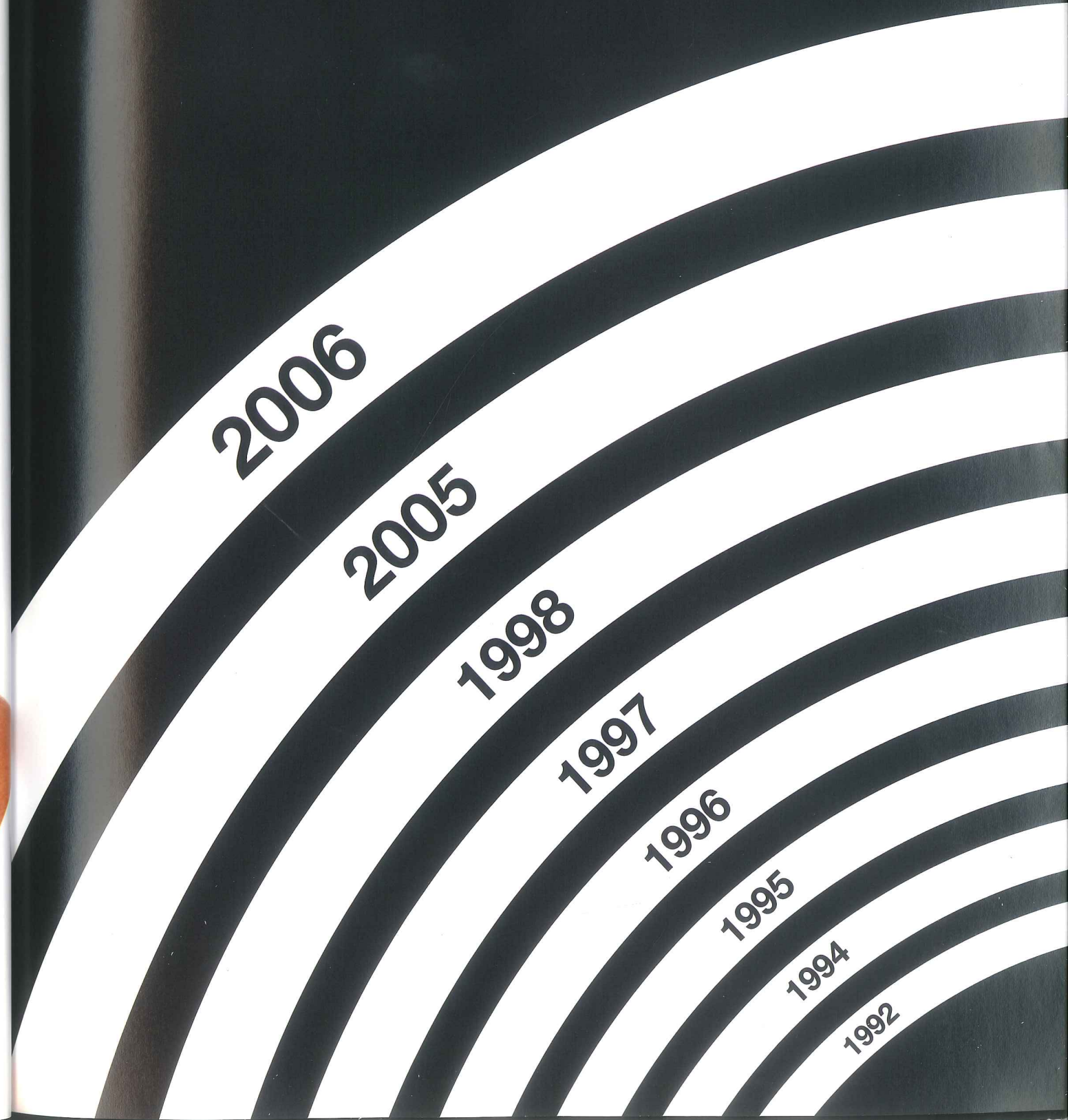
**FCS K-3**

the K-3 is available in Performance Glass and Glass Flex (PG shown)

"I use the K-3 for down the line waves and long turns. I've been on this set of K-3 front fins for over three years, and they've been my magic set."

- Kelly Slater

**FCS K-3**  
kelly slater's new fin



2006

2005

1998

1997

1996

1995

1994

1992



# frança

## “Immersion en mer française”

texto e fotos **Roberta Borges**

Horas de voo e finalmente chego ao meu destino. França, precisamente Biarritz. Logo avisto minha amiga francesa Emmanuelle Judith empunhando sua filmadora, convicta jornalista e apaixonada pelo surf, que dedica sua vida ao esporte. Uma amiga que já recebi no Brasil e que agora ofereceu o aconchego de Capbreton para esta temporada de ondas geladas da Europa.

Em termos de ondas, muitos lugares são privilegiados neste litoral banhado pelo oceano Atlântico. Além de Capbreton, encontra-se Hossegor, Biarritz e muitas outras praias que cruzam a fronteira da Espanha. De Capbreton, apenas um estreito canal separa a praia de Hossegor; e é preciso dar uma grande volta para surfar do outro lado. São muitos picos perfeitos nestes dois lugares, e quando o swell entra certo, pode ter certeza que um mar clássico deve estar quebrando.

Nesse período do ano é fim de inverno, e em tempos de aquecimento global o frio deu as caras atrasado, trouxe algumas ondas e um pouco de chuva com alguns raios de sol, como um sinal de sorte em meio dessas águas congelantes.

Logo na primeira manhã acordamos com o telefonema de um amigo, dizendo que as ondas estão perfeitas em La Nord. Vejo então, pela primeira vez nesta viagem, como quebram as ondas neste antigo mundo, pico este também conhecido como a Pipeline européia.

O mar não está muito grande, mas já consigo imaginar a potencialidade do lugar para receber uma ondulação forte e perfeita.

Percebo pouca gente no mar; está muito frio e as ondas estão ótimas, típico dia off season europeu. Nessa minha estada, as ondas quebraram perfeitas durante dois dias seguidos em La Nord e em La Gravière. Eram direitas e esquerdas tubulares que rodavam quase na areia. Era entrar nas ondas e jogar para dentro. A visão ali é de adrenalina pura. Muitas vezes, na saída do tubo, alguns malucos saem correndo direto sobre a areia, uma loucura. Várias pranchas quebram e vários surfistas acabam ralados, coisas comuns para quem encara os “tubes” nestes picos.

Bem ao lado de La Nord fica a Central, onda enorme e perfeita sob um swell forte. Ali é o palco das grandes etapas do WCT e outros eventos que acontecem no verão. Não acreditei quando assisti a um vídeo de campeonatos passados, o mesmo lugar em situação tão diferente. Fora do agito calma absoluta, alguns surfistas e turistas. Na competição, tudo lotado, concorrência por espaço.

Como diz minha amiga Judith: “Este lugar fica irrecorrível. É no inverno que se vê o real espírito do litoral da França, seus costumes e a maneira de viver. O verão é intenso demais, com gente do mundo inteiro

tomando a praia quase que insuportável”. E ela tem razão, pude ver um pouco da França na sua essência, num típico clima europeu de inverno.

Hossegor tem um charmoso centrinho cheio de pequenas butikas que apresentam suas vitrines para o verão tardio. Os cafés, com seus terraços, são o ponto de encontro de quem trabalha e vive por aqui.


Para os franceses, o frio não é barreira para se viver o mar. Além do surf e do bodyboard, o bodysurf e o skinboard e a vela, inclusive o windsurf, são bem difundidos. No porto de Capbreton, por exemplo, podem-se ver muitos barcos, inclusive os pescadores que voltam lotados de suas jornadas matinais, e ali mesmo, numa feira montada no próprio porto, vendem-se peixes fresquinhos direto ao público.

As crianças freqüentam as escolinhas de surf como no alto verão. São muitos grupos que chegam com suas vans e preparam tudo nas calçadas à beira-mar. Os professores simulam pequenos campeonatos como treinamento, o que está gerando um retorno ótimo de resultados para o surf local. A molecada francesa leva os treinos a sério, e prova disso é que os melhores surfistas da atualidade fazem parte dessas equipes. É o caso das francesas Lee Ann Curren e Alizé Arnaud, que neste ano participaram do Quiksilver ISA World Junior Surfing Championship em Portugal.



surfista francês cruza a fronteira entre a França e a Espanha para surfar em **San Sebastian, Espanha**





É no inverno que se vê o real espírito do litoral da França, seus costumes e a maneira de viver.

Emmanuelle Judith



Observo. Enquanto os jovens entram e saem do mar numa tarde gélida de sábado, vejo uma cena bem inusitada. Um casal aproveita e curte um característico piquenique francês junto ao mar, regado por um bom vinho, queijos, chocolates e um cigarrinho habitual. O frio é cortante, mas ninguém toma conhecimento dele, só eu que, apesar de ser gaúcha, quase morro de hipotermia na minha primeira e última tentativa de pegar umas ondas francesas nesta temporada.

As lambretas e motocicletas fazem parte do dia-a-dia em Hossegor: Uma febre antiga e ao mesmo tempo moderna, condução perfeita que serve para tudo, desde ir surfar a até mesmo comer aquele maravilhoso croissant que desmancha na boca.

Em La Sud, aproveito para fazer umas imagens do Jex, ou melhor, do Jean-Charles Debray, que é considerado um dos maiores voadores do surf europeu. Ele é um francês de Guadalupe, nas Antilhas Francesas, que vinha constantemente para Hossegor, até que na última estação resolveu ficar para aprimorar seus aéreos e, desde agosto do ano passado, quando venceu o badalado Quiksilver Air Show, competição que acontece durante a noite em Anglet, resolveu ficar de vez e trilhar novos caminhos.

Outro lugar incrível nessa região é o pico de La Piste, da onde se podem ver os blocos da Segunda Guerra Mundial, que hoje estão lá à beira mar como se tivessem sido largados por alguém. Na época, os blocos eram usados como camuflagem de rochas cor de areia e escondiam soldados e suas metralhadoras à espera do inimigo. Incrível passar por ali e pensar em tudo que aconteceu. Incrível a mescla de sensações, muitas delas tristes e melancólicas, outras até saudosas, outras de sentimentos puros para com a beleza peculiar do lugar. Alguns desses blocos estão totalmente pichados como forma de protesto, formando uma paisagem à parte.

Encontrei muita gente desde que cheguei. Revi amigos do Brasil que moram na França, Thomaz Selliens, Pietro França e a francesa Sonia Bengana, surfistas que foram em busca da plenitude dos próprios ideais por meio da produção de vídeos de surf. Esses brasileiros criaram a Jamur Vídeo, que no ano passado participou do Festival de San Sebastián, com o agradável e interessante filme Croque-piments, croque-maïs, que teve a finalização trabalhada pela brasileira Maloca Estúdio. O nome do filme vem de uma expressão usada para diferenciar os bascos – um grupo étnico que habita no norte da Espanha e no sudoeste da França, neste caso os franceses localizados na região costeira do golfo de Biscaia – dos povos landeses, do estado Landes, localizado na região Aquitânia, que também possui ótimos vinhos, os famosos 'crus' da margem norte da Gironda bordalesa.

O Croque-piments é um belo e alegre curta-metragem que, além de prestigiar a cultura local, valoriza a tradicional música francesa.

Tenho a chance de conhecer uma das grandes revelações do surf francês dos anos 80, Jean-Louis Poupinel. Estou curiosa para ouvir um pouco de suas histórias de la France. E na companhia de Judith e Thomaz, que é seu amigo, o encontro fica mais fácil. O ídolo do surf de Hossegor está com a esposa e seus dois filhos. Curioso é que logo nos cumprimentos acontece algo estranho. Digo meu nome e a família se olha, um pouco sem jeito e depois começa a rir e a perguntar: "Seu nome é Roberta?", com o típico sotaque. Eu confirmo sim e eles sorriem e contam que é o mesmo nome do bichinho de estimação da família, a ratinha das crianças que está na gaiola ao nosso lado na sala. Nos divertimos muito com essa coincidência, o que serviu para quebrar o gelo.

Pupi, como é conhecido pelos amigos, é um nome muito respeitado na história do surf francês. Ele foi um dos pioneiros no desenvolvimento do esporte local. Foi campeão europeu em Portugal nos anos 80 e lamenta ter perdido a grande chance de defender seu país no Mundial Amador da Austrália em 1982, época em que era considerado o melhor surfista francês. Por ironia do destino, dois dias antes de viajar para a Austrália, Pupi sofreu um acidente que o tirou da competição. Ele reconhece que estava na sua melhor fase e que teria grandes chances de ficar entre os três melhores do Mundial, e quem sabe até ganhar a bateria derradeira, façanha que mudaria o futuro.

Em sua casa, Pupi nos mostra a enorme coleção de pranchas, das mais antigas às mais modernas e, em especial, um presente do amigo australiano Mark Richards, um legend do surf mundial. Pupi continua surfando muito bem até hoje, costuma viajar para Indonésia a maioria das temporadas, mas gosta mesmo é de surfar no quintal de casa sem precisar se mover muito por aí. Pupi se diz realizado por poder surfar com a prancha do amigo tetracampeão mundial Mark Richards. "Cada uma das prancha da minha coleção me dá uma sensação diferente. Aproveito cada estilo, seja com uma mono, uma bi, ou tri ou quadriquilhas", conta Pupi, que lembra saudoso dos tempos em que procurava algum amigo para ter apenas a companhia para surfar, e quando na temporada de férias com a praia cheia tinha no máximo dez ou quinze pessoas no mar. Agora, é chegar às 6 da manhã e ver o out side lotado, com o movimentado centro de compras abarrotado de surf shops, presença forte de todas as grandes marcas e suas lojas. Foi um agradável encontro, onde descobrimos várias pessoas e acontecimentos em comum, fatos que marcaram época, já que fazemos parte da mesma geração, porém separados geograficamente e por um oceano.

momentos de Gravière





à direita; **escolas de surf** são comuns na França ao lado; **Capbreton**

abaixo; **Lee Ann Curren**, sua mãe **Marie Pascal** e família; **Emmanuelle Judith**, Biarritz **Jex**, aéreos em La Sud



Aproveito o clima amistoso e marco um encontro na casa de Lee Ann Curren, em Biarritz. Ela é filha do grande Tom Curren com a francesa Marie Pascal, que também é ótima surfista. Eu estava curiosa para vê-las, pois Marie competiu comigo no Mundial Amador da Inglaterra em 1986. Mãe e filha envolvidas pelo mesmo interesse: o surf. É muito bom rever uma pessoa, ainda mais 21 anos depois. Bato à sua porta e lá está ela, sorridente e simpática como sempre. Já é domingo e estão todos em casa. Lee Ann se apresenta timidamente e iniciamos um bate-papo.

Marie continua envolvida com o surf até hoje, mas parou por um tempo para ter as crianças, Nathan e Lee Ann, frutos de seu primeiro casamento, com o tricampeão Tom Curren. Depois se divorciou, casou de novo e teve o caçula Paul. Nos últimos dois anos trabalhou na Rip Curl, na área de estratégia do setor feminino voltado para a Europa. "Não tinha tempo para mais nada, queria estar mais com os meus filhos e poder surfar e mudar o ritmo", diz Marie Pascal, que agora continua na empresa, mas apenas na divulgação, coisa que ela pode fazer de sua casa pelo computador.

Quanto a Lee Ann, Marie diz não insistir para que ela siga o caminho das competições, mas que mesmo assim a filha vem conquistando espaço através do esforço próprio. "Não tenho muito tempo para acompanhá-la pela Europa e nem acho que seja bom estar o tempo todo junto. Já fui competidora e sei que isso pode ser demais. A única exigência que faço é: estudar forte".

Lee Ann é uma menina calma e serena, de sorriso suave e cativante. Não conheço Tom Curren pessoalmente, apenas por fotos e filmes, mas fiquei impressionada de olhar para ela e sentir no jeito da menina a presença do pai. Aos poucos, durante a nossa conversa, ela foi revelando as similaridades entre eles. Coisa em comum como tocar violão e guitarra com os amigos, curtir ficar na dela e amar o mar e o surf. Eles estão longe um do outro, mas quando estão juntos curtem muito surfar, fazer um bom som e tudo mais.

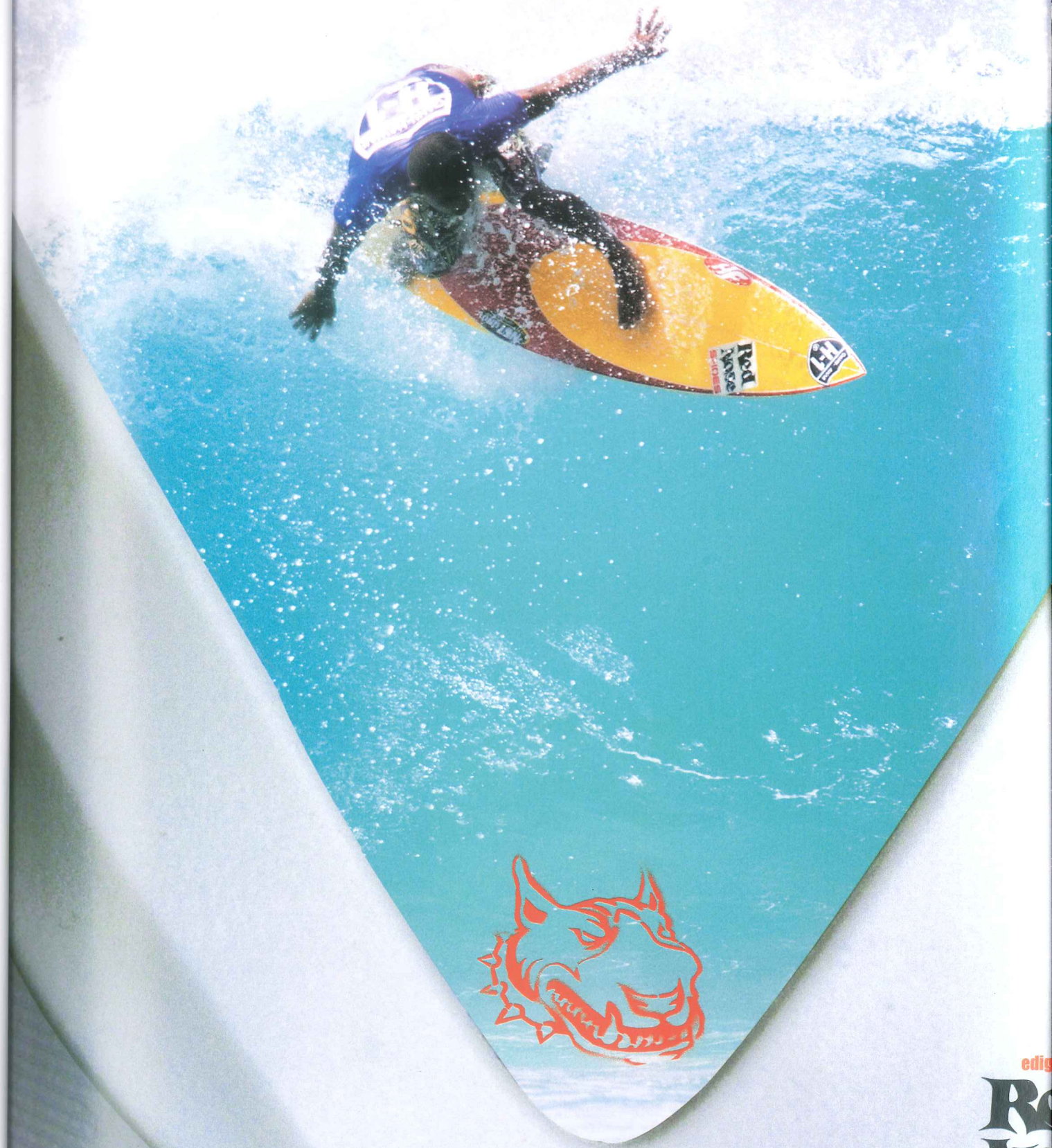
Ela está terminando a high school e faz planos para dedicar todo seu tempo às competições do WQS e, muito provavelmente, tentar uma vaga no WCT. A universidade vai esperar um pouco. Os próximos 2 anos servirão como um teste para avaliar seu futuro no surf. Bons resultados, ela segue a carreira de surfista profissional, caso contrário, os estudos voltam a fazer parte do seu cotidiano. Com a vitória e o título de campeã européia Pro Junior; Lee Ann tem boas chances de seguir em frente. Inspiração é o que não vai faltar; basta olhar os pais desse talento francês, Tom Curren e Marie Pascal, surfistas que sempre vão se destacar entre os melhores; campeões.

Também conheci Alizé Arnaud, uma menina de 17 anos, outra revelação da nova geração francesa, que assim como muitos jovens do litoral francês frequenta as escolinhas de base que agora ampliam os treinos mais dedicados ao ambiente competitivo. Na França, tudo é bem organizado. Os treinadores são rigorosos e, por incrível que pareça, o estudo pode ser feito com qualidade por correspondência. Com essas condições, escolher a melhor hora para surfar pode se tornar uma tarefa fácil. Alizé foi campeã francesa em 2005 e vice-campeã européia júnior neste ano. A garota de talento sonha com o título mundial da categoria e a entrada no WCT. Mas, esses são só alguns nomes que posso citar nessa minha volta à França, pois na extensão desse litoral francês, acredito que poderão aparecer muitos outros nomes, pódios e vitórias e conquistas, e não se assustem se logo aparecer um campeão mundial, um fenômeno do mundo do surf.

Para mim, o verão sempre foi melhor do que o inverno. Mas, aqui, algumas coisas dão beleza a esta longa temporada fria de alguns tons pastéis. A luz é muito especial, ainda mais se o pôr-do-sol afundar no mar. O frio, as montanhas, a praia e o sol, tudo integrado a um fim de tarde magnífico, faz desse um espetáculo surreal. São visuais incríveis, multicoloridos, que se transformam a cada segundo. Boa música, boa comida, bons queijos e vinhos, boas ondas, charme, aconchego e amigos. Tudo fica maravilhoso na França, um lugar de sensações.



# NO PRÓXIMO SWELL.



acesse [www.rednose.com.br/shoes](http://www.rednose.com.br/shoes) e concorra a um par de tênis







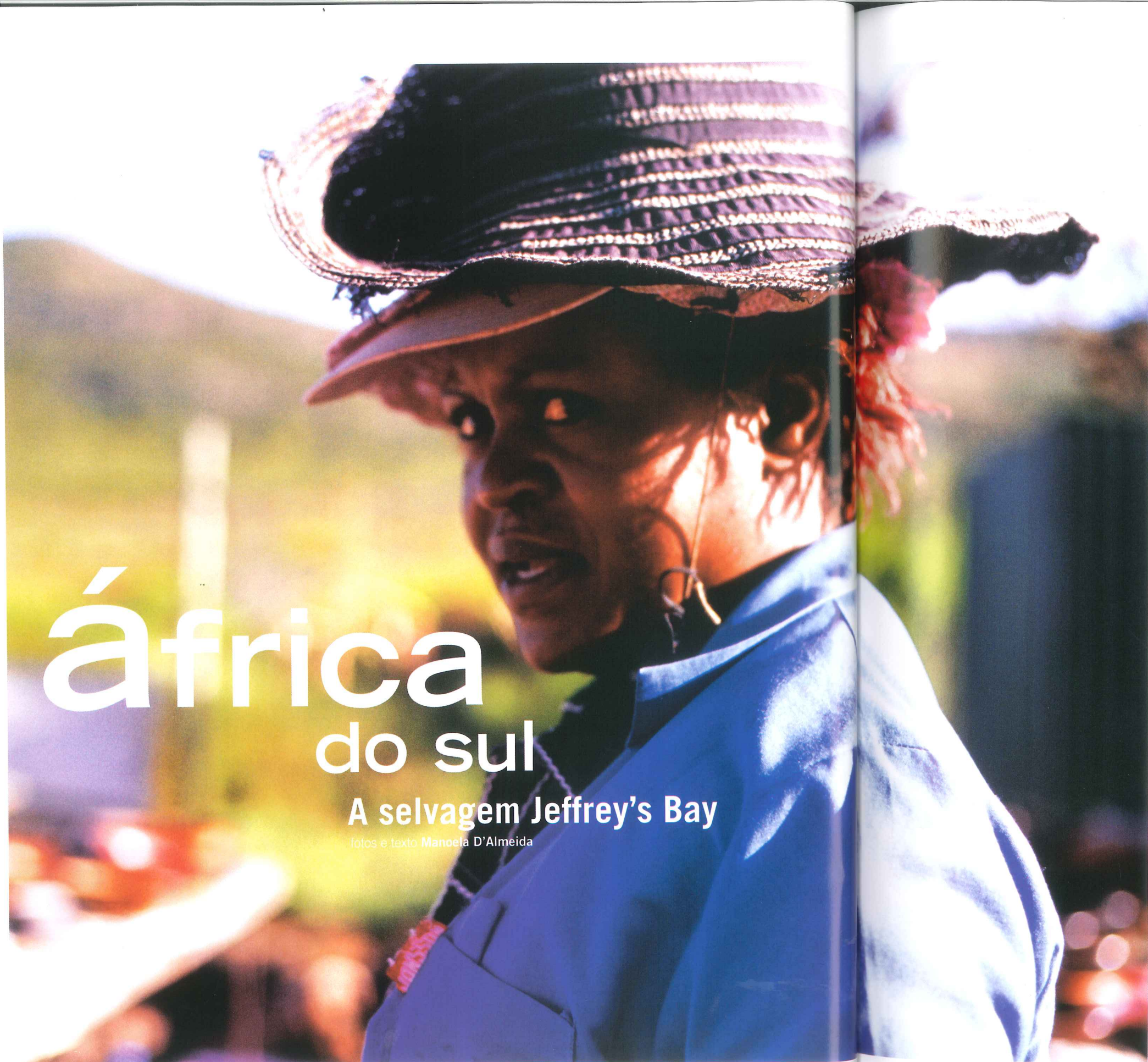
# Mar Salgado Lar

Inverno 2007 / winter 2007

Se encontrar:  
[www.redley.com](http://www.redley.com)  
Teléfono: 3294 9119

 redley





# África do sul

## A selvagem Jeffrey's Bay

fotos e texto Manoeta D'Almeida

Ar imponente e ao mesmo tempo selvagem. A Cidade do Cabo, belíssima, fica no exato encontro entre dois oceanos, na ponta sul do continente africano, onde as águas congelantes do Atlântico contrastam com a temperatura mais amena do Índico na costa das ondas perfeitas. O caminho pela bela Garden Route mexe com os sentidos. Fazer um safári pela África em meio a sessões de surf combina com a magnitude do lugar; faz da viagem uma experiência transformadora. Surfar a direita mais famosa do mundo, interagir e observar os animais mais selvagens do planeta e ter contato com o povo negro que tanto sofreu com o apartheid, brancos também, faz da África do Sul um lugar de atmosfera única, um lugar de sonho.

### Uma Jeffrey's Bay Bucólica

Chegar à África do Sul e dirigir na mão contrária já é uma dificuldade. Nos primeiros dias você nunca está certo da pista correta. Para quem roda o mundo enfrentando horas de vôos, estradas, balsas e buracos, dirigir do outro lado parece não ser tão ruim assim. Desta vez estou na estrada N2, na Garden Route, partindo da belíssima Cidade do Cabo com o sonho de conhecer o melhor point break de direitas do mundo. Difícil é se concentrar na estrada, até que enxergo uma placa escrita em afrikaans – um dos 11 idiomas locais: "Jay Baai – 1 km". É nessa hora que a busca começa a valer a pena, a fazer sentido. Sentir o coração pulsar mais forte e a ansiedade levar os pensamentos para longe é o anúncio de uma grande viagem.

Já era noite e então encostei num bom backpacker para jantar e descansar, acordar com todo o gás na manhã seguinte. Na entrada do hotel já sinto a energia da cultura surf presente em todos os cantos. Na porta do quarto tem uma placa com os dizeres "Gone surfing", as paredes da sala são recheadas

de reportagens de revistas ilustrando os tubos, e pela janela vejo um céu absurdamente recheado de estrelas brilhantes que iluminam uma Jeffrey's Bay bucólica, onde o único barulho existente é o do mar, que parece estar forte.

Cinco da manhã toca o despertador. Sinto frio e por um momento esqueço onde estou. Espio para fora e vejo que ainda está tudo escuro, sinal que uma de minhas buscas está ao meu alcance: ver o sol nascer em J-Bay. Corri para a beira da praia e senti o ar puro e gelado entrando pelas narinas. Aos poucos o céu vai ganhando uma tonalidade laranja e posso perceber as linhas perfeitas de Supertubes, com golfinhos maravilhosamente surfando nelas. Tudo vai clareando e descubro o incrível cenário do sonho chamado África. O amanhecer é sempre um momento mágico em qualquer lugar do mundo, mas posso dizer que em J-Bay é muito mais especial. Aquela aura selvagem dos animais, da onda, do povo, persiste e está enraizada para onde quer que se direcione o olhar.

Percebo que não estou sozinha. Alguns surfistas levantam cedo para conferir as condições e converso com um deles. Glenn, um 'saffa' (palavra afrikaans que significa 'homem da África do Sul') que mora na região há anos, diz que a ondulação está de sudoeste e perfeita, na melhor época do pico, que para ele é o final de março. O sul-africano conta que os moradores não gostam muito do período entre os meses de dezembro e janeiro, pois as praias ficam lotadas por causa das férias, e que prefere o movimentação da etapa do mundial, entre junho e julho. Glenn conta que gosta das festas, dos festivais de música, e do encontro com os tops, mas que prefere o pouco crowd e o vento terral das manhãs sem praticamente ninguém ao seu lado no mês de março – embora o pico seja mais constante de maio a setembro.





à esquerda, longboarders em **The Point**, movimento retrô em alta na África do Sul. Acima, tubos em **J-Bay**, rotina saudável. Ao lado, vida selvagem no continente africano

## Jeffrey's

é um lugar selvagem.

A vegetação em volta

da praia, os **golfinhos**

pulando no mar, os milhares

de **conchas** pela beira da

**praia** completam o visual,

que possui uma **onda**

que simplesmente é

**incrível**

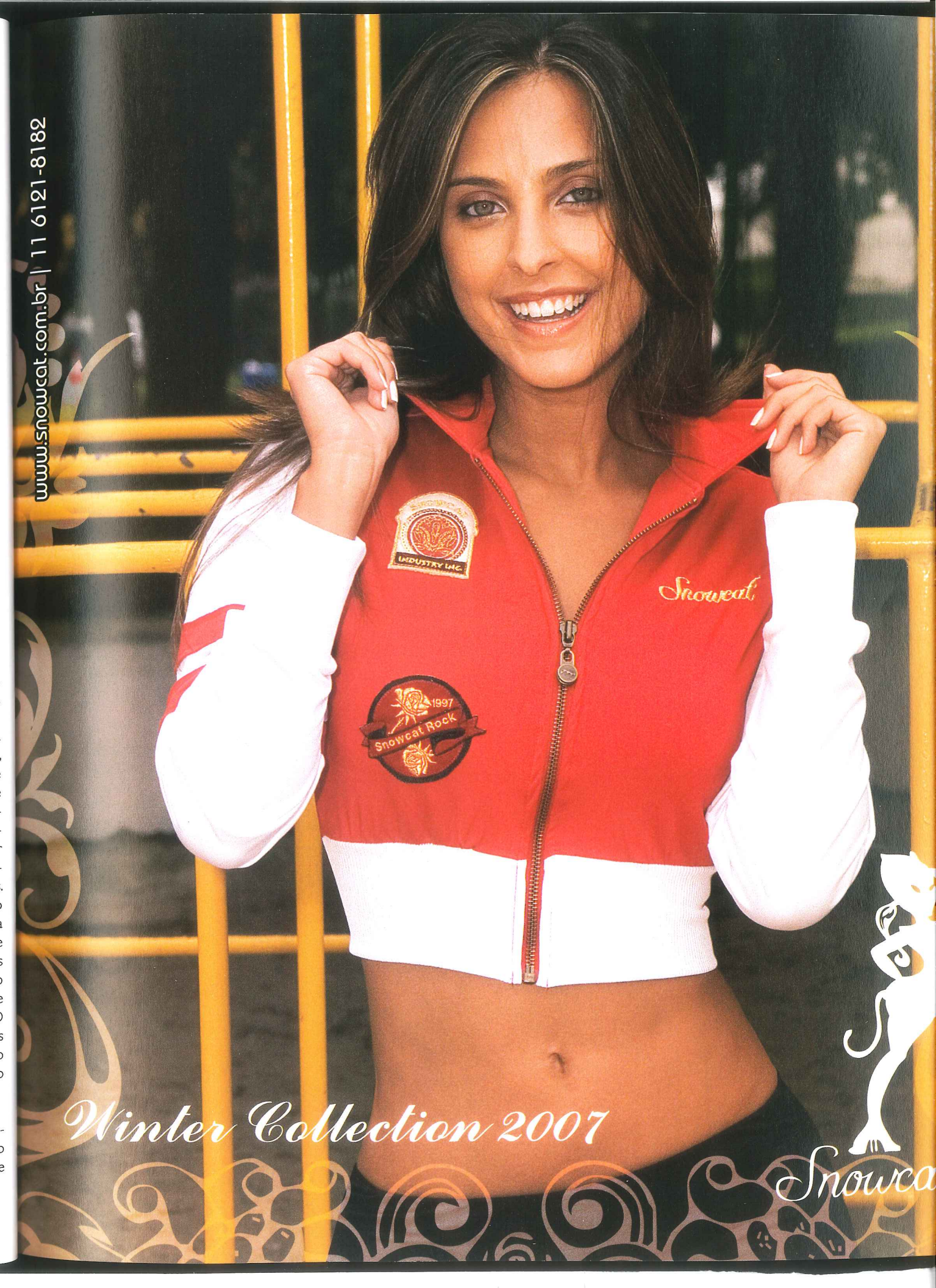
O povo sul-africano é muito bonito, extremamente simpático e amigável, e a Cidade do Cabo é um dos destinos mais procurados por modelos e campanhas publicitárias, além de muitos filmmaker inspirados desde os tempos do *Endless Summer*. A estrutura de algumas das cidades da África do Sul lembra a Califórnia e a Austrália, com tudo asfaltado e várias lojas de surf espalhadas por todos os cantos, intercaladas por redes de fastfoods. Porém, J-Bay, apesar de ter uma atmosfera tranquila, pode ser um tanto quanto perigosa à noite. A maior cidade, Johannesburg, enfrenta sérios problemas com a desigualdade social e está entre as cidades mais violentas do mundo. O apartheid deixou cicatrizes perceptíveis no convívio social.

Jeffrey's é um lugar selvagem. A vegetação em volta da praia, os golfinhos pulando no mar, os milhares de conchas pela beira da praia completam o visual, que possui uma onda que simplesmente é incrível. Inexplicável ver as sessões de séries funcionando e os tubos rolando. Os ventos frios e a água gelada, aliados ao medo da presença dos tubarões-brancos, fazem do point break um lugar à parte. Um amigo sul-africano, Grant "Twiggy" Baker, campeão do Mavericks Contest 2006, me disse brincando que os "johnny's", gíria local para identificar os animais marinhos, são grandes amigos dos surfistas de J-Bay, já que afastam o crowd e os turistas mais descompromissados com o lugar.

Conhecer as famosas direitas de J-Bay começa em MagnaTubes, seguida da sessão mais potente da 'baía recortada', que é Boneyards, uma onda cavada que funciona também para a esquerda quando tem tamanho. Ao lado está Supertubes, a mais famosa e palco do circuito mundial, extremamente rápida, longa, consistente e oca, que com muita habilidade e equilíbrio te leva até Impossible, num desafio e tanto para escapar das pedras que estão pelo caminho. Sobrevivendo ao "impossível", é a vez de encarar a adrenalina de Tubes, ali é emocionante ver uma onda que de repente vai aumentando de tamanho e de massa d'água com tubos e mais tubos. Aí avança até The Point, uma onda mais fácil e que ao mesmo tempo é incrivelmente cilíndrica, que alcança o pico de Albatross, a última sessão de onda. Existe uma mística de alguns terem surfado de Magna Tubes até Albatross, em dias de condições ideais com o universo conspirando a favor. É 1,2 quilômetro de extensão de surf de alto nível em um lugar lindo. O ídolo de alma santista Picuruta Salazar está entre os nomes que conseguiram essa façanha, mas, como não há registros, essa lenda também gira em torno do maior campeão brasileiro.

Em J-Bay, o movimento retrô de pranchas fish é muito forte. Esse comportamento cresceu por meio do lendário surfista australiano Derek Hynd, desde que ele escolheu Jeffrey's como porto.

www.snowcat.com.br | 11 6121-8182



Winter Collection 2007

Snowcat





Acima, sessões tubulares em **Jeffrey's**; Vista de **Capetown**; Nanda e Manoela D'Almeida, concentração **J-Bay**



Hynd parece ser um homem diferente, mais elevado. Todo ano ele passa algumas temporadas em Jeffrey's, já que possuía uma casa que fica a poucos metros de Supertubes, onde ele mesmo construiu uma espécie de pirâmide de vidro no topo. A casa foi ponto de encontro das lendas do surf e era o cenário perfeito para Hynd fabricar suas incríveis Skip Frye.

Mas existem muitas outras cenas na África do surf, como a de crianças que vivem mais na areia, brincando na beira da praia, entre conchas e estrelas-do-mar. Mulheres caminham e surfam com estilo, onde as 'miesie's' ('mulher' em afrikaans) arrebentam nas ondas sem nenhum medo dos caldos. Olhar os jovens surfistas fazendo manobras incréditas nos tubos cilíndricos também é inspirador e comprova que novos Jordy Smith estão a caminho. Percebi que a África é um lugar familiar, onde o espírito da surf culture une os surfistas das mais diversas regiões, etnias e raças.

Na África, conheci o sentimento de conexão com o mundo selvagem. É impossível não voltar transformada depois de uma jornada assim. Creio que esta é uma das coisas mais incríveis de ser surfista, sair para buscar as melhores ondas: é preciso viajar e ser transportado e interagir com culturas diferentes. Nós, surfistas, experimentamos novas ondas e novas sensações, fazemos parte do lugar em que estamos e não importa onde. Cada pessoa que você conhece em uma viagem, principalmente as de comportamento mais simples, te conecta com a atmosfera do lugar e vira personagem de um momento da sua vida. Na África, realmente conheci a África do surf, que oferece ondas incríveis e muitas outras coisas maravilhosas. A paz da África do Sul está na tranquilidade dos animais selvagens soltos na savana, na beleza da miscigenação do povo e nos visuais de tirar o fôlego, comprovando que o grande criador realmente existe.

Amanhecer de sonho em **Jeffrey's Bay**; **Afrikaans** style



# Roxy

Silver Tag

## Nova linha Silver Tag



Fotos: Paulo Camargo

[www.roxyshop.com.br](http://www.roxyshop.com.br)



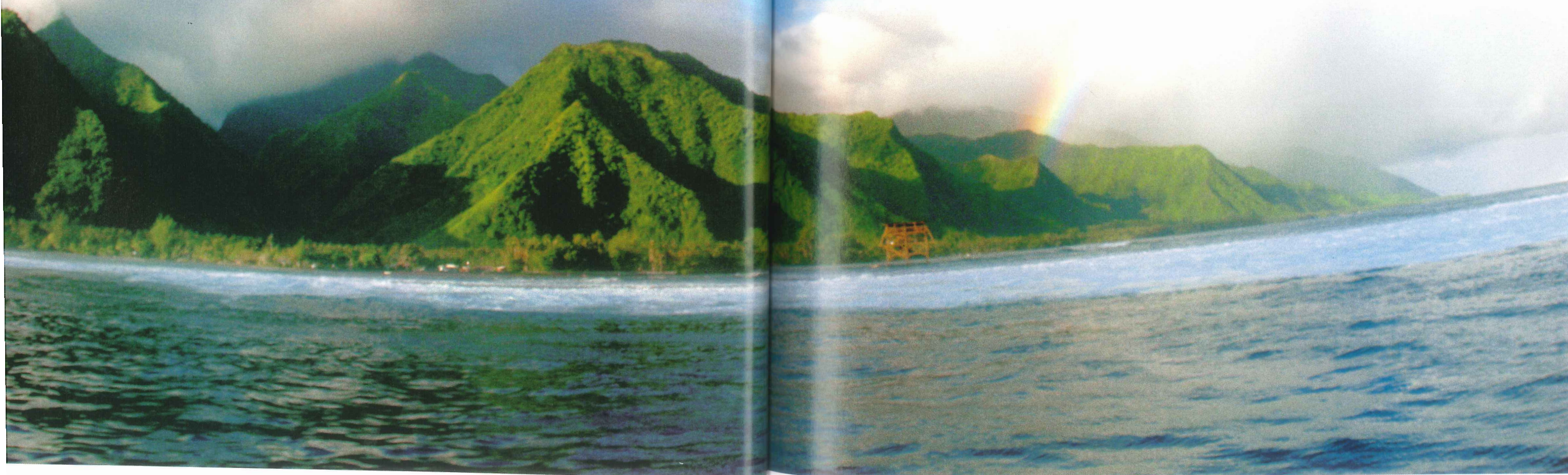




# tahiti

por Aleko Stergiou

71



visual mágico do Tahiti





O Tahiti é mágico. Mágico como um ilusionista que nos provoca sensações eufóricas e incontroláveis. E foi assim em minha terceira temporada nessa ilha polinésia, onde mais uma vez tive o prazer de sentir a alegria de estar contemplado a magia de Teahupoo.

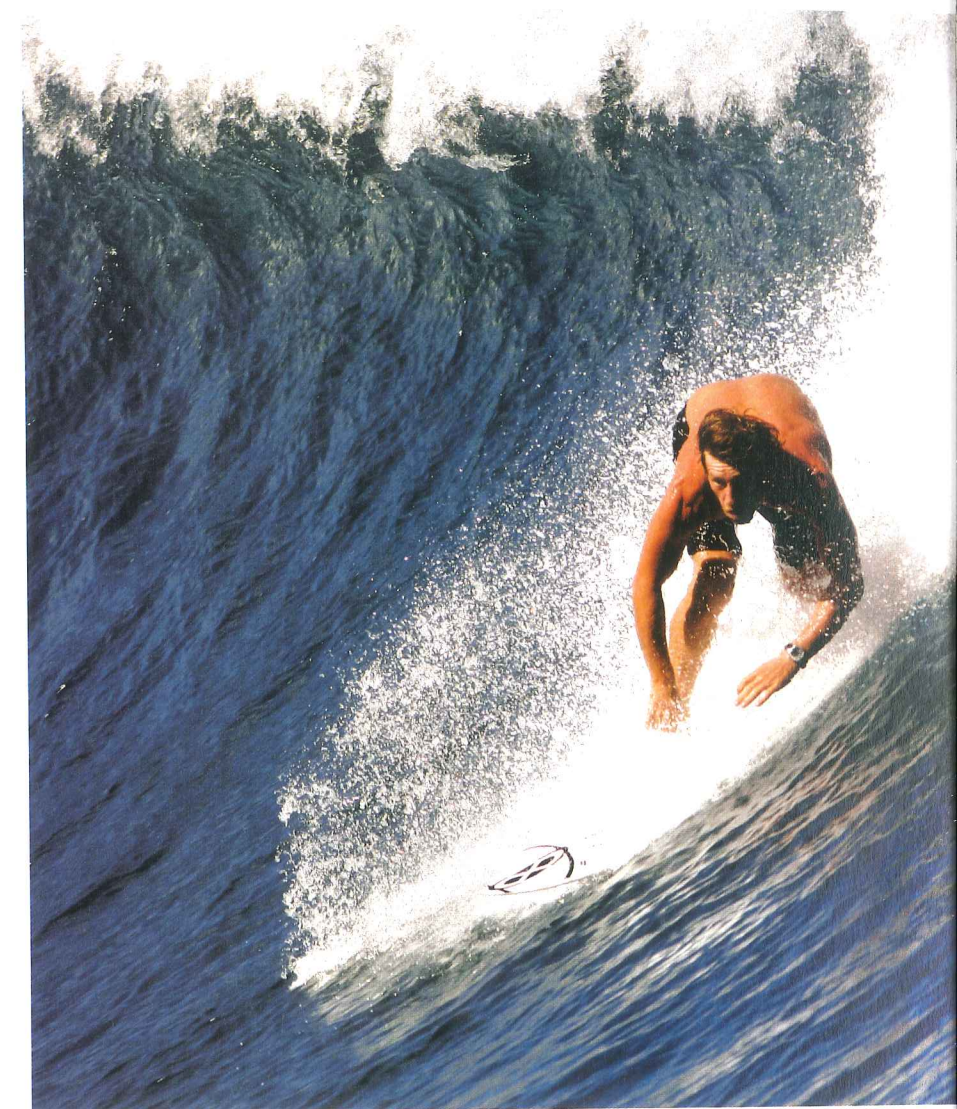
Nos 30 dias de viagem ao paraíso da Polinésia Francesa, fortaleci amizades, brinquei, chorei, me emocionei e, mais uma vez, fotografei as ondas azuis dessa pequena ilha que recebe os visitantes e nos faz sentir em casa.

Mais uma vez nessa temporada, junto dos amigos brasileiros, tive o privilégio de ver, sentir e fotografar a magia de um lugar que proporciona tubos e mais tubos, cristalinos, pesados, perfeitos. Enquanto muitos amargavam o flat de Teahupoo durante a janela de espera do WCCT, nós procurávamos outras ondas para surfar, sem crowd, sem tensão, sem pressão.

Fomos visitar nossa vedete de esquerdas de um estúdio natural único e vip, e como uma bênção ela estava lá, linda, quebrando perfeita e sem ninguém. Uma pintura surfada sobre uma bancada mágica de dias perfeitos.

A expectativa de Teahupoo foi apenas um aperitivo, e depois do final da competição, o mar se transformou com a chegada de um novo swell deixando uma tensão boa no ar.

No dia 17 de maio, bombas de 10 pés rodavam sem parar em Teahupoo, no palco que oferece camarote aos espectadores, onde os barcos servem de arquibancada natural de ação, na energia única gerada pelas ondas cavernosas de Teahupoo. A elite do surf mundial divide o outside em Teahupoo. Os melhores do mundo estão ali, pegando as boas, as verdadeiras ondas. Kelly Slater, o rei, mostra por que é o mestre da arte de entubar.



à esquerda, **Adriano de Souza**, integrado a Teahupoo. Acima, **Alemão de Maresias**, coragem nos drops nas esquerdas do Tahiti

O taitiano Manoa Drolet, exímio conhecedor da onda, se dá ao luxo de surfar sem lash. Cory Lopes, um destemido. CJ Hobgood, faz jus ao seu título mundial. Dos brasileiros, Stephan Figueiredo, um legítimo tube rider. Mineirinho, evolução. Alemão de Maresias, coragem. Aldemir Calunga, big rider. Só para citar alguns, cada um com seu estilo e vontade.

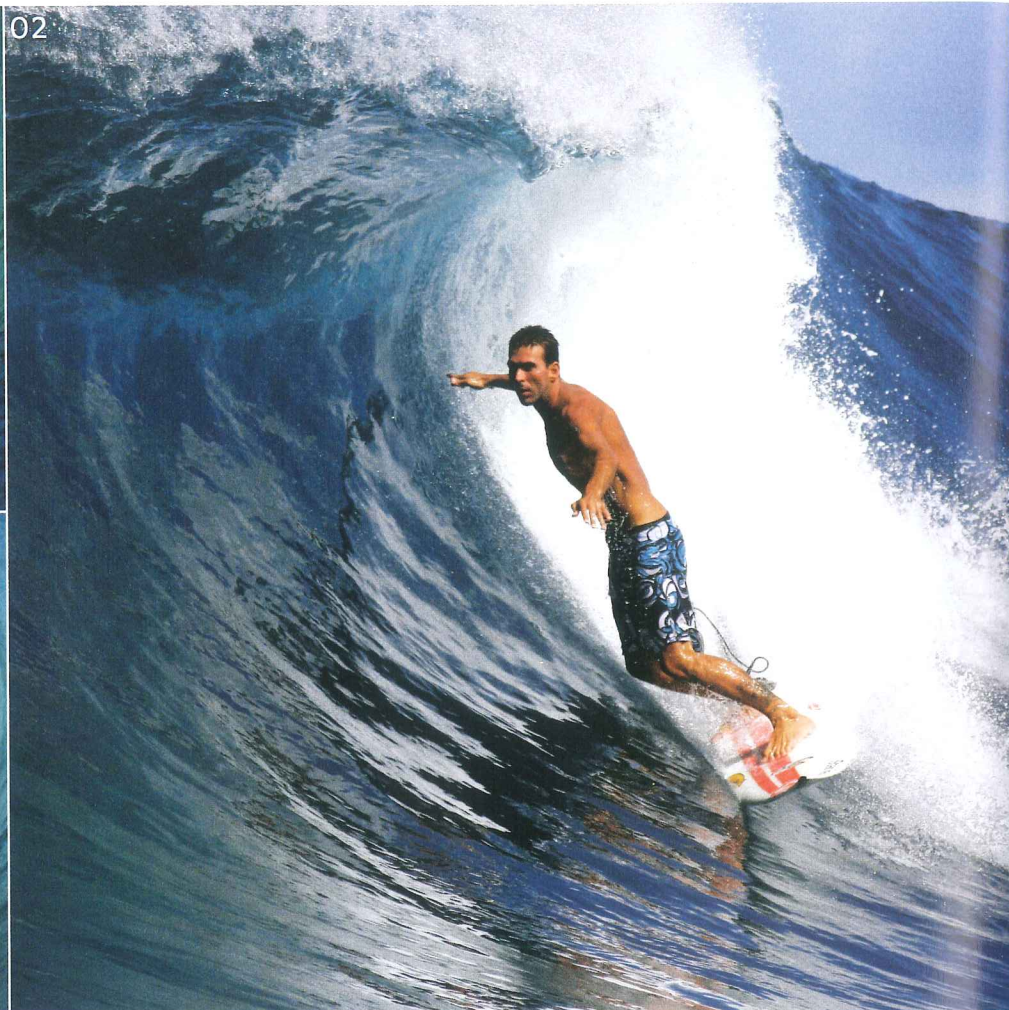
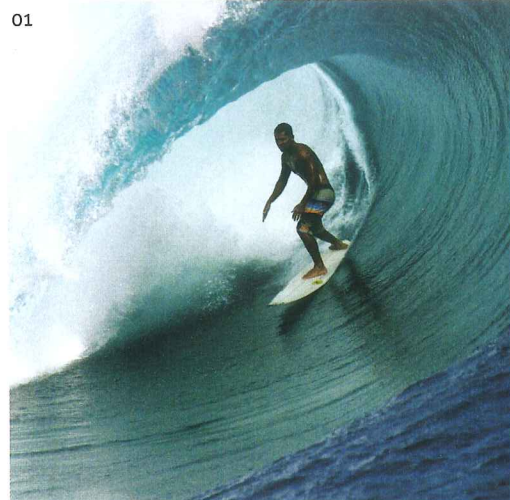
No clássico do power surf no Tahiti, a onda sorri por muitos dias, e à medida que o crowd foi deixando o Tahiti, surfistas da nova geração tiveram espaço e experimentaram o poder das esquerdas tubulares.

O Tahiti depende do estado de espírito das pessoas. Quanto mais mágico, mais alegre, onde a sintonia das energias da natureza para com as pessoas é a melhor possível. O surf no Taiti é grandioso, e tudo vale a pena quando a série entra no outside.

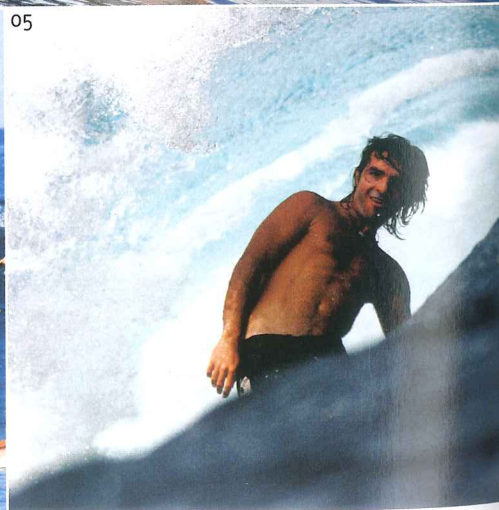
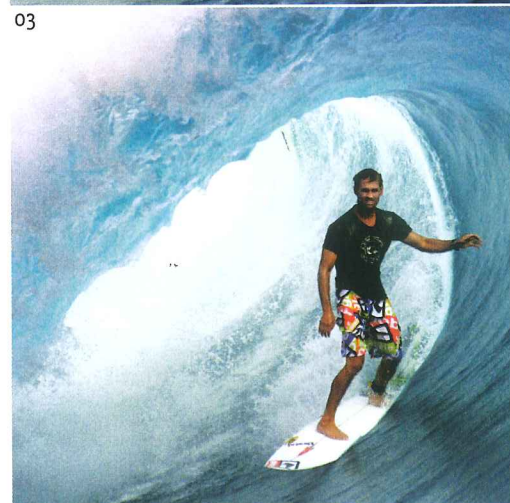
De volta ao Brasil, já penso em voltar para o Tahiti, um lugar mágico do qual eu quero fazer parte por muitos e muitos anos.

**laorana.**





fotos ALEKO STERGIU



01. Manoa Drolet, sem lash. 02. Alvaro Bacana, primeira temporada nas esquerdas e, direitas, do Tahiti. 03. CJ Hobgood, jus ao título mundial. 04. Crowd polinésio. 05. Rodrigo Koxinha, studio Tahiti. 06. Rodrigo Jorge, força nordestina 07. Beleza da vida no Tahiti



 TAHITI MÁGICO →→→

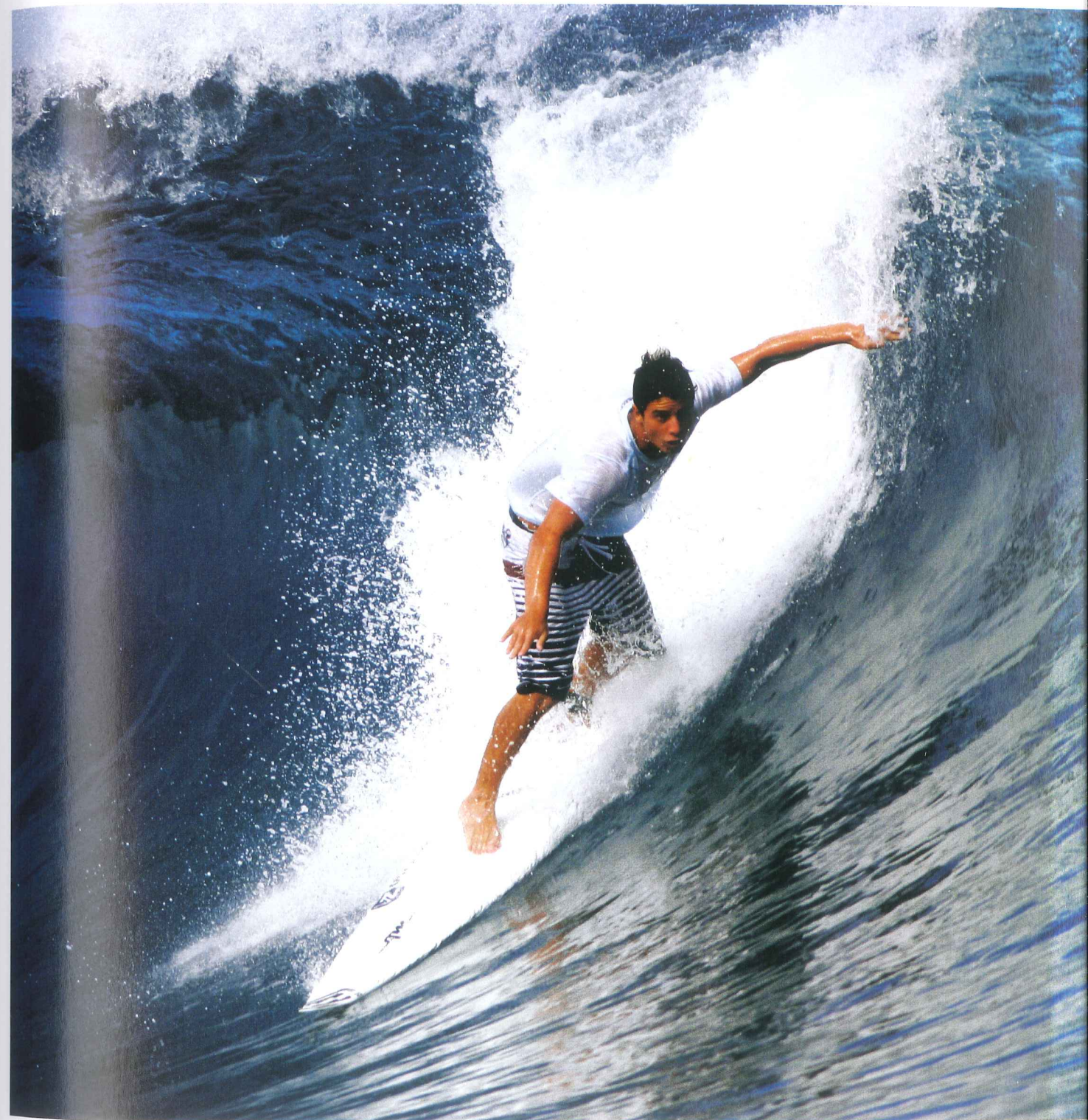
Stephan Figueiredo, tube rider entubador





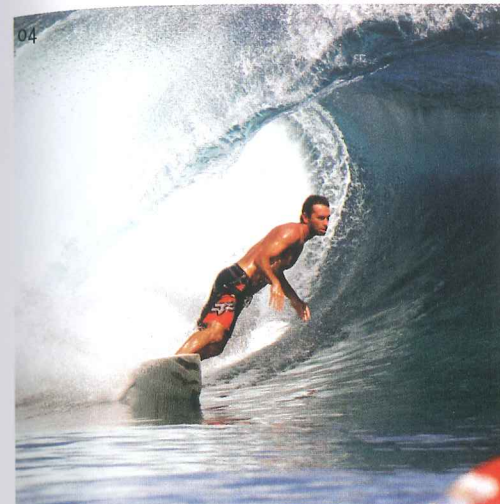
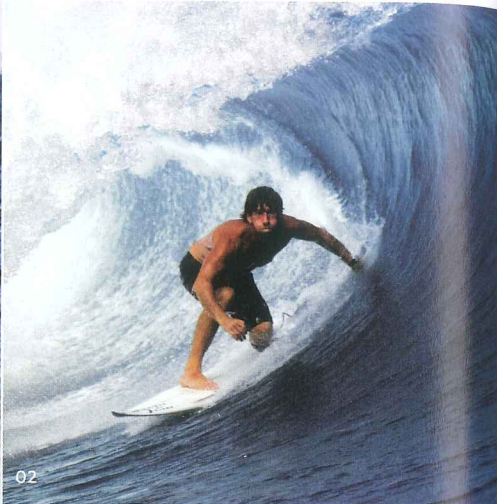


**Aldemir Calunga**, profundo conhecedor das ondas do Tahiti, big rider



**Ricardinho da Guarda**, brasileiro, sangue novo em Teahupoo





01. Calunga, diversão kite surf. 02. Alemão de Maresias, performance. 03. Cory Lopez, destemido

04. Renan Rocha, linha clássica. 05. Magic pass. 06. Everaldo Teixeira, Pato, linha suave





www.775brasil.com.br


*espírito havaiano  
sonho Brasileiro*

*Havaiana*  
**7**  
*Brasil*



© seandavey.com





# tow-in tahiti

surfado por **Akiwas, Aldemir Calunga e Rodrigo Koxinha**  
fotos **Akiwas e Tim McKenna**

**Rodrigo Koxinha, Teahupoo**





acima; **Rodrigo Koxinha**, Teahupoo 2006  
ao lado; **Tahiti** 2007



“ Surfar no Tahiti  
é **viver** o sonho real,  
maior e tubular.  
A simplicidade é  
a base da natureza.

**Surf**, a expressão  
mais clara de respeito  
ao **mar**. ”

Aldemir Calunga

Todo ano, toda temporada, os surfistas parceiros Aldemir Calunga e Rodrigo Koxinha, junto do shaper Akiwas, grata revelação do big surf nacional, seguem a rota do Triângulo Polinésio atrás do sonho real do mundo puro dos tubos taitianos.

No Tahiti, se sentir em casa é estar com a família, aquela que os surfistas escolhem por onde passam, que de forma involuntária são atraídos pela recíproca verdadeira por meio da atitude e respeito.

Esses surfistas vão atrás de seu sonho: acertar seus foguetes na melhor pista de testes que existe, e assim poder desfrutar de segundos eternos harmonizados à força natural do oceano.

No Tahiti isso é possível, e a união de uma equipe que se tornou uma família de sobrenome Tow-in Tahiti, que busca na profundidade das sensações a leveza de um lugar que oferece viver o eterno.

“Sentir a **força natural** e surfar nos limites extremos na profundidade das sensações, ilumina a alma na busca da harmonia e da **felicidade**.”

Rorigo Koxinha

“ A base do **equilíbrio** está no prazer da entrega da vida à natureza. Em Teahupoo é olhos nos olhos e vida por vida, onde a criação está ligada à **união**. ”

Akiwas



temporada 2007  
à esq., **Koxinha**  
à dir., **Garrett McNamara**  
e nesta, **Aldemir Calunga**

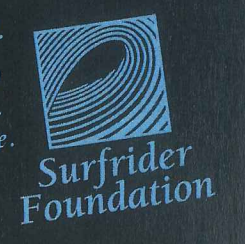




[www.surfrider.org.br](http://www.surfrider.org.br)

TUDO QUE O  
SER HUMANO FAZ  
TEM UMA CONSEQUÊNCIA.  
PARA ELE MESMO E  
PARA O MUNDO.

Resíduos industriais, lixo tóxico e o  
descaso são as principais causas da poluição.  
Proteja os oceanos, praias e meio ambiente.





# projeto kite



Guilly Brandão, cava com pressão de kitesurf em Pipeline

Há cerca de 12 anos o francês Manu Bertain, radicado em Maui, no Hawaii, foi um dos precursores do kite no planeta. O intuito de Manu na época era criar uma pipa que auxiliasse o surf nas ondas. Apesar do target serem as ondas, o design das pipas não favorecia o surf, e grandes aéreos e manobras derivadas do wakeboard foram tomando conta da rotina dos praticantes.

Com o passar do tempo, muitos atletas praticantes de outros esportes migraram para a modalidade, que hoje chega a ser uma febre que avança para fora das fronteiras do Hawaii. Atualmente, o esporte possui dois circuitos mundiais profissionais, algumas competições nacionais, dezenas de fabricantes de pranchas e equipamentos para o kite, e milhares de praticantes e milhões de dólares envolvidos, que mostram que o kite veio para ficar.

O investimento no design e aperfeiçoamento das pipas é uma constante entre os pesquisadores, e todo ano as marcas líderes de mercado lançam novos produtos. Há dois anos um modelo de kite revolucionou de vez o kitesurf nas ondas, o bowl.

Com um sistema de 'power/depower' impressionante, que se resume basicamente no sistema inverso de um acelerador de automóvel, se o kitesurfer puxar a barra do kite para seu corpo, o surf acelera. Tirando o pé do acelerador, isto é, largando a barra em direção à pipa, o kite perde totalmente a tração. O modelo bowl facilitou absurdamente o ataque sobre as ondas, e aqueles surfistas que praticam o esporte há algum tempo tiveram uma evolução rápida e significativa.

Foi nesta última temporada havaiana que eu realmente pude visualizar e sentir o quanto a prática do surf rebocado pelo kite teve sua real evolução. Algumas

# surf

por Sylvio Mancusi

**Kitesurf: mais surf e menos uso do kite.** Assim podemos definir esse novo patamar a que a modalidade chegou nos últimos dois anos, em avanços notáveis desse esporte.

sessões em Sunset/Backyards com ondas de 10 a 15 pés abriram não só a minha mente, mas a de todos os presentes nessas sessões. Como exemplo, cito uma das minhas passagens, em que tive uma desaceleração em uma junção de 15 pés, o que era impossível se pensar num período recente.

Com esses avanços tecnológicos, também é nítido que o progresso tem seu preço. No caso do kite, uma pipa de ponta custa algo em torno de US\$ 1,3 mil, e, felizmente, a maioria dos atletas que realmente busca surfar ondas com o kite conta com patrocinadores que incerrvam o esporte.

Em fevereiro passado, o tetracampeão nacional de kiteboard e atual campeão mundial de kitewave Guilly Brandão veio a Oahu. Juntos, fizemos sessões épicas de kitesurf nas ondas havaianas. Além de exímio kitesurfer, Guilly é excelente surfista. Talento, o brasileiro nasceu em São Paulo, e que já morou na Austrália, deixou os surfistas profissionais boquiabertos com as suas atuações em Off the Wall e Rocky Point, isso em sua primeira temporada nas ilhas.

Uma ondulação de 15 a 18 pés apareceu em nosso caminho e o destino foi a ilha de Maui, em busca da prática de tow-in; surfar Jaws rebocado na maior ondulação da temporada até então. No mesmo dia, ao telefone, também fiquei sabendo que entraria um vento fortíssimo na ilha de Oahu, abrindo meus olhos para uma possível sessão de kitesurf, o que me instigou para que eu provocasse meu parceiro: "Guilly, amanhã não vai ter ninguém na água, e se você pegar umas ondas de kite vai ter uma experiência alucinante". Porém, para minha surpresa, o brasileiro fez melhor. Ele não só caiu na água, como escolheu como pista de testes um Banzai Pipeline Animal. Segundo Guilly, os salva-vidas não queriam deixá-lo nem montar o equipamento, e somente depois de conversarem muito, com intermédio do salva-vidas brasileiro Vitor Marçal, é que liberaram a sessão.





acima; **Guilly Brandão**, entuba de kitesurf nas ilhas Maurítius



foto JASON WOLCOTT



foto JASON WOLCOTT

Guilly Brandão surfou altas esquerdas vindas do 3º reef de Pipeline, e o comentário no North Shore de Oahu naquela semana de altas ondas girou em torno do paulista atirado. Conseqüência de sua performance, foi destaque no programa da rede aberta de televisão no Brasil que mais dá espaço e destaque aos esportes ditos radicais, o Esporte Espetacular, transmitido pela TV Globo.

#### Projeto Kitewaves

Durante um jantar, no ardor do sucesso do surf em Pipeline com o auxílio do kite, eu e Guilly tivemos a idéia de montar um projeto no qual surfássemos altas ondas em redor do mundo rebocados pelo kite, proliferando o pensamento de que o kite/pipa, além de facilitar as idas e vindas ao outside, pode rebocar com precisão os kite-surfistas. Isso sem falar naquela sessão que normalmente fecha a sua frente, onde no surf tradicional a onda teria terminado e que, agora, com um simples comando na barra da pipa do kite, não existem mais sessões impossíveis, já que é só acionar o acelerador.

#### O tubo e o kite

Em uma recente viagem à ilha Maurice, o campeão mundial de kitewave provou ser possível ficar totalmente dentro do tubo engatado no kite e sair ileso da massa d'água. Com mais esse feito, Guilly Brandão foi destaque em algumas revistas internacionais de kite e de surf, com a imagem das linhas do kite cortando o lip da onda e o brasileiro saindo de um tubo de mais de cinco segundos em uma onda de 2,5 metros. A façanha registrada mostra que nesse tipo de surf não é fácil entubar, mas que é possível.

Em outras sessões de kite em Teahupoo, alguns atletas ficaram na boca dos tubos, sendo que outros usaram a pipa somente para rebocá-los na onda, largando-a assim que entraram na onda, como se faz no tow-in.



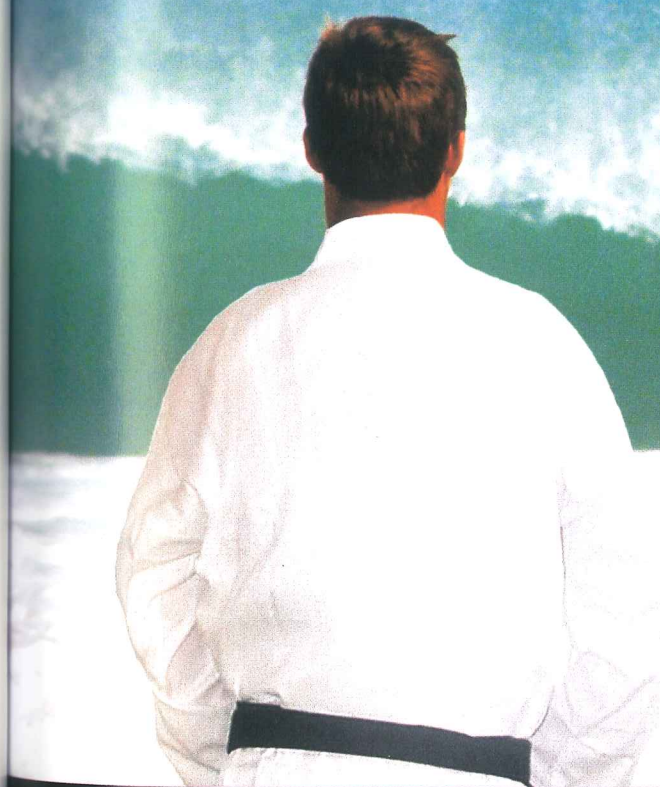
foto JASON WOLCOTT

acima à esq; **Sylvio Mancusi** treina kitesurf em Lobitos  
acima à dir, kitesurfista californiano, **Peru**  
acima, foto de Jason Wolcott

# I Black-Belt Challenger Pro Surf

15 e 16 DE SETE

## NO GUARU



#### INFORMAÇÕES:

tel: (11) 3064 4739  
cel: (11) 9145 9652  
e-mail: atendimento@tripexpress.com.br  
site: www.tripexpress.com.br

#### INSCRIÇÕES:

(somente para faixas pretas de jiu-jitsu)  
Star Point Surf Shop  
Av. Iraí n. 224 Moema  
tel: (11) 5561.1504

#### CO-PATROCÍNIO:



Surf Shop For Real Surfers



### Ondas gigantes

Jaws já foi kitesurfada. Os atletas se colocaram em alguns rabos da onda, onde se constatou que é inviável praticar o kite surf em um dia de ondas grandes. Reparei que quando se está kitesurfando o pico da onda, a parede da onda bloqueia o vento se ela tem um tamanho razoável. Mas, como já dito, nada nos impede de usar a pipa como somente um reboque, na mesma função do jet-ski, e surfar a onda normalmente.

O problema é que, com o crowd de hoje em dia, nunca se sabe quando pode se dar o luxo de deixar 30 metros de linha no trajeto dos jet-skis. Porém, o que conforta os sonhadores é que o mundo é gigante e as possibilidades são muitas.

Voltando ao nosso projeto, a viagem ao Peru foi nossa primeira opção de kitesurf, onde buscamos uma onda que nos oferecesse as possibilidades e as condições ideais de surfar de verdade.

Pacasmayo, com suas ondas de 2 a 3 quilômetros, e Lobitos, superextensa e mais cavada, foi a trip ideal para expandir o conhecimento do kitesurf. Foram longos passeios e intermináveis manobras em Pacasmayo, e muitas batidas e rasgadas na cidade fantasma de Lobitos, destruída pela guerra petrolífera que assola a região.

Aprendi muito e continuo aprendendo com meu parceiro Guilly Brandão. Já sei como regular as pipas e as técnicas de manuseio. Agora, inclusive, me sinto capaz de encarar as maiores ondas do mundo de kite surf.

Muitos surfistas brasileiros já praticam o kitesurf nas ondas. Entre os mais conhecidos estão Eraldo Gueiros, Aldemir Calunga, Eduardo Fernandes, Jorge Pacelli, Haroldo Ambrósio, João Maurício Jabour e o Marcio Okumura.

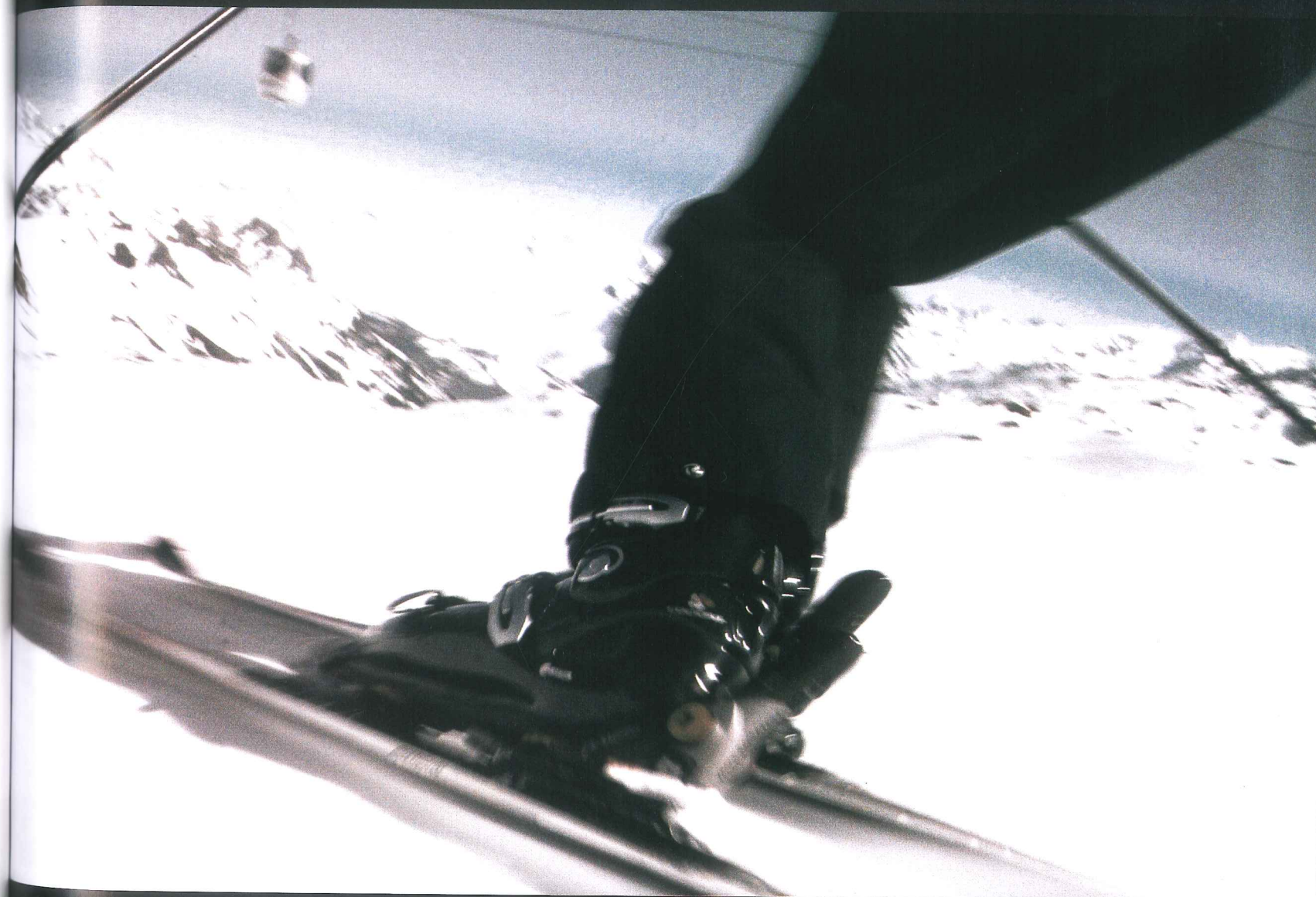
Agora, as próximas etapas do nosso projeto são as ondas mais tubulares e pesadas do mundo. Estamos de olhos sobre os mapas, traçando o próximo ataque, e vamos ver onde Deus nos colocará antes de chegar a temporada havaiana. O futuro é o presente e, mais uma vez, a alta tecnologia está a serviço do homem.

ALOHA.

### EXERCITE SUA LIBERDADE.

Venha conhecer a nova coleção da skilife. Uma linha completa de roupas, equipamentos e acessórios de inverno, com as melhores marcas do mercado: rosignol, trespass, uvex, ogio e tecso. Aqui você encontra tudo o que precisa para dar asas a seus sonhos.

[www.skilife.com.br](http://www.skilife.com.br)



**SKILIFE**

ROSSIGNOL  
BRASIL

\* O Projeto Kitesurf tem a cobertura da revista ALMA SURF e do canal de esportes SPORTV.

Av. Brigadeiro Luis Antônio, 1343 • 5º Andar Tel.: 11 3177.6664 / 3177.6663

Shopping Higienópolis • Piso Vilaboim • Lj.450 Tel.: 11 3823.2644

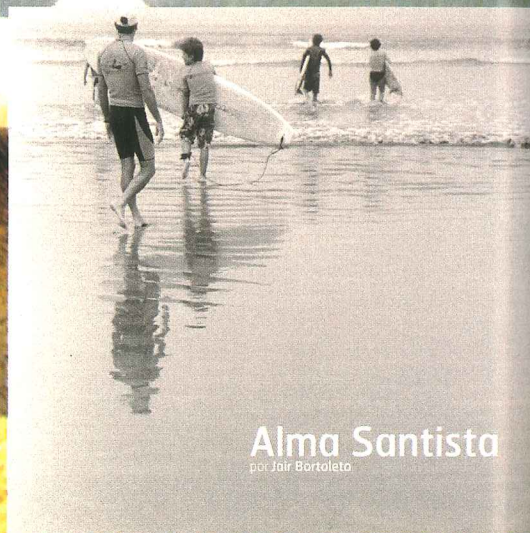
Shopping Jardim Sul • 2º Andar • Lj.401



# alma SURF

# SHOPS

Lançamento:

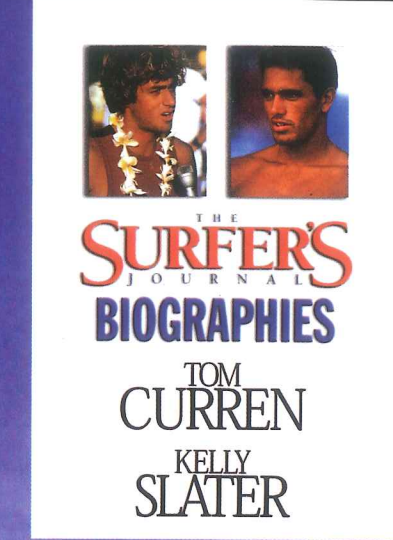
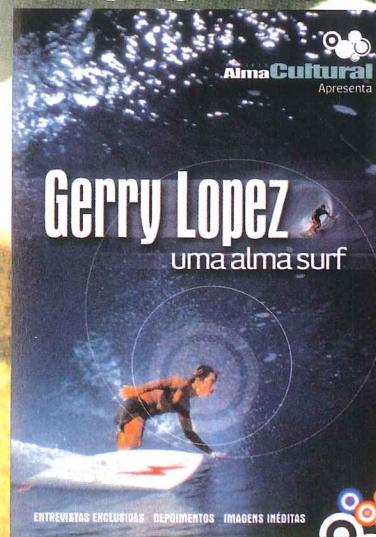


Alma Santista  
por Jair Bortoloto

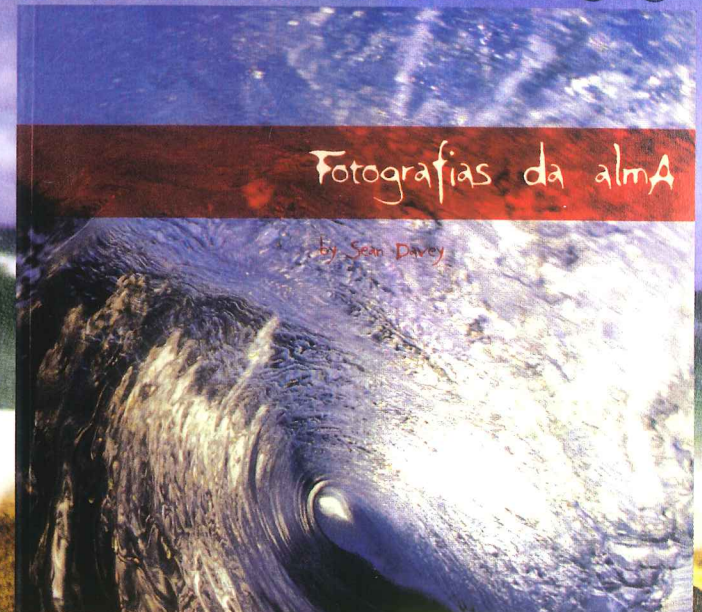
[www.almasurf.com.br](http://www.almasurf.com.br)  
Tel.: (11) 3744 3711 (com Simone)

## O Brasil do Surf

# alma



# cultural



**Surfista de Alma!** você encontra a revista ALMA SURF nas melhores surf shops do Brasil.

Prestige a sua loja de surf preferida, compre os produtos do projeto Alma Cultural.

Consulte os endereços das Alma Surf Shops no site [www.almasurf.com.br](http://www.almasurf.com.br)





# snow kite

## A Onda de Neve!

por Guilherme Maia Rosa fotos Marcelo Naddeo

Fui para a cidade de Pucón, a 750 quilômetros de Santiago, no Chile, em busca das condições ideais para viver a sonho de surfar a onda de neve, o sonho de viver o snowkite.





hotel **Lodge Corralco**



Vibração brasileira no Chile: **Fabio de Maria, Cláudia Simões e Guilherme Maia Rosa**

**Levantamos o sonho.**

Um a um, íamos tendo

**sensações**

distintas de deslizar sobre  
aquele mar de

**gelo.**

Tudo começou em agosto de 2003, durante uma temporada de neve no Chile. Fomos para cidade de Pucón, a 750 quilômetros de Santiago. O tempo era instável, os fortes ventos na montanha fecharam a estação e os meios de elevação (ski-lifts) por dias.

Já impacientes e na fissura de um ano sem snowboard, eu e meus amigos começamos a pesquisar algum outro pico onde fosse possível andar. Descobrimos um lugar 350 quilômetros ao norte de Pucón, nunca tinha ouvido falar, mas tinha uma pista aberta. Então tocamos pra lá, 3 horas e meia de estrada, e chegamos a um paraíso branco, no meio de três montanhas incríveis, onde um único hotel serve de base. Mas esta não é a única peculiaridade do lugar.

Corralco, como é chamado, só tem um meio de elevação ou lift para subir a montanha, já que as outras três montanhas com um enorme planalto no meio não têm absolutamente nada, só neve, onde seria impossível surfar de snowboard. Foi aí que me dei conta que essa "falta de estrutura" seria perfeita pra outro esporte: snowkite!

Por três anos fiquei sonhando com isso e acabei voltando mais duas vezes pra este lugar, onde fiz sessões incríveis de snowboard. Porém, o snowkite não saía da minha cabeça. Eu só pensava se seria possível fazer, de onde decolaria o kite, quais seriam os perigos, ár-

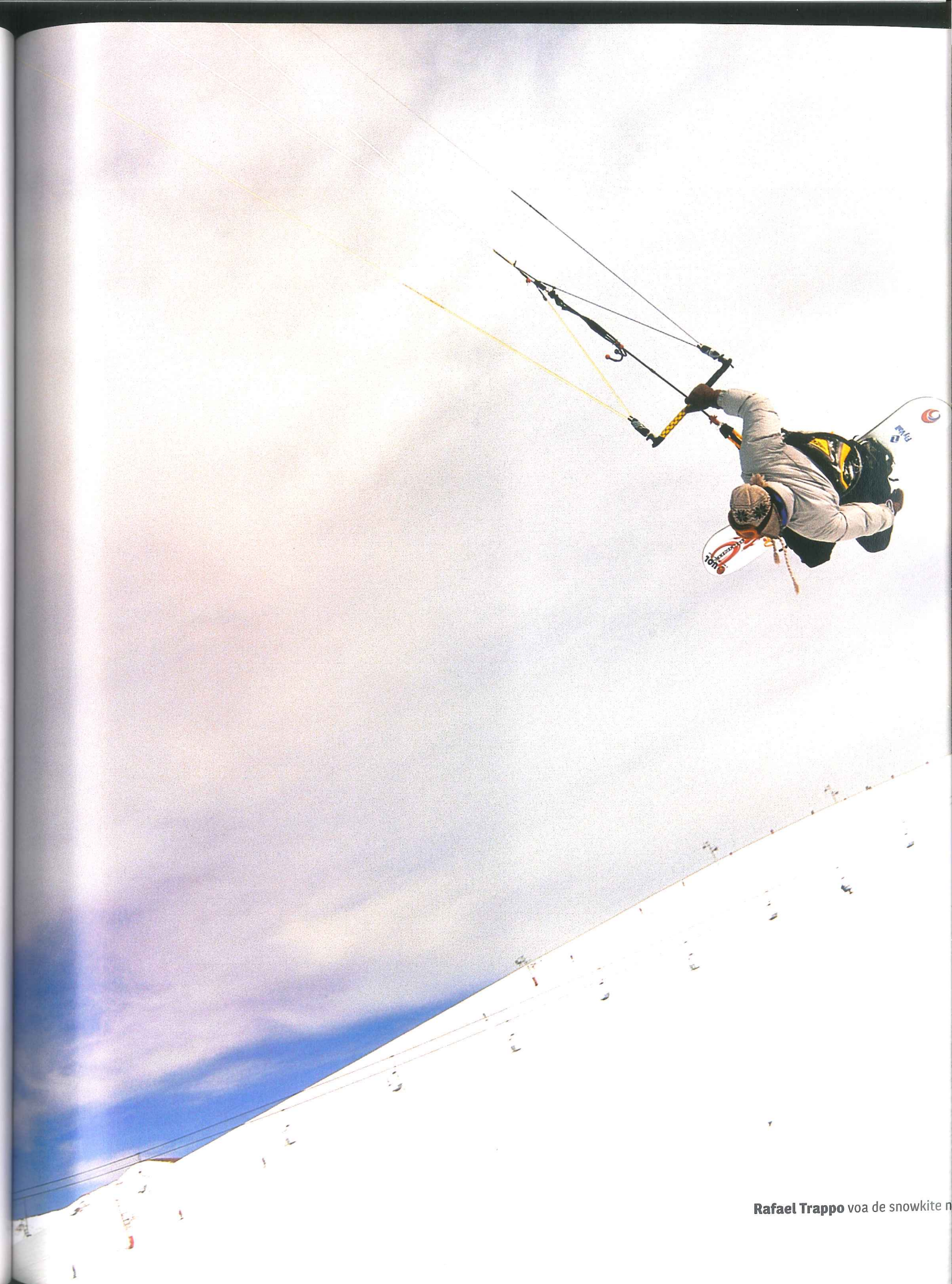
vores, abismos, buracos. Conversei com todos os locais e nenhum deles nunca tinham visto isso por lá.

A Reserva Nacional Malalcahuello, onde está Corralco, é famosa entre os chilenos fãs do montanhismo, e era isso que me provocava, o ineditismo do snowkite. E o sonho começou a se tornar realidade. Com um grupo de amigos, lancei a idéia de desbravarmos este lugar com as pipas, e todos, fissurados, aceitaram o desafio na hora. Fabinho, Henning, Beto e Trappo.

Como a façanha seria grande, não poderíamos deixar de registrar tudo, e por sorte uma amiga nossa, Andréia, estava de férias no Chile, largou seu merecido descanso e veio nos encontrar nesse fim de mundo chamado Corralco. Convidamos também o fotógrafo Marcelo Naddeo, um amante dos esportes de ação que topou mais adrenalina na hora.

Equipamentos prontos, pipas esticadas na neve, tudo perfeitamente certo para a cena que eu vislumbrava há três anos, e lá estávamos nós prontos pra voar.

O céu estava límpido, com muito azul e um brilhante sol, uns 15 nós de vento e 10 centímetros de neve fofa. Levantamos o sonho e decolamos suavemente. Um a um, íamos tendo sensações distintas de deslizar sobre aquele mar de gelo, atravessando o planalto e cortando a neve de Corralco.

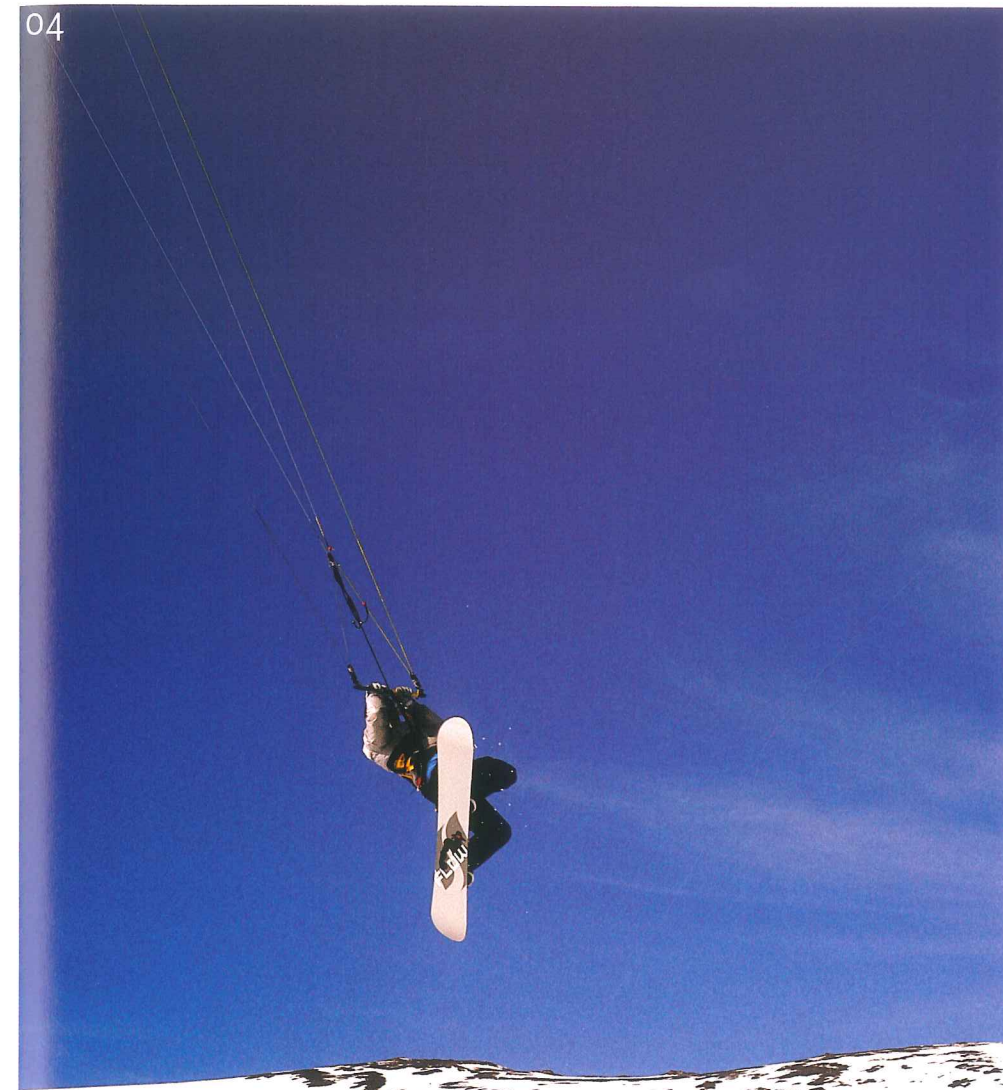


**Rafael Trappo** voa de snowkite n





01. brilho de Corralco. 02. galera do Kite Trip. 03. KiteTrip: base do snowkite em Corralco. 04. Rafael Trappo, muitas manobras de snowkite em Corralco, Chile



No snowkite, a sensação de liberdade é indescritível. Incrível a mobilidade e o poder de ir e vir, onde o kite tem força pra te levar a praticamente qualquer lugar da montanha, até mesmo numa subida íngreme.

Conforme íamos desbravando aquele "parque de diversões congelado", íamos descobrindo onde era melhor o vento e aonde não deveríamos ir... À medida que subíamos a montanha, o vento ficava mais rajado e violento, com as ranhuras da neve. Em algumas zonas, a pipa simplesmente caía. A decolagem no meio da montanha nem sempre era simples, e um eject no kite ali poderia ser o fim da alegria, e também do equipamento.

A cada volta que passávamos pela Andréia e pelo Naddeo, era como um estádio lotado de torcedores tamanha a vibração e o incentivo, pois todos estávamos extasiados pela beleza do lugar e do esporte. Eu pensava: "Nossa! esse momento vai ficar registrado pra sempre, e não só nas fotos e filmes, mas em nossa memória, que presente divino!".

No fim do dia já tinha uma pequena platéia assistindo à dança do kite. Os professores de ski, pisteiros, maquinistas, namoradas, turistas e quem mais passou por ali parou pra ver aquela cena inédita e maravilhosa, com pôr-do-sol magnífico e um show de pipas coloridas voando naquele mar de neve.

Completamente exaustos e felizes e realizados, guardamos os kites na mochila e descemos de snow para o hotel, comemorando o feito com um 'vino tchileno'. À noite, caminhamos como sobre nuvens, assistimos ao vídeo e vimos as fotos da sessão várias vezes, pois queríamos crer naquilo que havíamos feito.

No dia seguinte, ávidos por mais um role, fomos presenteados com o mesmo sol e o mesmo vento, agora com mais controle da situação. Descobrimos um bow, um half-pipe natural e gigante encravado no canto da montanha. Aí foi diversão, parecíamos crianças ganhando presente de Natal. O vento lateral estava perfeito, e podíamos descer no meio do half saltando e dando batidas nas paredes, alucinante, e depois era só subir por fora, incrível.





O lugar que os montanhistas demoravam cerca de 4 horas para atravessar e subir com raquetes de neve nós percorríamos em 4 minutos; alcançando uma velocidade alucinante, nos empolgamos, e quando começamos a ensaiar os primeiros vôos a coisa ficou séria.

Com o declive da montanha, cada salto poderia durar muito, e a altura do vôo ficou fora do nosso domínio, pois o kite é semelhante a um para-pente e nessa situação funciona exatamente como um, porém não é tão seguro, o que o torna extremamente perigoso, pois o tempo de vôo na neve é muito maior que na água, e a queda pode ser fatal.

A preocupação naquele momento era realmente não voar muito alto, para tentar conter um pouco a empolgação e o kite, mas era muito difícil, já que na hora uma puxada a mais era sempre uma adrenalina maior; e o melhor salto é sempre o que faz você voar mais alto. Parecido com o surf, onde o melhor tubo é o mais profundo; faço um paralelo e tenho a nítida impressão que ainda não chegamos nem perto do limite imaginável do snowkite.

Os tombos e vacas foram inevitáveis: de costas, de bunda, de lado, de cara, de todo jeito, mas, por sorte e graças a Deus, nada grave aconteceu, pois em Corralco não tem hospital.

Para nossa surpresa, nossa kitetrip acabou saindo em uma revista chilena de snowboard, e uma semana depois de nossa partida soube que os primeiros chilenos se aventuraram no esporte. Os chiles, ficaram malucos como nós, o que já era de se esperar, pois o pico é mágico mesmo. Como disse um amigo chileno: "Os brasileiros têm espírito desbravador, pois o lugar estava lá durante todo esse tempo em nosso quintal, e precisou vir um grupo de brasileiros do outro lado do continente pra abrir os nossos olhos".

Na volta ao Brasil fiquei pensando, olhando na janelinha do avião; quantos 'Corralcos' deve ter perdidos por aí, no meio da cordilheira dos Andes, uma das maiores cadeias de montanhas do mundo.

As primeiras pipas, as primeiras pranchas e os primeiros homens foram lançados, e aterrizaram suavemente. Agora, no fechamento deste texto, já estou pensando na próxima kitetrip e não vejo a hora de poder voltar; pois no snowkite a sensação é realmente impagável, inexplicável...

**Snowkite, velocidade alucinante na subida da montanha**



CIRCUITO

# Natural Art

DE SURF

# Art

PERÍODO DE ESPERA

3 ETAPAS

01 - AGO

01 - OUT

01 - NOV



R\$5 MIL

POR ETAPA



PREFEITURA DE SANTOS



Hot Water

**HAWAII**  
surf point



STHILL WET LAND



GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO  
RESPEITO POR VOCE



Fiberglass Foam

REVISTA **ALMA SURF**

A TRIBUNA



FPS  
FEDERAÇÃO PAULISTA DE SURF



NEW ADVANCE  
FUTURE SURFBOARDS



goSurf



emerson cortez



JD  
Jorge DeRellis



SEAS  
Surboards



SURFBO



Logo

naturalart.com.br



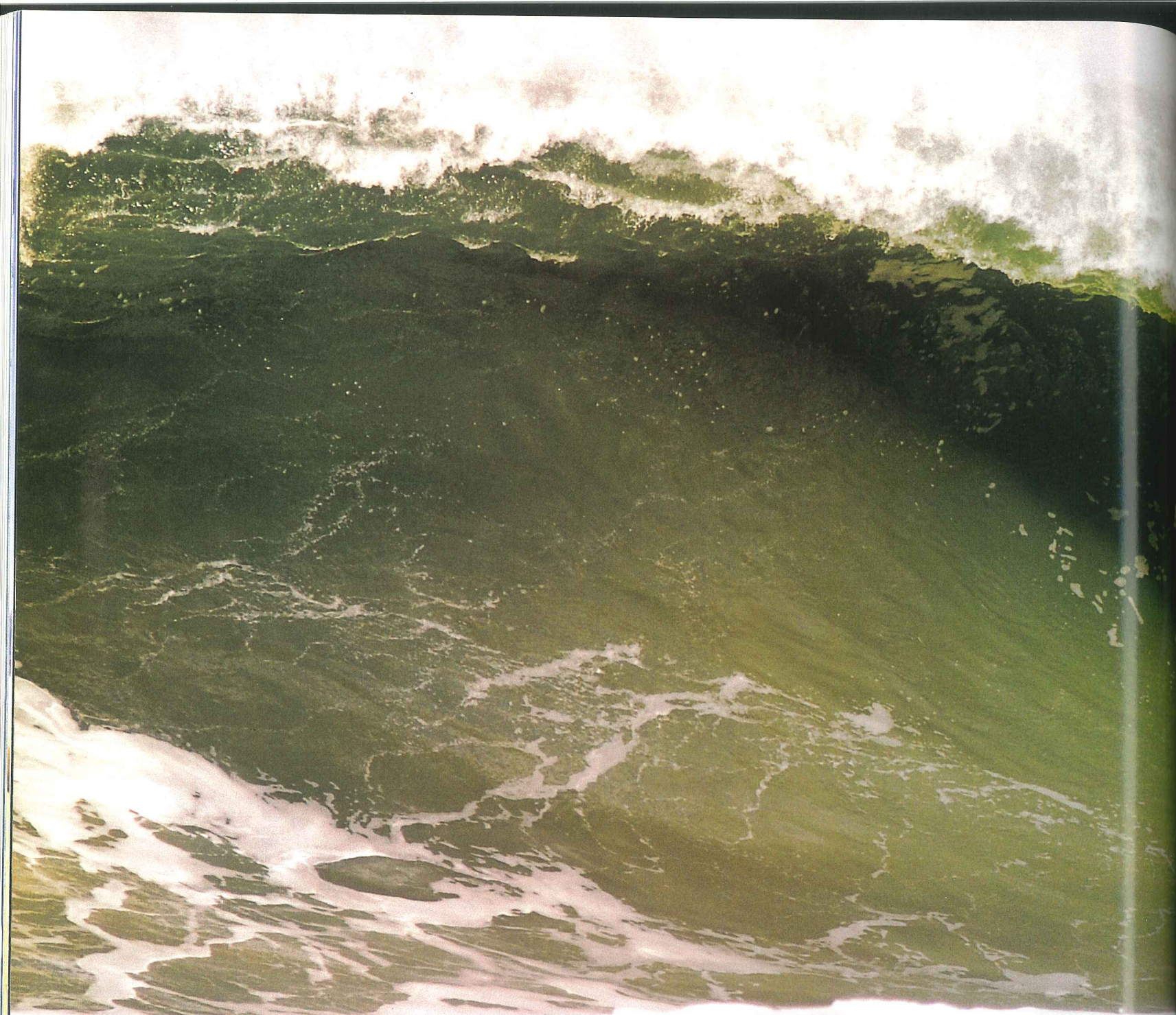
# mãresias

Isso é Brasil!

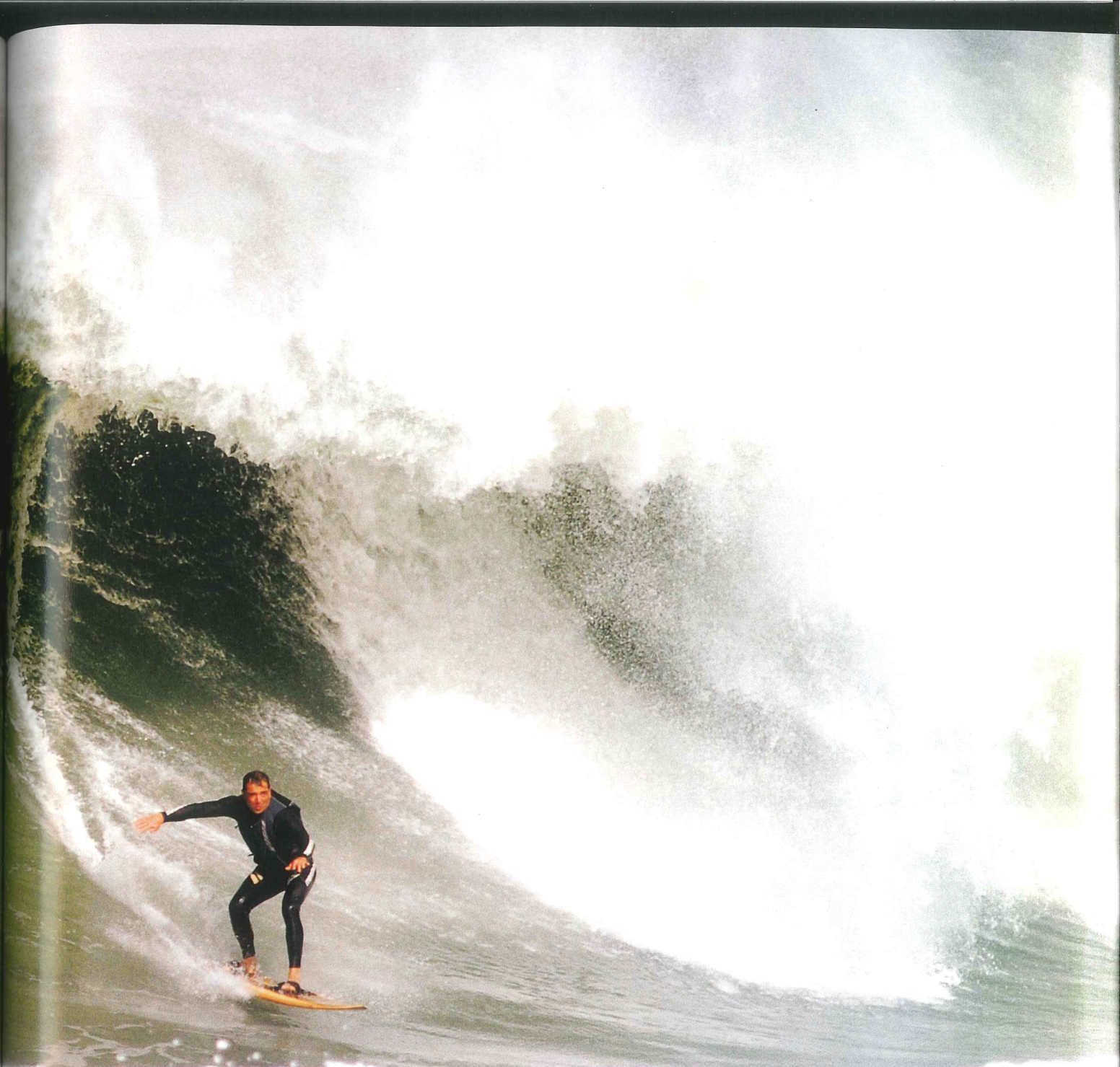
texto e fotos Anselmo Venansi 'Cachorrão'

Rodrigo Resende; campeão mundial de tow-in , treina em Maresias





**Romeu Andreatta**, publisher, mostra o porquê da Revista Alma Surf ser uma das mais respeitadas do mundo.







**Rodrigo Coxinha treinou muito em Teahupoo** para encarar com tanta tranquilidade essa pesada esquerda em Maresias.

Neste lindo planeta azul, existem muitos lugares onde a harmonia das condições climáticas cria o momento ideal para a comunhão do homem com o esporte e a natureza. Pelo nosso hábitat natural, Brasil, em questão o litoral de São Paulo, São Sebastião, neste caso a praia de Maresias, temos muito que agradecer, pois abençoado é este pequeno ponto do planeta que possui o esplendor natural das ondas.

Já visitei alguns países onde essa junção de fatores realmente acontece. O êxtase de sensações é parecido com o que descrevo e mostro nesta matéria. Porém, quando estou em Maresias, sinto o verdadeiro prazer de estar em casa, no meu país, ainda mais quando este mar mostra as suas garras. Ondas de 8 a 12 pés avançam para cima da costa de São Sebastião com uma das velocidades de caminhada jamais vistas de ventos sul, de 15 a 20 nós, com séries de 6 ondas pesadas de swell sul, grandes, impressionantes.

Alguns bravos guerreiros tow-surfers, junto da família, monitoram e esperam uma temporada inteira por um swell desse tipo, que lhes vale o ano inteiro de surf. Muitos buscam encontrar o verdadeiro feeling de desafiar a fúria do oceano, em que o troféu é surfar condições extremas. Enquanto poucos ousariam sequer colocar os pés na beira d'água, esses homens conseguem driblar os compromissos profissionais e o cotidiano agitado da vida para se tornarem novamente garotos sobre suas 'mobiletes aquáticas', e usam suas pranchas como velozes skis. Incrível a vibração que antecede um dia de big waves como este. A tensão provocada pela fissura no preparo dos equipamentos, a movimentação, o corre-corre, a concentração, a união, geram em cada um o sonho de pegar a onda da vida.

Por meio do tow, esses doutores despertam para uma nova vida centrada sobre um prazer que mistura a força do motor de um jet-ski à velocidade de uma prancha de surf, onde experiência e coragem, habilidade do piloto e precisão do surfista, são fatores determinantes para o sucesso de performance e adrenalina, num esporte que trás para o mar um pelotão de surfistas quarentões de volta aos seus melhores tempos, o melhor rip.

Recordo-me de, quando garoto, ouvi alguém dizer que a vida começava aos 40. Não sei se quem inventou os tais dizeres já imaginava algo como o tow-in. Mas, certamente, a frase cai como uma luva aos praticantes desse esporte, grandes big-riders.

Alegro-me de chegar nesse lugar tão bonito e ver que, durante a semana, fora do pico de férias e feriados, tudo continua muito parecido como era há décadas. E, dentro do mar, olhando a parede verde erguendo-se ao redor, a energia primitiva cresce assim como as próprias ondas, que oferecem passarelas para quem as enxerga, reveladas pela beleza selvagem que contagia qualquer ser vivo.

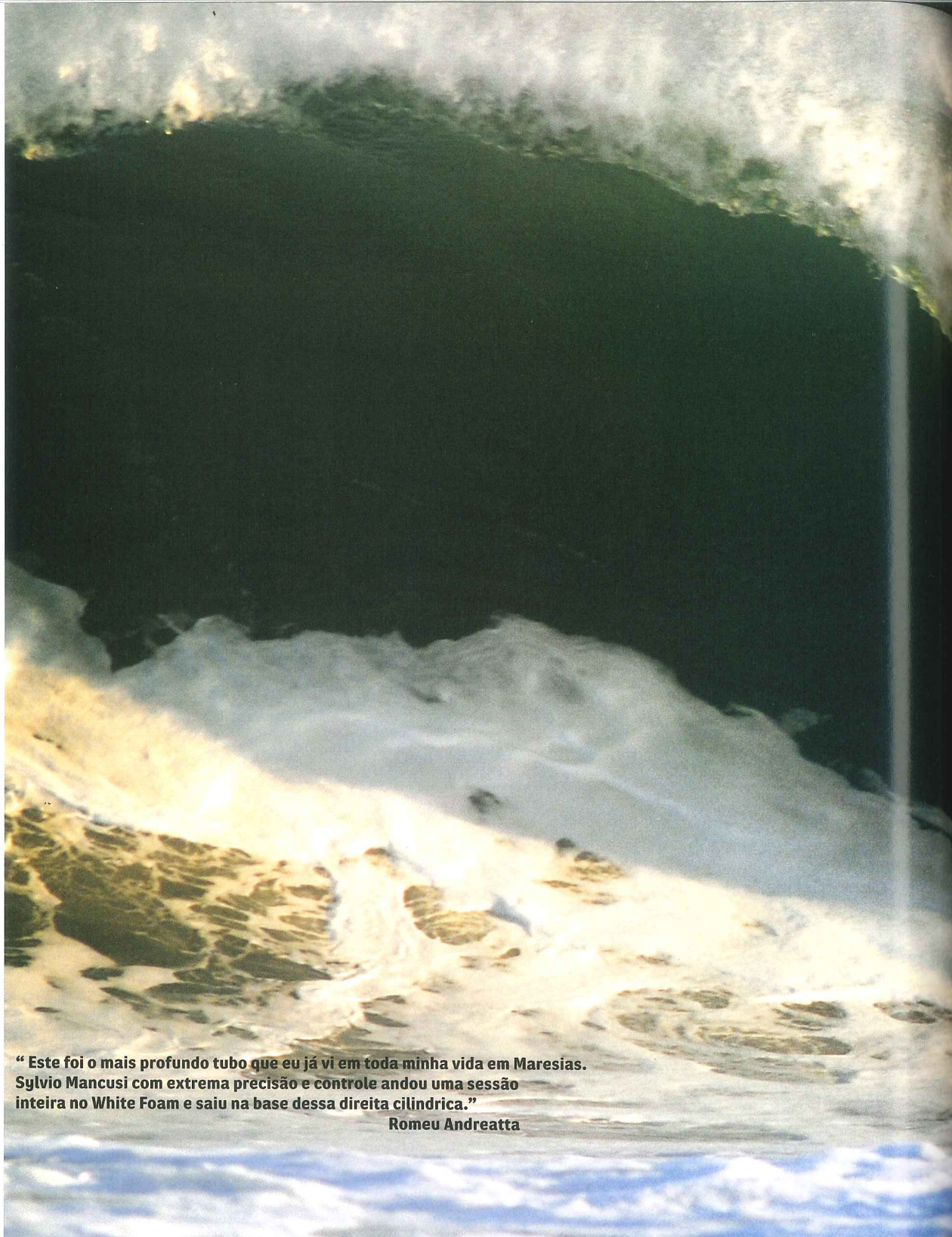
Homens e máquinas. Toda as vezes que eles estão lá, as grandes ondulações estão chegando sobre Maresias. Sinal de aventuras, sonhos e adrenalina. Projetos. Desafios. A magia toma corpo quando os surfistas aparecem na praia de colete e os motores começam a roncar... Vou para a praia inspirado e emocionado, pois posso pensar: Maresias, isso é Brasil.



**Dandão**, professor de estilo e performance em qualqu

Ouvi alguém dizer que a **vida** começava aos 40. A frase cai como uma luva aos praticantes do **Tow-in**, grandes **big-riders**.





**“Este foi o mais profundo tubo que eu já vi em toda minha vida em Maresias. Sylvio Mancusi com extrema precisão e controle andou uma sessão inteira no White Foam e saiu na base dessa direita cilíndrica.”**  
**Romeu Andreatta**







01. Haroldo Ambrosio 02. Mica 03. Paulo Vainer 04. Carlos Burle 05. Fantinha 06. Renatinho 07. Panda 08. Feijão 09. Marcelo Veloso



10. Bebe Demon 11. Bile Silvarolli 12. Felipe Loureiro 13. Sergio Guloseima 14. Flavio Boca 15. Dado 16. André Nastas 17. Mottao 18. Pudi





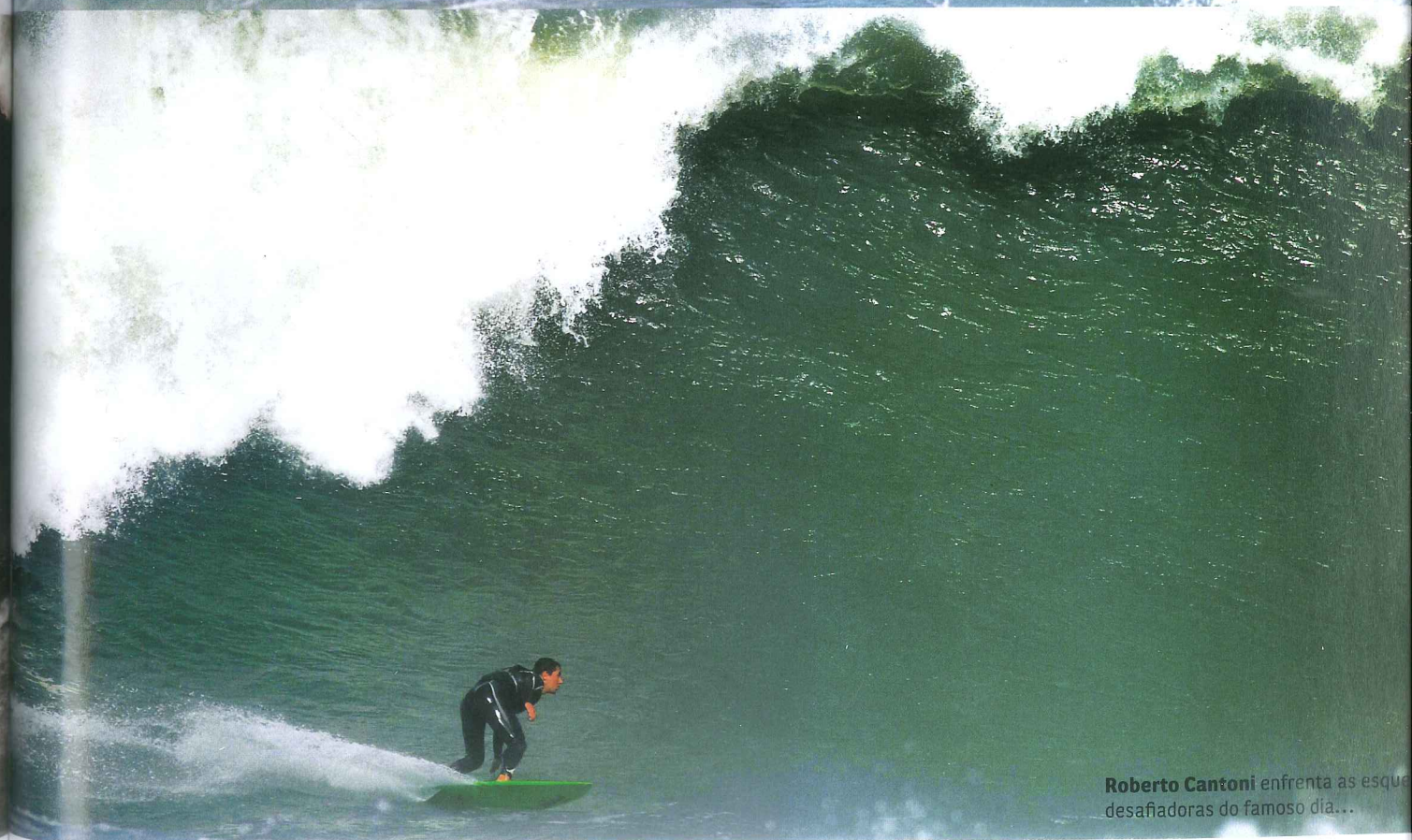
**Ivan** pioneiro e fera do pico



**Dr. Alfredo Bahia** domina as esquerdas gigantes que consagraram 26 de junho d



**Xan**, coragem e talento se uniram para vencer esta direita assustadora



**Roberto Cantoni** enfrenta as esquerdas desafiantes do famoso dia...



ARRIBA SIGNIFICA EM CIMA.

ABAJO SIGNIFICA EMBAIXO.

(DEPOIS DE ALGUNS CALDOS VOCÊ PEGA O JEITO.)

**NIVANA**  
SUPER TRIPS

Venha para o México e conheça

um dos maiores Beach Breaks do planeta,

onde os melhores tube riders do mundo passam suas férias.

E de quebra, você ainda ganha uma aula

de história e cultura, visitando os

sítios arqueológicos das civilizações Maia e Asteca.

FischerAmérica

Consulte outros destinos (11) 3256-1590 [www.nivana.com.br](http://www.nivana.com.br)

**México**

Muito além do que você imagina  
[www.visitmexico.com](http://www.visitmexico.com)





Minha curta história dentro da fotografia está totalmente ligada à cidade de Arica, no Chile. A obsessão começou em 2005, quando assisti ao filme América do Surf, onde alguns surfistas exploravam as melhores ondas de nosso continente. A melhor parte era a seção rodada no Chile, que me deixou impressionado com as ondas que surgiam na tela. Até então, eu só havia visto tubos rodados em Pipeline, no Hawaii. E o que me marcou foi quando o big-rider chileno Diego Medina mostra uma tal onda chamada El Gringo, com séries de sonhos quebrando sobre uma bancada de pedras, que ele aponta com um misto de emoção e orgulho e diz: "Ahí esta la ola, compadre!". Nesse instante, com os sentimentos aflorados pela visão, decidi que um dia eu teria que conhecer Arica.

Na mesma época surfava com amigos no Rio de Janeiro quase todos as manhãs e, em uma dessas sessões, um deles apareceu com uma câmera descartável à prova d'água. Ali começou a minha outra paixão, pois percebi que, depois de passar e evoluir

com algumas máquinas fotográficas na mão, eu era melhor como fotógrafo do que como surfista. Jovem, cheio de sonhos, vendi tudo o que tinha, comprei um equipamento melhor, uma caixa-estaque e uma passagem Rio-Santiago, de ônibus, que me levaria à tão esperada surf trip. Foram 80 horas até Santiago do Chile e depois mais 34 até Arica, cidade que abriga El Gringo, uma das melhores e mais perigosas ondas do mundo.

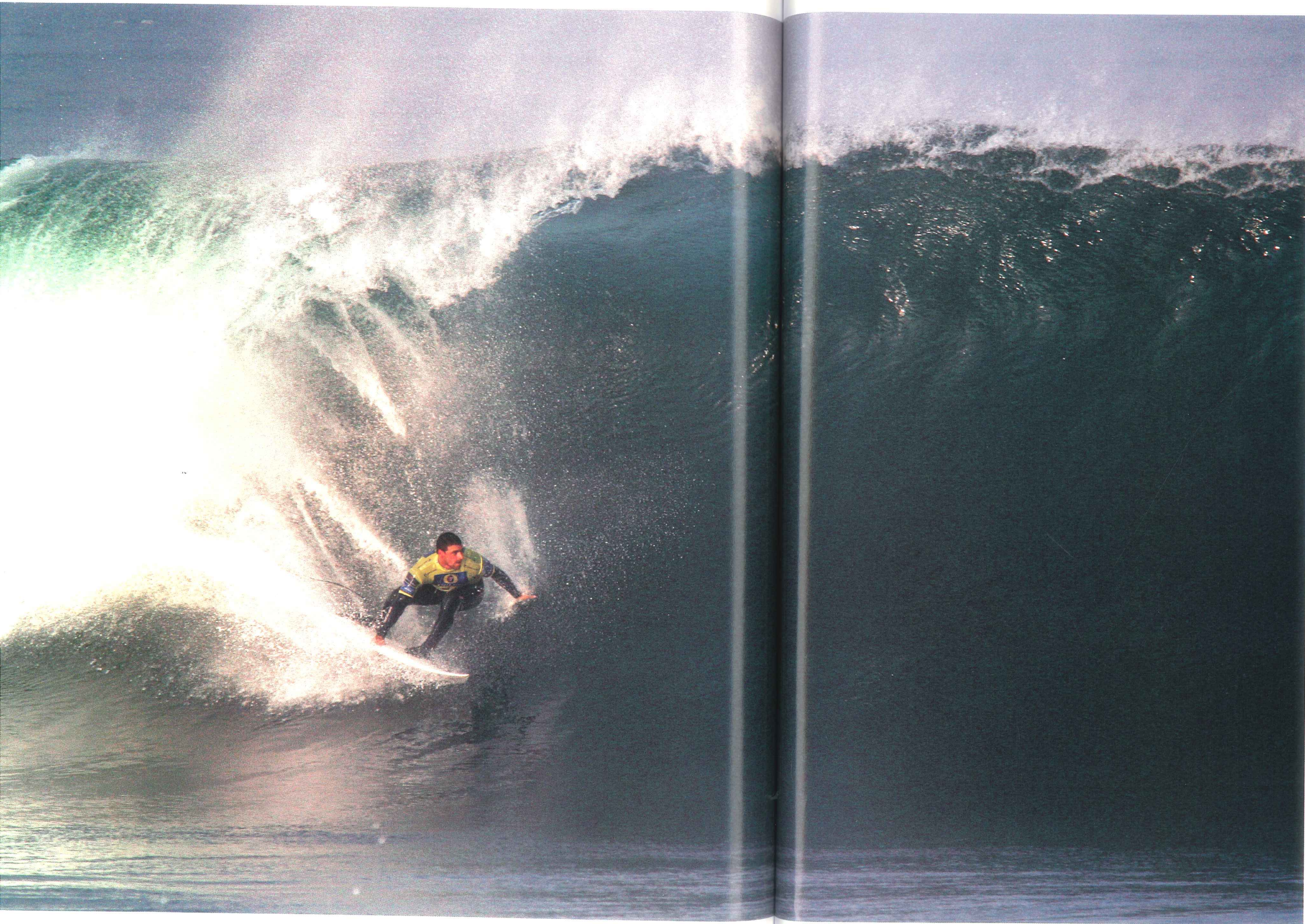
Quando cheguei no Arica Surf House, do surfista local Kurt Hertrampf, vi o mesmo Diego Medina, da frase "Ahí esta la ola...", saindo com uma gunzeira de baixo do braço, o que me fez sentir um certo frio na barriga. Estava começando uma das competições mais importantes do país, Maestro Del Gringo, o Pipe Master chileno, e sem descansar, vesti minha roupa de borracha e fui correndo ver a onda dos meus sonhos. Emocionante chegar no pico e ver séries perfeitas de 10 pés quebrando para os dois lados. A competição era realizada com as melhores condições que já vi e por puro amor ao surf.

# chile

## La ola mutante de El Gringo

texto Pedro Tojal fotos Pedro Tojal e Alisson Louback





A premiação era pequena, a estrutura precária, a organização não contava sequer com um computador; os surfistas arcavam com as próprias despesas e o público de leões-marinhos era maior que o de pessoas. Procurei a organização para poder fotografar; quando um chileno parrudo olhou para mim com um sorriso sarcástico no rosto e disse: "Buena suerte, huevón loco". Aquelas sessões do Maestro Del Gringo marcaram minha vida e, um ano e meio depois, em junho de 2007, estou aqui de novo, só que desta vez em um contexto bem diferente.

A onda de El Gringo foi escolhida a dedo para a realização do Rip Curl Pro Search, uma competição de etapa móvel do WCT que busca as melhores ondas do planeta, como um dos palcos principais do surf mundial deste ano.

Arica está no norte do Chile, encravada na margem do deserto de Atacama, e possui uma história bastante turbulenta devido à sua posição estratégica, que liga o oceano Pacífico ao altiplano. Populações habitavam a região desde o período pré-hispânico, aproveitando-se da fertilidade do solo e do potencial pesqueiro. E em 1570, o Corregimiento de Arica, por decreto real, converteu-se em uma cidade chilena. Chilena? Nem sempre. Arica originalmente fazia parte do território peruano, mas interesses na riqueza local, como o salitre e o guano, colocaram o Chile contra o exército aliado de Bolívia e Peru, na Guerra do Pacífico (1879-1885). Resultado, o Chile ganhou a batalha, a Bolívia ficou sem o porto de Antofagasta, sua única saída para o oceano, e o Peru perdeu Arica para sempre.

O morro de Arica, palco do último conflito da Guerra do Pacífico, permanece imponente. Na base dele, na ex-ilha de El Alacrán – que foi transformada em península –, aconteceu o embate entre os melhores surfistas do mundo.

Do Brasil, existem três opções para se chegar à cidade, Santiago, Lima ou La Paz. A que escolhi dessa vez foi La Paz, Bolívia, um percurso que parece ser o mais próximo. Junto do fotógrafo Alisson Louback e do filmmaker Luiz Lauria, segui de carro cordilheira abaixo em uma experiência única. Visuais extraterrestres mesclam vulcões, desertos, neve, lagos, vales e salares. E depois de 8 horas de estrada: Arica, uma semana antes do WCT.

**Léo Neves**, destaque brasileiro no Rip Curl Pro Search de **Arica 2007**





A ex-ila já não é a mesma. A iluminação precária e os muros caídos foram substituídos. A limpeza melhorou muito e a infra-estrutura também, o número de pessoas aumentou, o agito do WCT nem se fala, só que a onda, a mesma, continua tubular sobre a bancada de pedras.

Locais contam que o primeiro surfista que se aventurou nas ondas sobre as pedras foi um americano – os chilenos só surfavam uma esquerda longa que abre ao lado, chamada de La Isla, que inclusive pode ser surfada à noite, já que o pico, agora, possui iluminação artificial – e por isso o nome é El Gringo.

Durante a semana que precedeu o WCT fizemos um free surf de altíssimo nível, com os profissionais tirando tubos incríveis. Bobby Martinez, Raoni Monteiro, Vítor Ribas, Tom Whitaker, Kai Otton, Bruno Santos, Cory Lopez e muitos outros se juntaram aos chilenos Ramón Navarro, Diego Medina, Manuel Selman e Cristián Merello em uma sessão histórica para a cidade, chamando de vez a atenção dos moradores e da mídia que chegava para reportar a etapa da ASP, agitando ainda mais aquela simpática cidade sedenta por movimento.

Descobri que mais de mil empregos foram gerados, reformas em hotéis e pousadas foram feitas, e até projetos sociais envolvendo o surf foram criados por causa do tour que passava pela 'North Shore' chilena. O evento reuniu uma multidão de pessoas e fez a economia da cidade se movimentar como nunca. Surfistas, jornalistas, empresários, fotógrafos, filmmakers e muitos admiradores do esporte chegaram para acompanhar o espetáculo protagonizado pela harmonia entre o homem e a natureza. A constância das ondas foi a tônica dos dias em que estive em Arica, o frio e os tubos também, e a vibração, alucinante, foi a pimenta chilena que aqueceu o lugar.

Ano que vem, com campeonato ou sem, vou atrás do meu próprio The Search, buscar uma nova onda, um outro lugar; outros tubos, outras fotos. Mas, com certeza, estarei em Arica; quero novamente sentir os tubos que estarão lá, do mesmo jeito, frios e ao mesmo tempo quentes, perigosos, perfeitos e tubulares; estarei de volta 'a la ola mutante de El Gringo'.

fotos ALISSON LOUBACK

01. Andy Irons, campeão no Chile. 02. Vista da ex-ila de El Alacrán

# Indonésia



Viaje com quem é especialista

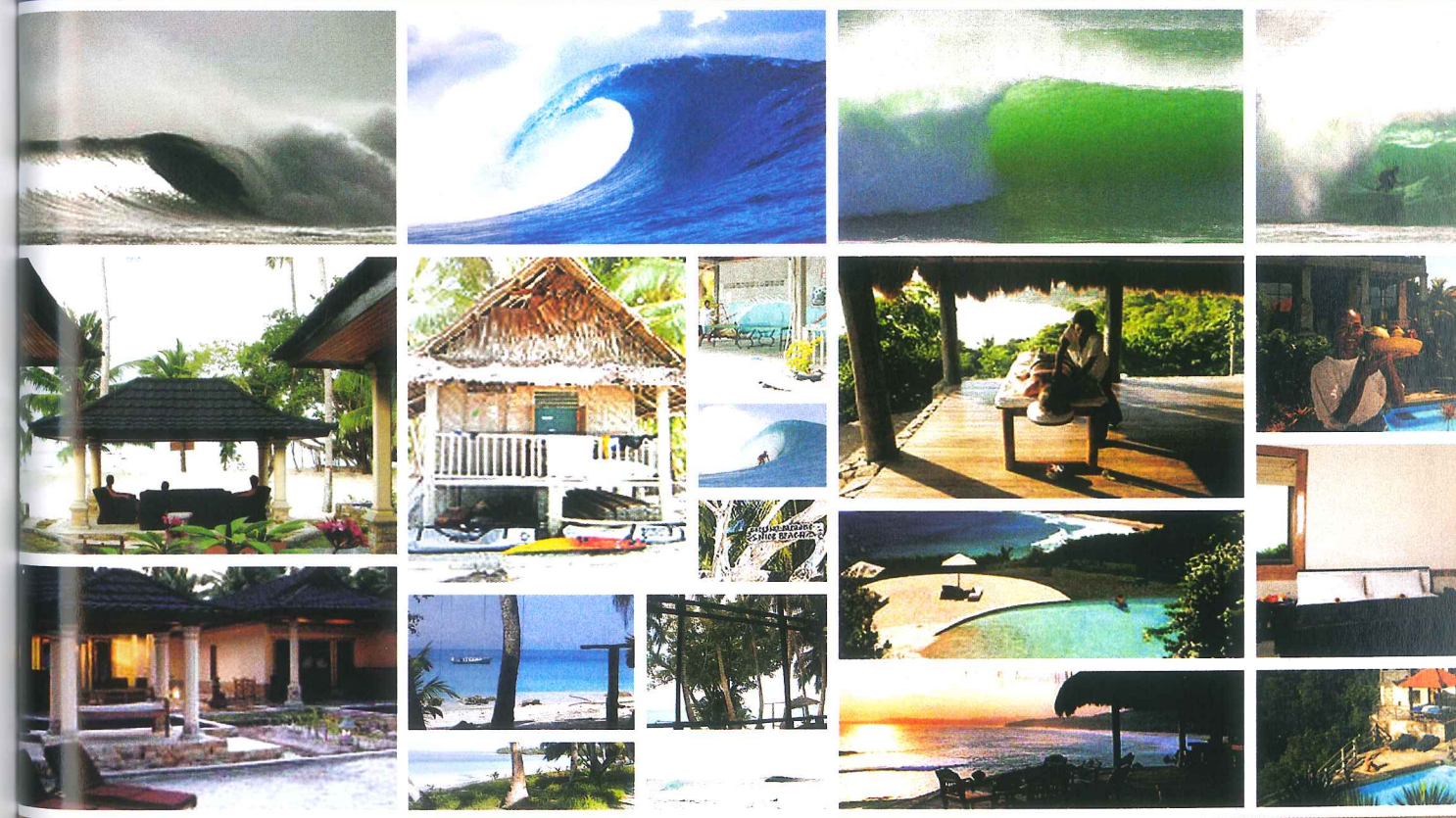


**MENTAWAN**  
Exclusivo STC, em frente a HT's.  
**KATIET VILLAS**

**NORTH SUMATRA**  
A última fronteira  
**ASU-PARADISE**

**SUMBA**  
Luxo e sofisticação na Indonésia  
**SUMBA-NIHWATU**

**ULUWATU**  
Surf e conforto  
**PURI-ULUWATU**



"SAA, sua melhor opção para a Indonésia." [www.flysaa.co](http://www.flysaa.co)

GRUPO STC: THE SURF TRAVEL CO THE SNOW TRAVEL CO STC INTERCAMBIO

Al. dos Jurupis, 452 cj.54 - Moema - São Paulo - SP - cep.04088-001  
Tel/FAX : 55 11 5052-4181 - [surftravel@surftravel.com.br](mailto:surftravel@surftravel.com.br)  
[www.surftravel.com.br](http://www.surftravel.com.br)

Visite o novo site

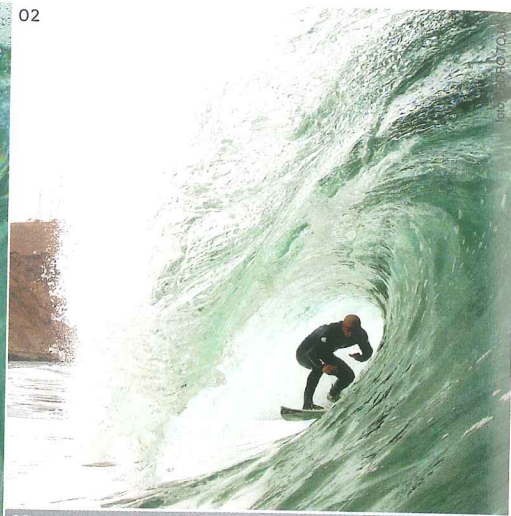
"NÓS SABEMOS ONDE E QUANDO"



01



02



03



04



05



01. Raoni Monteiro 02. Bobby Martinez 03. Everaldo Pato 04. Ramon Navarro 05. Bandeira do Chile, no ponto mais alto do morro de Arica

# ÁFRICA DO SUL

(Especial STC)



A The Surf Travel Co saiu na frente mais uma vez. desbravamos o continente africano e selecionamos o que há de melhor para você.

## JEFFREY'S BAY PERFECTION

Surfe a melhor direita do mundo e, de quebra, alguns secrets da região. Tudo na companhia do técnico do South African Surfing Team.



**Pacote inclui:**  
Acomodação no African Perfection, a melhor da região, de frente para Supertubes.

\*  
Game drive  
Transfer para o surfe  
Transfer Port Elizabeth / Jeffrey's Bay / Port Elizabeth

### INTERCÂMBIO ÁFRICA DO SUL 2007/08

Aprenda inglês na África do Sul (Cape Town, Durban ou Jeffrey's Bay) e ainda curta grandes aventuras:

Mergulho com tubarão branco / Bungy Jump (o maior do mundo)  
Safári / Rapel na Table Mountain / Aulas de surfe em Jeffrey's Bay ou Durban



E muito mais.  
Acomodação, transfers, passagens aéreas, deixe tudo com a STC Intercâmbio.



"SAA, sua melhor opção para a África." [www.flysaã.com](http://www.flysaã.com)

GRUPO STC: THE SURF TRAVEL CO THE SNOW TRAVEL CO STC INTERCÂMBIO

"NÓS SABEMOS ONDE E QUANDO"

Al. dos Jurupis, 452 cj.54 - Moema - São Paulo - SP - cep.04088-001  
Tel/FAX - 55 11 5052-4181 - [surftravel@surftravel.com.br](mailto:surftravel@surftravel.com.br)  
[www.surftravel.com.br](http://www.surftravel.com.br)

Visite o novo site



**WAVES**  
A comunidade virtual do surf

COM MACH3 TURBO DA GILLETTE, VOCÊ NÃO GANHA SÓ UM BARBEAR PERFEITO...

**WAVESCHECK** - CONFIRA A CONDIÇÃO DO MAR EM MAIS DE 140 PICOS COM FOTOS E VÍDEOS

Análise da previsão das ondas pela equipe do Prof. Eloi Mello

A quarta-feira será mais um dia ensolarado em toda região, o vento deverá soprar de Norte a Nordeste na parte da manhã e deverá ficar paralelo a linha de costa na parte da tarde (tendência de Leste-Nordeste) em toda região. A direção predominante de propagação das ondas passa a ser de Leste-Sudeste no litoral...

Engenho  
Barra do Una (m)  
Toninhas  
Praia Grande  
Vermelha do Ceará  
Vermelha do Norte  
Itamambuca  
Félix

**QUANDO VOCÊ ENTRA NO NOVO PORTAL WAVES, O WAVESCHECK JÁ APRESENTA AS CONDIÇÕES, TAMANHO E SURFABILIDADE DAS ONDAS NO SEU ESTADO.**

**FOTOS DOS PRINCIPAIS PICOS DO SEU ESTADO**

**ANÁLISE DAS CONDIÇÕES DO MAR EM SEU ESTADO FEITA PELA EQUIPE DO PROF. ELOI MELLO**

**WAVESCHECK**  
A comunidade virtual do surf

Pensando em ir para a **Indonésia?**

**Wavescheck - São Paulo**  
Confira as condições do mar em mais de 140 picos em todo Brasil

**BOLETINS DE SÃO PAULO**

Região Sudeste  
**Análise das condições do mar**  
A quarta-feira será mais um dia ensolarado em toda região, o vento deverá soprar de Norte a Nordeste na parte da manhã e deverá ficar paralelo a linha de costa na parte da tarde (tendência de Leste-Nordeste) em toda região. A direção predominante de propagação das ondas passa a ser de Leste-Nordeste em toda região. A direção predominante de propagação das ondas passa a ser de Leste-Nordeste em toda região. A direção predominante de propagação das ondas passa a ser de Leste-Nordeste em toda região.

**Maresias - São Sebastião (SP)**  
Peruibe  
Oasis  
Parque Turístico  
Costão Canto

**OCEANOGRAFIA PARA SURFISTAS**  
Conheça a equipe do Professor Eloi  
Saiba mais sobre o Professor Eloi

**NA TRILHA DO SWELL**  
Indonésia  
Swell histórico traz ondas clássicas a Bali  
Hawaii  
Primavera energizada  
Litoral paulista  
Dias das mães quebra de gala  
Internacional  
Swell épico

**OUTROS PICOS DO ESTADO**  
Juquehy  
Juréia  
Engenho  
Barra do Una (maio)  
Toninhas

# NOVO WAVESCHECK

**GRÁFICO INTERATIVO**

**TABUA DE MARÉ**

**FOTO DE SATÉLITE DO SEU PICO**

**WAVESCHECK**  
A comunidade virtual do surf

Pensando em ir para a **Indonésia?**

**Wavescheck - São Sebastião (SP) - Maresias**

**Previsão para São Sebastião**

ALTURA	PERÍODO	VENTO
Terça-feira, 12 horas: 3.1 m	14.2 s	Vento: 42 km/h de NE

**Boletim de condição do mar**  
Tamanho: 0,5 metro  
Formação: Boa  
Direção da ondulação: sudeste  
Vento: noroeste  
Intensidade do vento: fraco  
Tempo: ensolarado  
Temperatura da água: normal  
Bom dia Galera, aqui ainda tem uma brincadeira.

**Tábua de marés**  
Porto de São Sebastião (SP)  
Quarta, 20 de junho de 2007

00:21	04:17	12:47	17:32
0,6	1,0	0,3	0,8

Quinta, 21 de junho de 2007

01:09	05:13	13:23	18:08	20:08	21:47
0,6	0,9	0,4	0,8	0,8	0,8

**Fase da lua**  
15/06 lua nova  
22/06 crescente

**Luminosidade**  
sol nascente - 06:43  
pôr-do-sol - 17:23

**Previsão do Tempo**

Probab. de chuva	est	qui	sex	sáb	dom	seg
Dia	0%	0%	0%	0%	0%	10%

**Outros picos do estado**  
Juquehy  
Juréia  
Engenho  
Barra do Una (maio)  
Toninhas

**Mapa da região**  
Map Satellite Hybrid

**Oceanografia para surfistas**  
Conheça a equipe do Professor Eloi  
Saiba mais sobre o Professor Eloi

**Mapa da região**  
Map Satellite Hybrid

**Outros picos do estado**  
Juquehy  
Juréia  
Engenho  
Barra do Una (maio)  
Toninhas

# WAVES.TERRA.COM.BR





**SOULTRIPS**  
LAS LEÑAS, ARGENTINA - ANDES 2007



**LAS LEÑAS, 17 a 26/08**

**\* Pacotes a partir de U\$1270,00**

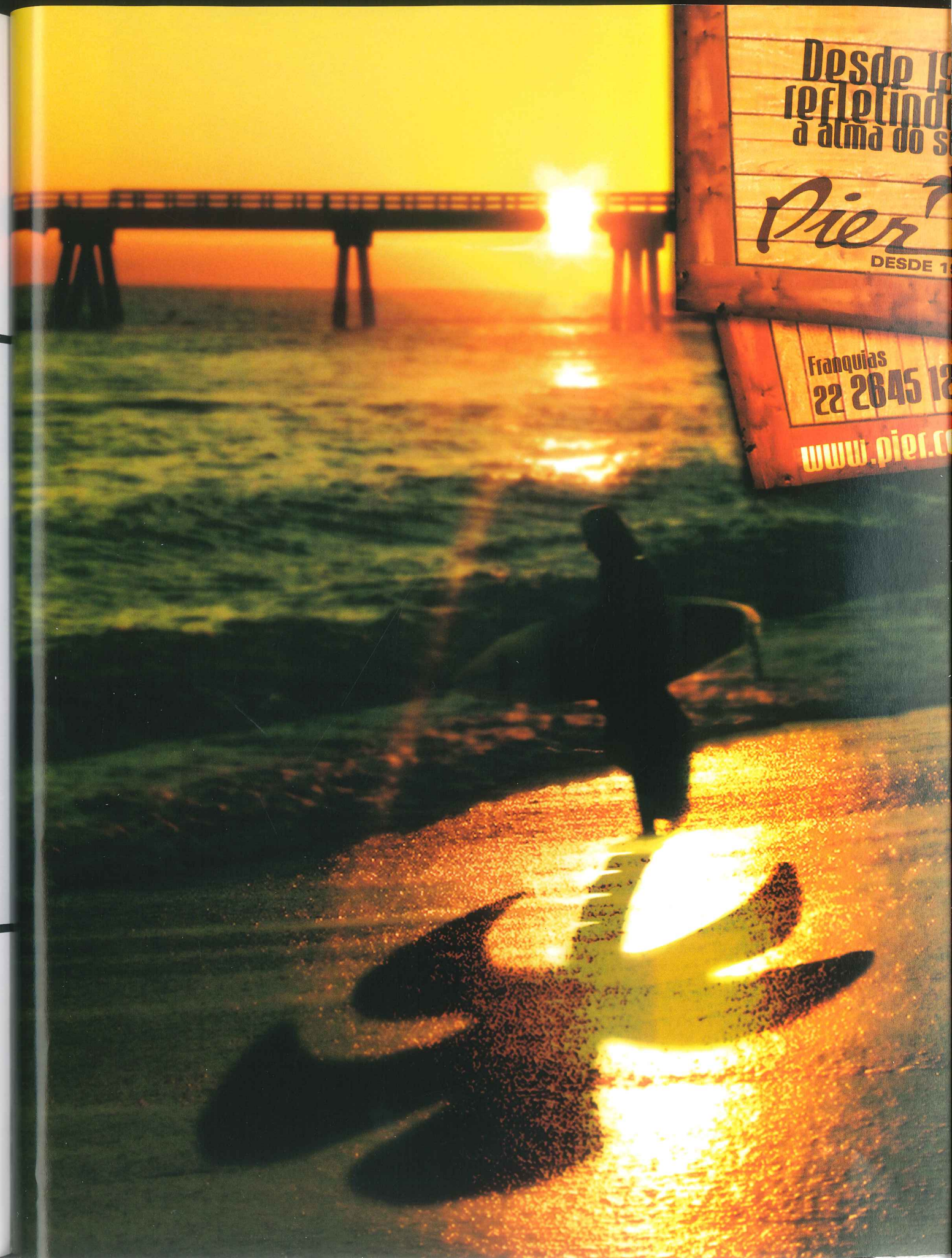
\*referente a apart hotel studio 4 pessoas

Mais Informações

[www.soultraveler.com.br/soultrips](http://www.soultraveler.com.br/soultrips)



**COMPAR5AS**  
comunicação





# DNA

**COLUNA > DNA** : por Rico de Souza

## Temporada de Inverno

### Ondas grandes

Frio e ondas grandes, condicionamento e os principais picos do Rio e do Brasil, o fascínio dos surfistas em busca de ondas cada vez maiores, está aberta a temporada de inverno.

Sempre tive muito fascínio pelo mar e, mesmo antes de surfar, o oceano já fazia parte do meu dia-a-dia. Antigamente não tínhamos muita informação, sabíamos apenas que o inverno era a melhor estação para o surf. Raciocínio simples; frentes frias geradas no hemisfério sul trazem os swells para nós, surfistas brasileiros. Nos dias atuais, está muito mais fácil saber onde e quando vão quebrar as próximas bombas, no maior desafio imposto pela natureza, em sua maior expressão.

O Brasil e os demais países do sul, já que fortes tempestades empurram as ondas desde os confins do pólo. Aqui no Rio de Janeiro, alguns picos seguram grandes ondulações, e Grumari pode ser um desses picos. A Prainha é outra praia que suporta um bom swell de sudoeste. E a Macumba, virada de sul pra sudeste, empina boas paredes. O famoso Pontão do Leblon, onde eu comecei a surfar, é outro lugar bom nos dias maiores. E o Arpoador, com swell de leste, pode gerar ondas lá na terceira laje, assim como o Baixio de Copacabana, que fica gigante nos dias de leste com vento sudoeste. Fora da capital, Saquarema fica internacional com swell de sudeste e de sul. E Itacoatiara, uma das ondas mais fortes do Brasil, chega a lembrar Puerto Escondido.

Em São Paulo, eu aponto a praia de Maresias como a onda mais forte desse lindo litoral. Lugar que recebe o status de pico favorito dos tow-surfers paulistas, e porque não dizer do Brasil, e é onde a galera gosta de surfar e curtir.

Descendo mais a estrada ao Sul do Brasil, ondas de respeito quebram na praia do Silveira, em Garopaba, um bom exemplo de mares épicos. E um pouco mais adiante, a vila de Imbituba também possui uma onda perfeita que me traz boas lembranças. Em 1969, num mar de 12 pés, junto do amigo Maraca e do havaiano Joey Cabell, percebi a importância de estar com o equipamento certo sob os pés. Enquanto Joey dropava com estilo uma Imbituba gigante com uma hawaiano gun, eu passava apuros com uma prancha pequena. Outra coisa que aprendi naquela caída no mar é que temos que saber aonde chegamos nossos limites. Talvez uma onda de 10 pés possa ser o seu limite, mas para um surfista de tow-in, que encara morrancas de 30, 40 pés, não.

Gosto de surfar ondas grandes e faço disso a minha busca, e cuidar do corpo e da mente é fundamental. O conjunto de fatores – preparo, equipamento, constância e inteligência – é o segredo do sucesso, onde a confiança pode ser a alma de uma boa performance. Outro fator é a escolha de bons parceiros, dentro e fora d'água. Quando se está ao lado de surfistas de atitude, pegar know how fica fácil em qualquer tipo de mar. Por isso admiro a galera do tow-in e a forma séria como eles encaram o esporte. Primeiro, por observar o respeito para com os surfistas de remada, e também por reparar no cuidado com os itens de segurança. Surfistas como o Carlos Burle e o carioca Rodrigo Resende treinam muito e são especialistas no resgate, pois o princípio do tow está aí, na competência do piloto.

Hoje, no auge dos meus 50 anos, não baseio meu surf no preparo físico, mas sim na experiência. Entender e respeitar os avisos do oceano é sinal de união com a natureza, pois ela é nossa aliada. E assim como no tow, onde o seu parceiro é o guardião da vida, o surf vira diversão.

A ESCOLA DE SURF **Rico**

HOMENAGEIA PHIL RAJZMAN PELA CONQUISTA INÉDITA DO CAMPEONATO MUNDIAL DE LONGBOARD.



\*Título conquistado pela ASP



Informações / Matrículas  
(21) 2438-1821  
(21) 2438-4096

A Escola de Surf Rico  
pioneira no Brasil.







**COLUNA > Tecnologia** : por **Adriano Vasconcellos**  
colaborou **Marília Besser**

## Surfboard ID

Chip eletrônico de identificação chega às pranchas de surf

No Brasil, a Viking Surfboards já têm mil pranchas com o chip no mercado.

Pioneiros do surf em Santos, litoral sul de São Paulo, os respeitadíssimos irmãos Wolthers, fundadores da Viking Surfboards, contribuíram diretamente para a evolução do esporte nos anos 70, principalmente no que diz respeito à Baixada Santista. Um dos irmãos, Christian, levou a radicalidade do surf de Santos à mídia com suas vitórias em competições, brilhando em meio aos atletas cariocas, característicos do surf daquela época. O outro, John Wolthers, marcou seu surf clássico nas ondas internacionais de Itacoatiara, no Rio de Janeiro, onde morou por um tempo e virou referência do lugar. Mas, essa história da família Wolthers vai muito além das fronteiras nacionais. Aos 20 anos, Christian se casou e foi morar com a família na Dinamarca, um lugar de muito frio e praticamente sem ondas, mas que ditou os rumos de sua vida para sempre. "Uma tempestade polar trouxe ondas para o norte. Quando vi o mar bombando pelo segundo dia consecutivo em plena Dinamarca, não acreditei. Uma área normalmente flat e protegida, apresentando boas ondas. Então, absurdamente fissurado, saí em busca de material para fazer uma prancha", conta Christian, que em poucos dias comprou todo material necessário para fazer a primeira Viking Surfboards. O sucesso de poder pegar ondas na Dinamarca despertou em Christian o dom de shapear blocos, ato que faz desde 1977. Primeiro, começou a fazer pranchas para si próprio, para o irmão, amigos e conhecidos. Depois de algum tempo nasceu oficialmente a Viking Surfboards, com sede em Santos e também nos Estados Unidos.

Precusores no esporte, os Wolthers buscam evolução constante e continuam sendo fundamentais nos avanços dos equipamentos de surf, neste caso por meio das pranchas de surf. Neste ano a Viking inovou mais uma vez e saiu na frente, aderindo ao uso do SBT Eletronic Protection, um chip de rastreamento que em breve deverá dominar o mercado de pranchas de surf. O chip de identificação é fabricado pela Surfboard Tracker (SBT), uma empresa inglesa que nos últimos anos vem ampliando investimentos em pesquisa atrás de avanços em tecnologia do esporte.

ao lado, **Andrew Smith**, Surfboard Tracker / Viking Surfboards, aprova seu equipamento no **Marrocos**

A Surfboard Tracker foi fundada pela Holding ABM Associates Ltd, empresa inglesa que desenvolveu uma fórmula de ação integrada de produtos e serviços que pretende revolucionar a indústria do surf e de outros esportes radicais, no que diz respeito a produtos e sistemas de segurança. Prova disso é o chip, que já está sendo usado também em pranchas de snow e wakeboard, kite e wind-surf, além de esquis para neve, e em bikes de freestyle.

No caso das pranchas de surf, o chip é implantado no momento em que o shaper ou designer está trabalhando sobre o bloco na confecção da prancha, sendo instalado cerca de meio centímetro para o interior da base, no local escolhido; isso sob a espuma. Em seguida, antes do despejo da resina, é sobreposta uma 'seda' da marca com o logo da SBT, que servirá de ponto de identificação do local do chip depois da prancha laminada, isto é, o ponto de referência para um possível scanner do microchip.

O chip contém informações específicas sobre o produto. Quando energizado pelo impulso elétrico do scanner oferecido aos lojistas, o chip envia de volta ao aparelho os dados sobre a prancha, exibindo as informações codificadas no visor do aparelho. Esse procedimento confirma a originalidade do equipamento, dificultando a ação dos falsificadores.

No Brasil, a Viking Surfboards já possui cerca de mil pranchas colocadas no mercado. Christian Wolthers mostra-se empolgado com a novidade e aponta os motivos: "A SBT identifica o primeiro comprador do chip. Quando a Viking adquire um lote de chips e os instala nas pranchas, isso fica registrado no banco de dados global da empresa, que mostra qual foi a companhia que os comprou e, conseqüentemente, em que pranchas vai usar". Christian diz que essa pode ser a principal utilidade do no acessório, pois oferecerá segurança aos lojistas e ao usuário final. "Ao se inserir o número de série de um chip no site da SBT, será possível ver que ele realmente pertence a Viking. Dessa forma, pranchas com shapes e logos falsificados serão facilmente identificadas, pois o chip é único e não tem como ser adulterado, já que é super-resistente e seguro." O presidente da Viking Surfboards Inc. USA diz também que o sistema é eficiente no rastreamento das pranchas roubadas, já que a SBT possui ligação com a Interpol.

O novo dispositivo eletrônico também oferece outras opções. Todas as informações referentes a determinada prancha estarão armazenadas no banco de dados da SBT, e podem ser facilmente resgatadas pelo proprietário. "Você pode acessar o site e ter as informações do seu foguete em qualquer lugar do mundo, e fazer outra idêntica ou pegar essa referências para fazer uma nova prancha que lhe agrade naquele momento", diz Paulo Bittencourt, diretor de Produção da Viking. Mas Biteca, como também é conhecido, aponta outro benefício de se ter uma prancha com o chip, que é encontrá-la após um extravio, muito comum em aeroportos e transportadoras. "Com o chip da SBT, a prancha poderá ser rapidamente identificada e voltar ou seguir seu rumo preestabelecido", afirma o santista, que revela o grande chamariz para o produto: "No exterior, principalmente nos Estados Unidos, já é grande o interesse dos fabricantes de pranchas e das seguradoras em firmarem parcerias". Biteca conta que países como a Venezuela e alguns outros da América Central são usados para a comercialização de pranchas falsificadas, enganando surfistas e lojistas, uma prática que está se tornando comum por lá. "A codificação de identificação da SBT funciona como a numeração do chassi de um automóvel. A identificação digital que consta no chip permite distinguir o produto autêntico do falsificado, e comporta todas as informações que o proprietário deseja."

Com as novidades e os avanços tecnológicos dos equipamentos da indústria do surf, podemos pensar que não será estranho que logo-logo esteja disponível aos surfistas o documento oficial de suas preciosas 'bóias'.

[www.vikingsurfboards.com.br](http://www.vikingsurfboards.com.br) / [www.surfboard-tracker.com](http://www.surfboard-tracker.com)

# VIKING

## SURFBORD

Apresenta ao Brasil.  
O DNA de sua prancha.



[WWW.SURFBORD-TRACKER.COM](http://WWW.SURFBORD-TRACKER.COM)



ELECTRONIC PROTECTION

para abrindo mais entre  
no site:  
[www.surfboard-tracker.com](http://www.surfboard-tracker.com)

*(Vertical text on the right side of the page)*  
www.vikingsurfboards.com





# MEIO



a direita, **Kiko Horácio**, flora de Itamambuca  
acima, **Tiago Matulia**, acabamento fino

**COLUNA > Meio ambiente** : por **Adriano Vasconcellos**

## Prancha oca

Na flora de Itamambuca nasce a prancha de madeira ecológica do Brasil

A Flora Surfboards nasceu no município de Ubatuba da parceria dos surfistas Tiago Matulia, desenhista industrial e artista gráfico, e Kiko Horácio, caprichoso carpinteiro e marceneiro, dois board-riders que voltaram no tempo inspirados no mito havaiano Tom Blake, dedicado homem do mar, ídolo em seu tempo, que trouxe contribuições marcantes e ditou novos rumos ao 'esporte dos reis'. Surfistas, Tiago e Kiko criaram a prancha oca de madeira, que pode ser considerada hoje a prancha 'mais ecológica do Brasil'.

Tom Blake, no final dos anos 1920, desenvolveu um projeto de confecção da prancha oca e revolucionou o surf. Enquanto uma 'ollo' havaiana chegava a pesar até 150 quilos, Blake continuou usando madeira como matéria prima na produção da nova prancha, mas desenhou sua constituição oca, o que reduziu o peso da prancha para 25-35 quilos, tornando o esporte mais acessível.

O havaiano estudou os ancestrais e desenvolveu uma série de pranchas de surf e de remada, que resultou no melhor equipamento do mundo entre o final das décadas de 1930 e início de 1940. Tom Blake, pioneiro do surf moderno, esportista artista surfista, também foi o surfista que adaptou a primeira quilha sobre uma prancha de surf, dimensionando mais uma vez o esporte. E após esse período da era Blake, com o advento da espuma de poliuretano e da fibra de vidro, as pranchas ganharam uma leveza nunca vista antes, proporcionando rápidos avanços em design e performance. Depois, a construção naval desenvolveu a resina epóxi com boas qualidades de estrutura e peso, sendo que, quando aplicada sobre a madeira, podem-se alcançar ótimos efeitos.

Apoiados nas criações de Blake, a Flora Surfboards desenvolve hoje a prancha de surf que pode ser considerada a 'mais ecológica do Brasil'. Tiago Matulia, o idealizador, estudou o melhor formato de junção desses materiais e, com a sua experiência profissional, decidiu construir as próprias pranchas de uma forma que pudesse interagir mais com a natureza local de Ubatuba, no caso com a valiosa flora de Itamambuca. "Hoje em dia, podemos construir pranchas

ocas de madeira como há 100 anos, somadas a modernidade do design atual de rocker, tamanho, flutuação, borda, edge e fundo, buscando uma leveza impressionante", diz o romântico do esporte que ainda exalta as qualidades de sua 'obra', com a qual ele afirma que se pode alcançar excelentes resultados em performance, caso o surfista se adapte à 'hollow wood surfboard'.

"Remada, flutuação, inércia, projeção, linha e velocidade. Isso define o feeling do surf com uma prancha de madeira. A sensação é que se está sobre uma prancha viva. O toque é quente mesmo na água fria, e o oco amplifica as vibrações entre a superfície da água e a planta dos pés, melhorando a ação do surfista na leitura da onda." Mas, o desenhista industrial faz questão de ressaltar que tudo o que já foi falado é só um detalhe, pois o foco principal do seu projeto é a saúde da natureza local, do planeta.

As árvores utilizadas na produção da Flora Surfboards de Itamambuca são extraídas da mata Atlântica quando estão caídas por razões de tempestades ou morte natural. "Outro dia um amigo me perguntou: Como essas pranchas podem ser ecológicas se estão contribuindo para o desmatamento? Respondi que em uma nova sociedade de consumo, onde as pessoas consomem de uma forma mais consciente, os produtos estão sendo julgados não apenas pela qualidade, durabilidade e preço, mas também por critérios éticos, ecológicos e de justiça, e é nisso que está centrado nosso trabalho."

As pranchas da Flora Surfboards possuem o Selo Verde da FSC Brasil – [www.fsc.org.br](http://www.fsc.org.br), um rótulo cedido apenas a produtos que atendem a um conjunto de normas preestabelecidas pela instituição, o que comprova que as pranchas são originárias de reflorestamento ou de manejo sustentável, que respeitam o meio ambiente e as populações ao seu redor. "Como na mitologia hindu, Shiva, o Deus da Destruição, está sempre acompanhado por Parvati, Deusa da Criação, que inicia um novo ciclo em nossa caminhada terrena. Essa é a nossa busca. Como diz meu parceiro Kiko Horácio: a imperfeição resgata a individualidade".

**PHASE**

**DUSK**

**MICK FANNING**

**TRANSIT**

**PINUP**

**DRAGONALLIANCE.COM**

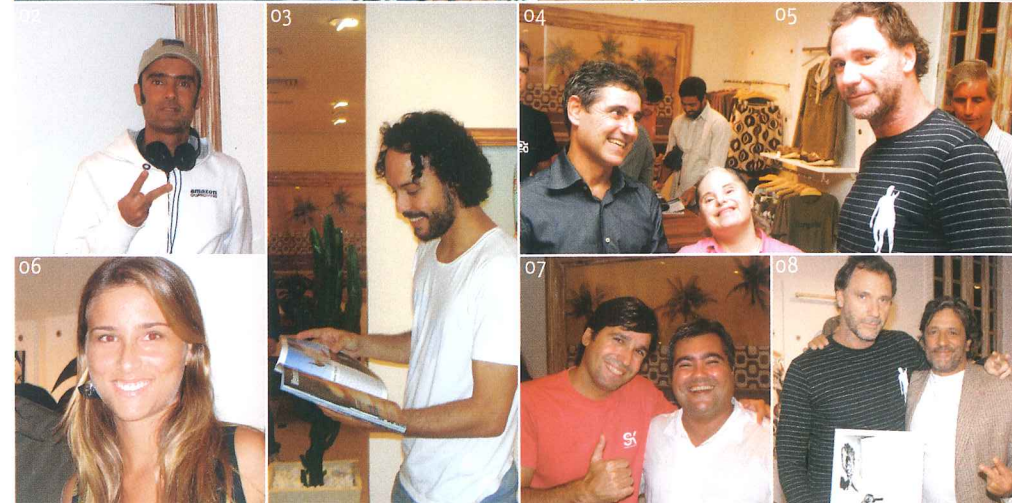
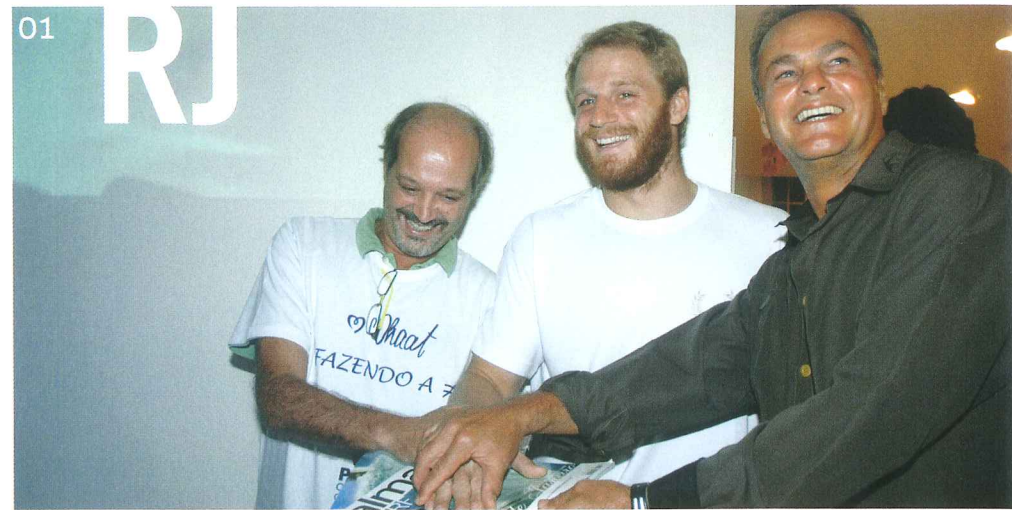


# Alma lançamentos

Confira os lançamentos da *Alma Surf* especial RJ, e do livro *Alma Santista* de Jair Bortoleto

A *Alma Surf*, um projeto claro, homenageia mais uma vez as cidades do Rio de Janeiro e de Santos, DNA's da cultura de surf e de praia do Brasil. Com o lançamento da edição especial "Rio de Janeiro, a cidade de praia do mundo", e do livro *Alma Santista*, autoria de Jair Bortoleto, celebramos as nossas origens maravilhosas. Os dois lançamentos foram festejados com as melhores pessoas e nos melhores lugares, marca registrada da *Alma Surf*, e marcaram para sempre a história do surf nacional. No Rio, com a vencedora presença do novo campeão mundial de longboard Phil Rajzman, recebemos no Brazilian Soul, novo espaço cultural da Osklen em Ipanema, o que há de melhor do surf carioca. Em Santos, na Pinacoteca Benedito Calixto, todas as gerações de surfistas santistas compareceram e prestigiaram o que há de melhor na cidade que possui a cultura de praia mais original do Brasil, o surf.

Romeu Andreatta



01. Campeões: André de Biase, Phil Rajzman, e Kadu Moliterno 02. Marcos Bocaiuva 03. Gabriel O Pensador 04. Maritmo e Martina 05. Oskar Metsavaht 06. Marília Besser 07. Serginho e Andrés Pinilla 08. Oskar Metsavaht e Paulo Proença 09. O maior encontro de fotógrafos de surf do Brasil; Daniel Ferrentini, Minduim, Bidu, Roberto Price, Fedoca, Luiz Blanco, Pedro Tojal e Beto Paes Leme 10. Romeu Andreatta, Kadu e Lanai Moliterno e André de Biase



01. Pinacoteca Benedito Calixto, Santos 02. Valdir Lanza, Romeu Andreatta, prefeito João Paulo Tavares Soares Papa e Roberto Santini 03. José Augusto, Natural Art e Silvério, Federação Paulista de Surf 04. Cláudio Martins e Ieda com os irmãos Twins 05. Almir e Picuruta Salazar 06. Maurício Moreira e Zé Maria 07. Carolina Vasconcellos 08. Romeu Andreatta e Margo Rittscher, primeira surfista do Brasil 09. Piu Pereira e Jair Bortoleto 10 e 11. Adriano Vasconcellos, Paulo Espinoza, Marília Besser, Maria Andreatta e Fabio Pilch: Alma Surf Team 12. Tino da Stanley e Romeu Andreatta 13. Irmãos Wolthers, Viking Surfboards 14. Paulinho da Antiqueda e Picuruta



# CÓSMICO

**COLUNA > Surf Cósmico** : por Taiu Bueno

## Evolução e retrocesso às raízes

O surf, além de esporte, é uma intensa terapia

O surf ajuda as pessoas a serem mais felizes. O ato de surfar, ou mesmo de apreciar as ondas, é algo que adoça a vida, relaxa e inspira.

No meio dessa vida veloz de cotidiano intenso e tecnologia frenética, feliz é aquele que pode surfar regularmente, aquele que pode respirar a brisa do cheiro do mar e o cheiro da pele queimada pelo sol. O ato de assistir as ondas quebrando, azul, perfeita, já nos ajuda a tranquilizar o espírito.

Desde o início do aparecimento do surf, que ninguém sabe exatamente quando ou quem começou, nos ensina que os reis polinésios ou os antigos peruanos deslizavam sobre as ondas pela simples alegria e prazer de acelerar sobre uma onda.

O nascimento e a evolução desse esporte se deram a longo dos tempos, mas cresceu mesmo no Século XX.

O Duke Kahanamoku, campeão olímpico de natação em 1912, de sua casa em Waikiki Beach foi um dos principais divulgadores e embaixadores do surf no mundo.

Uma das principais evoluções iniciais aconteceu com as pranchas, que de grandes 'tocos de madeira' foram se transformando em ocas, mais uma vez em sólidas madeiras, até a descoberta de novos materiais.

Após a II Guerra Mundial, as pranchas passaram a ser de resina e poliuretano, que foi a grande mudança. Até então longboards, a partir dos anos 60, no início das competições e torneios mundiais, o clássico deu lugar ao radical e as pranchas começaram a diminuir, deixam aos pranchões uma certa nostalgia, e surgiu então as mini-models, e outras, e outras...

Nos anos 70 e início dos anos 80 foram os modelos e combinações de quilhas que evoluíram. Depois das pranchas de uma única quilha, surgiram novos modelos e combinações de laminas (quilhas) que as transformou em foguetes.

Passamos por biquilhas, as bonzers com estabilizadores e concave no fundo da prancha, até chegáramos de vez nas três quilhas. Porém, com todas as mudanças e ajustes e acertos e erros, a alegria de deslizar, o drop numa onda grande, o tubo, são sensações que não mudaram, pois cada um sente de jeito.

As competições, o critério de julgamento, os shapes, o refinamento das pranchas, as manobras, e até a linha surfada atualmente, onde são possíveis aéreos, evoluíram muito nos últimos 20 anos.

O aparecimento dos computadores, as previsões precisas das ondas por meio da Internet, transmissões de baterias ao vivo em lugares exóticos, o jet-ski, o tow-in, nos jogam a novos limites, que foram a grande transformação do esporte.

Tudo isso, condensado e misturado ao crowd de surfistas, que sempre existiu e que só aumenta, gera uma correria em excesso atrás de informação criando uma ligação estranha com mundo virtual, numa busca pelo simples, pelo natural, muitas vezes resgatando origens, moldando o momento há uma certa tendência de retro. Somos remetidos ao tempo em que o barato era apenas ter um raio cortando o deck. Por outro lado, a sensação de surfar junto dos ídolos mundiais nos melhores pontos do planeta, nos oferece adrenalina suficiente para buscar a próxima onda.

O retrocesso às raízes, a busca pela onda perfeita, o surf pelo puro prazer, o surf de alma, numa praia sem antenas, wifires ou modems, sem celulares, sem crowd nem relógios, mesmo que seja em um mundo atual, somente dentro de sua cabeça sem fechar os olhos para o novo, pode ser o barato, o legal.

Essa é a real vibe do surf e da vida.

O prazer e a satisfação que existe na simplicidade das coisas.

Aloha

108 ALEKO STERGIOU

CHARLIE  
BROWN



SOLO

VIBE

Central de vendas: (011) 5951-6848 • mkvibe@sunguide.com.br • Foto por Gennari



# 25 anos e a nossa estrela continua brilhando...

Desde 1982 a Star Point possui um único foco, que é o de trazer aos seus clientes as melhores marcas, os melhores produtos destas marcas e a melhor forma de combiná-los e utilizá-los. Nestes 25 anos apoia e patrocina o Surf com o mesmo carinho e dedicação que dedica a cada dia aos seus clientes.



## Surf Shop For Real Surfers

### São Paulo:

Moema - 11 5561.1504  
Sh. Anália Franco - 11 6672.2687  
Sh. Eldorado - 11 38 12.1030  
Sh. Jardim Sul - 11 3501.8388  
Sh. Metrópole - 11 4124.7717  
Sh. Villa-Lobos - 11 3022.2657  
Sh. West Plaza - 11 3873.9349  
Sh. Morumbi - 11 5181.1540  
Sh. Metro Boulevard Tatuapé - 11 6225.7070  
Mogi Shopping - 11 4799.9283

### Campinas:

Sh. Iguatemi - 19 3294.5301

### São José dos Campos:

Sh. Colinas - 12 3921.3330

### Guarujá:

Praça das Pitangueiras - 13 3382.2427

### Florianópolis:

Sh. Iguatemi - 48 3239.8333

### Rio de Janeiro:

Rio Sul - 21 2295.1682  
BarraShopping - 21 3089.1020  
Plaza Niterói - 21 2719.8691  
NorteShopping - 21 2592.6361  
Shopping Leblon - 21 3138.8777

### Breve novas lojas:

Shopping Tijuca / RJ  
Shopping bourbon / SP

### Loja Virtual:

[www.starpoint.com.br](http://www.starpoint.com.br)  
Franquias: 11 5053.4365

1ª Loja Star Point

# 25 anos





# ARPOADOR CLÁSSICO

Surf, cultura e meio ambiente.

[www.osklen.net/arpoador07](http://www.osklen.net/arpoador07)



oceans

OSKLEN SURFING

ARPOADOR  
SURF CLUB  
Rio de Janeiro - Brasil

REVISTA  
AlmaSurf